



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

HIAGO VACCARO MALANDRIN

**SOBRE RAYMOND WILLIAMS E A PERSPECTIVA
DE NATUREZA:**

A circulação transatlântica de *O Campo e a Cidade* no Brasil (1989 – 2019)

CAMPINAS

2021

HIAGO VACCARO MALANDRIN

**SOBRE RAYMOND WILLIAMS E A PERSPECTIVA
DE NATUREZA:**

A circulação transatlântica de *O Campo e a Cidade* no Brasil (1989 – 2019)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Educação.

Supervisor/Orientador: Prof. Dr. Alexandro Henrique Paixão

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DE DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO HIAGO VACCARO MALANDRIN, E ORIENTADA PELO PROF. DR. ALEXANDRO HENRIQUE PAIXÃO.

CAMPINAS
2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

M291s Malandrin, Hiago Vaccaro, 1992-
Sobre Raymond Williams e a perspectiva de natureza : a circulação transatlântica de O Campo e a Cidade no Brasil (1989-2019) / Hiago Vaccaro Malandrin. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Alexandro Henrique Paixão.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Williams, Raymond, 1921-1988. 2. Vida urbana na literatura. 3. Vida rural na literatura. 4. Natureza. I. Paixão, Alexandro Henrique, 1978-. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Raymond Williams and the perspective of nature : the transatlantic circulation of The Country and the City in Brazil (1989-2019)

Palavras-chave em inglês:

Williams, Raymond, 1921-1988
Urban life in literature
Rural life in literature
Nature

Área de concentração: Educação

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Alexandro Henrique Paixão [Orientador]
Mariana Miggiolaro Chaguri
Carmen Lucia Soares

Data de defesa: 19-05-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0002-7521-3452>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3574623694440467>

Agência de fomento:

Fundação de Amparo da Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP; Nº do Proc.: 2019/00323-0

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**SOBRE RAYMOND WILLIAMS E A PERSPECTIVA
DE NATUREZA:**

**A circulação transatlântica de *O Campo e a Cidade* no Brasil
(1989 – 2019)**

Autor: Hiago Vaccaro Malandrin

COMISSÃO JULGADORA:

Alexandro Henrique Paixão
Mariana Miggiolaro Chaguri
Carmen Lucia Soares

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

2021

A meus avós, Pedro Vaccaro e Mariliza Francisco

*“a melhor parte da vida de um homem bom,
Seus pequenos atos, anônimos e esquecidos,
de bondade e de amor.”*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de iniciar minha escrita lembrando daqueles que contribuíram direta ou indiretamente com a pesquisa. Meus profundos agradecimentos aos amigos e familiares que me acompanharam nessa trajetória: Alam Silva, Bruna Yumi Sato, Bruno Alves de Oliveira, Camila Antunes, Camila Ribeiro, Evelyn Magalhães de Oliveira, Fábio Cassola, Guilherme Biondi, Henrique Puglia, Hiane Vaccaro Malandrin, Iara Jane Aquino, Igor Bitencour, José Ricardo Beltramini, Laura Freitas, Letícia Nicolau, Lucas Cavalcante de Barros, Maicon Nogueira, Mariana Carvalho Murad, Mariana de Souza Campos, Miguel Felipe Rodrigues, Patrícia Amorim, Paulo César Massuci, Pedro Henrique Razera, Sandra Feitoza, Suzimeire Vaccaro, Thaissa Nascimento Feitoza, Ubirajara Santos, Yasmim Camardelli.

Agradeço aos colegas do Laboratório de Estudos de Cultura, História, Educação e Sociologia e Psicanálise – LECHESP e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Diferenciação Sociocultural – GEPEDISC. Obrigado também aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICAMP, em especial Anderson Trevisan, Andre Luiz Paulilo e Fabiana de Cassia Rodrigues que ajudaram a pensar sobre meu projeto de pesquisa durante as disciplinas cursadas. Agradeço ainda aos diversos funcionários e instituições que me apoiaram durante a pesquisa: Faculdade de Educação – FE/UNICAMP e Biblioteca Prof. Joel Martins.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP pelo financiamento ao longo da pesquisa (processo FAPESP nº 2019/00323-0).

Meu agradecimento especial a Alexandro Henrique Paixão pelos anos de orientação e pela presença ao longo desse impulso de pesquisa que durou longos dois anos. Agradeço o cuidado e o estímulo, bem como todo apoio durante cada uma das etapas dessa pesquisa.

Agradeço, por fim, e não menos importante, as professoras Carmen Lúcia Soares e Mariana Miggiolaro Chaguri por aceitarem participar deste trabalho compondo a banca de qualificação e defesa.

RESUMO

Esta pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (processo FAPESP nº 2019/00323-0) procura investigar a circulação do livro *O Campo e a Cidade: na história e na literatura* (1973) do autor galês Raymond Williams (1921-1988) a partir de sua primeira tradução para o vernáculo em 1989. Os dados encontrados nos acervos online consultados indicam que no Brasil a produção de Williams tem presença destacada nas bibliotecas universitárias públicas e privadas. Para entender a circulação do livro, primeiro mapeamos a presença de obras do autor no Brasil e efetuamos um estudo do papel da ideia de natureza na obra de Raymond Williams, que parece ter atraído frações de leitores brasileiros interessados no problema do contraste entre campo e cidade. Os dados apontam para hipótese de que o livro encontrou no Brasil um ambiente intelectual favorável à sua recepção, uma vez que partindo de um debate mais amplo sobre a produção nacional, constatamos que, o contraste entre o mundo rural e o mundo urbano, tão presente em *O Campo e a Cidade*, é central dentro do pensamento social brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Raymond Williams; Circulação Transatlântica de Ideias, Cidade; Campo; Natureza.

ABSTRACT

This Masters research financed by Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (grant #2019/00323-0, São Paulo Research Foundation – FAPESP), intends to investigate the circulation of the book ‘O Campo e a Cidade: na história e na literatura’ (1973) by the welsh author Raymond Williams (1921-1988) in Brazil, starting from the date of its first translation to Portuguese in 1989. The data we found found in the consulted online collections indicate that Williams' work in Brazil has outstanding presence in both public and private universities' libraries. To better understand the circulation of the book, we mapped the presence of this author in Brazil and then conducted a study in what is the meaning of "nature" as a concept in Raymond Williams's works, which seem to have attracted a following of readers whom are interested in the contrasting issues of countryside and city. The data hereby presented lead us to the hypothesis in which the book has found an intellectual ambiance favorable to its reception, and once we began a deeper discussion about the national intellectual production, we have found that the contrast between countryside and urban worlds, so prominent in ‘O Campo e a Cidade’, is central to the social thinking in Brazil.

KEY WORDS: Raymond Williams; Transatlantic Circulation of Ideas, City; Countryside; Nature.

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Presença das obras de Williams em acervos universitários brasileiros (2019)	23
Tabela 02 – Distribuição regional de obras de Raymond Williams em grupos de intencionalidade (1989 – 2019)	25
Tabela 03 – Obras de Raymond Williams com volume superior a 100 exemplares nos acervos universitários em acervos brasileiros (1989 – 2019)	27
Tabela 04 – Exemplares de o <i>Campo e a Cidade</i> em Acervos universitários brasileiros (1989 – 2019)	33
Tabela 05 – Exemplares de o <i>Campo e a Cidade</i> em Acervos universitários da região Sudeste (1989 – 2019)	104
Tabela 06 – Produções acadêmicas que apresentam Raymond Williams nas referências bibliográficas – UNICAMP, USP e UNESP (1989-2020)	108

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Norte (2019)	34
Figura 02 – Distribuição de exemplares por municípios – Centro-Oeste (2019)	35
Figura 03 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Nordeste (2019)	35
Figura 04 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Sul (2019)	36
Figura 05 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Sudeste (2019)	36
Figura 06 – Distribuição dos exemplares de <i>O Campo e a Cidade</i> no Brasil (2019)	37
Figura 07 – Distribuição dos exemplares das edições de 1989, 1900, 2000 e 2011 de <i>O Campo e a Cidade</i> no Nordeste e Sudeste (2019)	42
Figura 08 – Distribuição dos exemplares de <i>O Campo e a Cidade</i> : região Sudeste	103
Figura 09 – Distribuição dos exemplares das edições de 1989 e 1990 de <i>O Campo e a Cidade</i> nas regiões Sudeste e Nordeste	105
Figura 10 – Distribuição dos exemplares das edições de 2000 e 2011 de <i>O Campo e a Cidade</i> nas regiões Sudeste e Nordeste	106
Figura 11 – Distribuição temporal de produções acadêmicas que apresentam <i>O Campo e a Cidade</i> nas referências bibliográficas – UNICAMP, USP e UNESP (1989-2020)	109

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I	
A circulação de <i>O Campo e a Cidade</i> nos acervos universitários brasileiros	20
1.1 A presença Raymond Williams em acervos universitários nacionais	22
1.2 Um estudo cartográfico de <i>O Campo e a Cidade</i> no Brasil	32
CAPÍTULO II	
A perspectiva de Natureza em Raymond Williams	45
2.1 A perspectiva de natureza em <i>O Campo e a Cidade</i>	51
2.2 A perspectiva de natureza e a ideia de cultura	64
CAPÍTULO III	
A recepção de <i>O Campo e a Cidade</i> no Brasil	85
3.1 O ambiente cultural e intelectual brasileiro que antecede 1989	87
3.2 <i>O Campo e a Cidade</i> no Sudeste e o processo de difusão do livro	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
Referências Bibliográficas	114
APÊNDICE	
a. Listagem dos acervos universitários consultados.....	116
b. Títulos do grupo “Estudos culturais e literários” presentes nos acervos universitários consultados	124
c. Lista dos acervos universitários que sediam uma ou mais exemplares de <i>O Campo e a Cidade</i>	126
d. Dados gerais da presença de livros de Raymond Williams no Brasil	133
e. Dados gerais da presença de <i>O Campo e a Cidade</i> no Brasil	151
f. Listagem das produções acadêmicas consultadas que apresentam títulos de Raymond Williams nas referências bibliográficas	156

INTRODUÇÃO

Em *O Campo e a Cidade: na história e na literatura* (1973), Raymond Williams (1921-1988) se volta ao estudo da contrastante narrativa inglesa em torno da relação entre campo e a cidade na cultura europeia por meio de uma investigação histórica e literária, como indicado no subtítulo do livro. Nos termos do autor, “campo” e “cidade” são palavras muito poderosas, o que não é de se estranhar se considerarmos o quanto elas representam nas mais variadas formas de experiência e vivência em sociedade. Williams, ao repensar a longa história das comunidades humanas, observou como sempre esteve bem evidente a associação entre a terra da qual nós, direta ou indiretamente, extraímos nossa subsistência, e a terra de onde as realizações da sociedade humana insurgem, sendo a cidade a principal dessas realizações, e percebemos que para nós não é diferente. A assertiva de Williams é bastante contundente quando lembramos que vivemos num país de organização basicamente agrária que se realizou em torno do campo e suas adjacências, tornando cada vez mais próxima a relação entre o mundo urbano e o mundo rural.

A edição no vernáculo do livro que estudamos é uma tradução direta do original *The country and the city*, em que o termo inglês “country” pode significar tanto “país” quanto “campo”, enquanto “the country” pode fazer referência a toda sociedade ou apenas sua parcela rural. Nesses termos, iremos operar de forma similar a Williams para pensar como *O Campo e a Cidade* circula no Brasil. Isto porque “campo” em seu sentido mais vasto na língua portuguesa, pode significar, desde uma extensão de terra cultivável, até toda uma área do conhecimento humano. E será esse nosso esforço de pesquisa: problematizar como o livro *O Campo e a Cidade* foi recepcionado no Brasil. A indagação apresentada desdobra-se em dois caminhos de pesquisa. Primeiro precisamos entender como se configura a distribuição geral de obras de Williams no Brasil. Para isso, iremos mapear os livros do autor nos acervos universitários brasileiros públicos e privados. Em segundo lugar precisamos refletir sobre os sentidos de natureza na obra de Williams, conceito este que parece ser central na produção do autor. Esse segundo desdobramento, somado aos dados a serem apresentados, nos leva a imaginar que o livro encontrou no Brasil, no momento de sua tradução, um ambiente favorável e preformado interessado na articulação dos estudos brasileiros à problemática do rural e do urbano.

Neste trabalho imaginaremos a situação em que o livro circula no Brasil como uma “comunidade imaginada”. O conceito de Benedict Anderson faz menção ao modo como

comunidades, organizações e sociedades constroem narrativas em torno daquilo que as define, sendo esse processo realizado e encerrado na língua escrita. Faremos o mesmo aqui, no estudo dos papéis e da narrativa nacional sobre como Raymond Williams encontra espaço no pensamento social brasileiro, particularmente no momento em que suas obras começaram a ser traduzidas no vernáculo por diferentes editoras – Companhia Editora Nacional, Vozes, Paz e Terra, Zahar, PUC-Minas, Companhia das Letras, Boitempo, Cosac-Naify e Unesp –, e também pesquisas acadêmicas começaram a ser produzidas. Nossa hipótese é que a tradição de estudos rurais e urbanos fundada por expoentes do pensamento social brasileiro, como Gilberto Freyre e Antonio Candido, principalmente, construiu um ambiente intelectual favorável para a formação de um corpo acadêmico nacional preocupado em estudar sobre o campo e a cidade na história e na literatura.

O raciocínio apresentado por Williams em *O Campo e a Cidade* é construído como um estudo da mimesis, discutindo como as diferentes representações dos espaços rurais e urbanos foram estabelecidas no tecido literário inglês a partir do século XVI, tendo em vista os diferentes contextos históricos, sociais e também políticos sob os quais a literatura registrou. O contraste entre as representações de campo e de cidade, entretanto, não era somente uma escolha objetiva para Williams, posto que esta se tratava também de uma questão pessoal ao autor, o qual nos conta em *O Campo e a Cidade* como cresceu em uma aldeia de caráter mais ruralizado, na fronteira do País de Gales com a Inglaterra, e partiu posteriormente para uma outra aldeia, mas de caráter mais urbanizado, em Cambridge. Williams era, enfim, um homem cuja experiência pessoal e intelectual encontrava-se associada tanto ao campo quanto à cidade e seu livro retrata esse conjunto de experiências.

Ao selecionarmos uma parte distinta da produção intelectual de Raymond Williams é importante mencionarmos que nos deparamos, à princípio, com um dilema muito mais histórico do que metodológico. Quando lemos acerca da recepção do autor galês no Brasil, comumente também lemos sobre a recepção dos estudos culturais em solo nacional a partir da década de 1990, em especial a recepção de Williams à disciplina de estudos culturais, tendo como referência histórica o congresso organizado pela Associação Brasileira de Literatura Comparada, Abralic, no ano de 1998. Entretanto, esta é uma história que não condiz com aquilo que esta pesquisa irá apresentar, pois, como iremos ainda apontar, localizamos a recepção de Williams muito antes e sob outra perspectiva. Procuramos, portanto, situar nosso autor como fundamental para outros estudos que em alguma medida dialogam com aqueles centrados no debate da cultura habitualmente associados a Williams, estudos estes que parecem carregar modelos e traços que são regulares também nos estudos brasileiros contemporâneos. Em um

rápido balanço destes estudos brasileiros, podemos ver como a produção de Williams tangencia diferentes campos do conhecimento na produção intelectual nacional, de modo que o aquilo que nos interessa aqui é entender como parte da obra de nosso autor, o livro *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*, circulou e circula no Brasil.

Da mesma forma que encontramos um número massivo de trabalhos nacionais pautados na obra do autor galês, reconhecemos também a expressiva parcela destes que apresenta *O Campo e a Cidade* como obra de referência, o que nos levou a questionar o ineditismo de nossa escolha, visto que temos conhecimento de uma série de pesquisadores e pesquisas que antecedem o estudo aqui apresentado e que se pautam, sobretudo, na apreciação da temática dos estudos culturais e da obra de Williams no Brasil. Posicionamos assim nossa pesquisa como uma decorrência desses primeiros esforços em entender e localizar a recepção de Raymond Williams no contexto nacional, mas procuramos ir além, tendo aqui *O Campo e a Cidade* como nosso objeto de pesquisa, sob o qual construímos a hipótese de que o livro parece importante também para compor *um* debate sobre a questão do rural e do urbano no Brasil. Ao mencionarmos que o livro tem centralidade na hipótese proposta, temos, na verdade, dois critérios que se fazem fundamentais para essa indicação. O primeiro, numérico e pautado nos dados da presença do autor em território nacional, é que o livro parece importante tendo em vista sua presença no Brasil, o que nos leva ao segundo critério. O segundo, tratando-se propriamente da temática do livro centrada na questão do rural e do urbano – que é indispensável quando a aproximamos do contexto nacional que antecede a tradução de *O Campo e a Cidade* para o vernáculo –, nos permiti notar como o livro parece ser recepcionado em um momento favorável a esta temática no cenário intelectual brasileiro.

Para lidar com o problema da recepção e da presença do livro em solo nacional precisamos, antes de tudo, definir um recorte observável. Selecionamos assim trabalhar com acervos universitários, uma vez que estes, além de reter a maior parte da produção de Williams que circula nacionalmente – tanto em idioma original quanto a traduzida para o vernáculo –, concentram a multiplicidade de trabalhos acadêmicos que se apropriam da discussão conceitual contida em *O Campo e a Cidade*. Estipulado o recorte geral da pesquisa, decidimos nos utilizar do *Atlas do Romance Europeu (1800-1900)*, livro de Franco Moretti, como aporte metodológico para a análise e discussão dos dados gerais, de modo a averiguarmos se nosso objeto de pesquisa realmente apresentava uma presença massiva no cenário universitário nacional. Mencionada a estrutura que teremos como referência para apurar presença do livro, cabe comentar sob qual perspectiva abordaremos o segundo problema de nossa pesquisa, que faz menção à discussão mais geral entre a discussão do contraste entre o mundo urbano e o

mundo rural presente no livro do autor galês. Para isso, de partida, voltaremos nossa atenção à produção de Williams sob um olhar mais amplo, colocando em diálogo as representações de campo e de cidade com outras formulações do autor que perpassam tanto o livro aqui estudado quanto os trabalhos que se derivam dele. Se faz importante mencionar que sempre tentaremos manter em vista os diferentes contextos geográficos com os quais estamos tratando, ou seja, ainda que se trate de um livro publicado em 1973 na Grã-Bretanha, o trabalho aqui apresentado localiza-se em um outro espaço e em um outro tempo, iniciando com a recepção do livro no Brasil a partir de 1989 com a tradução para o vernáculo, e permanecendo ativo nos trabalhos que se basearam na circulação do impresso, ambos momentos diferindo-se do contexto de escrita em solo europeu. Este reconhecimento e ênfase na diferenciação temporal e geográfica se fazem necessários porque, ao nos propormos a analisar como as ideias contidas no livro migram e são apropriadas no Brasil, temos que a maneira com que se pode dar desenvolvimento à esta análise é por meio da busca de pontos de convergência entre as representações históricas e literárias contidas em *O Campo e a Cidade* e os parâmetros culturais e sociais construídos nacionalmente em torno dessas mesmas representações no fim do século XX. Propriamente sobre a construção do cenário nacional comentado, nos utilizamos majoritariamente de Antonio Candido e Gilberto Freyre, bem como de seus intérpretes, e os colocaremos em paridade ao diálogo referente à recepção do livro neste contexto fazendo uso do livro *Uma literatura nos trópicos*, de Silviano Santiago.

Como comenta Maria Elisa Cevasco sobre o exercício de situar e estudar Williams no Brasil, a autora diz que “Não se trata de um estudo comparado de influências, mas de encontrar as semelhanças entre projetos e formações comparáveis”.¹ A proposta que temos, portanto, não é a de averiguar minuciosamente como o projeto intelectual de Williams contido em *O Campo e a Cidade* com marcas “de um país central e exportador de ideias e modos é imitado”² no Brasil – até porque não concordamos com essa ideia –, mas sim de procurar entender nosso espaço nacional como um ambiente de construção de ideias bastante originais sobre o mundo rural e o mundo urbano, que vieram a coincidir com a chegada do livro de Williams em território brasileiro. Isto porque, quando pensamos no espaço e na história do Brasil, estamos falando na verdade de um espaço diverso e múltiplo, resultado de processos históricos diferentes e bastante circunscritos. O que procuramos expor ao citar essa aproximação entre a produção de Williams e a situação brasileira no contexto da década de

¹ CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.p. 175.

² CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre os estudos culturais*. *Op. cit.*, p. 175.

1980 se trata de como o campo e a cidade tem uma geografia literária que nos ajuda a ler um mapa da cultura intelectual no país.

Apresentados os principais pontos a serem observados nesta pesquisa, ainda nos resta comentar sobre a organização da dissertação aqui apresentada. O texto foi organizado em três capítulos, nos quais tentaremos demonstrar como *O Campo e a Cidade* circula nacionalmente, de modo que o sentido de natureza apresentado por Williams neste livro, construído em íntima relação com as representações inglesas de campo e cidade, parece ser fundamental para uma discussão que muito se assemelha à inglesa, no sentido de observar as relações sociais, históricas e políticas que transcendem dos espaços rurais e urbanos, mas que, ao ser assimilada no Brasil, se funde a uma discussão já presente sobre o campo e o rural. Nosso primeiro capítulo, “A circulação de *O Campo e a Cidade* nos acervos universitários brasileiros”, preocupa-se em apresentar, numericamente, como o livro aqui estudado veio a circular no Brasil. Tomaremos como campo de análise os acervos universitários brasileiros e a totalidade de obras de Raymond Williams presentes nos mesmos, de modo a tomar ciência da presença de *O Campo e a Cidade* em relação às demais obras do autor. A discussão apresentada gravita em torno dos dados referentes à circulação dos principais títulos que se fazem presentes nos acervos consultados, servindo como parâmetro para averiguarmos a presença e possível uso de nosso objeto de estudo no Brasil. Do ponto de vista do conteúdo consumido através da forma de impressos e das ideias associadas a esse consumo, entendemos que podemos estar lidando com uma tradição interpretativa de Williams no Brasil que ainda não se mostra evidenciada. Imaginamos, à vista da presença massiva e da distribuição do livro nos acervos consultados, que *O Campo e a Cidade* se mostra apropriado a apresentar uma ampla circulação no cenário universitário brasileiro. Deste modo, se faz necessário o entendimento do conceito de natureza contido em *O Campo e a Cidade*, justamente porque, quando este conceito migra e passa a circular conjuntamente com o livro de Williams no Brasil, um projeto nacional que perpassa o imaginário social parece edificar-se. Discussão esta que será apresentada no capítulo subsequente.

O segundo capítulo, “A perspectiva de Natureza em Raymond Williams”, trata de uma apresentação de como autor galês constrói um sentido de natureza bastante pessoal no interior de sua produção, e em especial de nosso objeto de pesquisa, a qual vem a circular no Brasil em um momento que a temática do rural e do urbano parece ser crucial. Nesta etapa do texto, o ponto de partida será a produção de Raymond Williams. Naturalmente, a totalidade de obras do autor demandou a seleção de um recorte temático, de modo que nos atentamos, além de *O Campo e a Cidade*, a outros títulos capitais do autor, como *Cultura e Sociedade*, uma vez

que as formulações e conceitos elaborados por Williams nesses títulos nos ajudam a entender as inflexões que ideia natureza foi submetida e como esta passou a ocupar um papel de destaque no interior da produção intelectual do autor. Nesse sentido, entendemos que essa ideia se trata, na verdade, de uma perspectiva singular de Williams. Em um segundo momento, pretendemos demonstrar como o sentido de natureza não apenas dialoga, mas também está fortemente articulado à formulação da ideia de cultura para Williams, atuando como referência para gerenciar e justificar um “mapa semântico” formulado no já citado *Cultura e Sociedade*, em que a ideia de natureza, contrastada com a ideia de cultura, é fundamental para o entendimento de outras palavras importantes para o autor, tais como industrialismo e civilização.

Em *O Campo e a Cidade*, para além de um exame da literatura inglesa de seu tempo, Williams também procura observar toda trajetória da história literária inglesa em um movimento que parte do ponto mais distante no tempo e progride para o recorte temporal que lhe é conveniente. Este processo é visto por Williams como análogo ao movimento de uma “escada rolante”, e do mesmo modo, procuremos entender em nosso terceiro capítulo “A perspectiva de natureza no Brasil” como *O Campo e a Cidade* foi recepcionado no Brasil tendo em vista como o livro dialoga com o debate em andamento nos círculos intelectuais brasileiros nos momentos que antecedem a tradução do livro, passando a compor o corpo acadêmico nacional. Mobilizaremos os principais nomes dentro desse debate, buscando entender assim o período que antecede a chegada do livro de Raymond Williams no país, procurando construir um panorama de qual era a situação nacional sobre a questão do rural e do urbano. Teremos, a princípio, a apresentação de como Gilberto Freyre é importante para esse debate nacional, tendo em vista estudos contemporâneos que situam o autor como central ao abordar as causas da decadência do sistema patriarcal rural no Brasil. Como observado pelo autor, isso ocorre quando os valores dessa estrutura social começam a se desagregar graças ao surgimento de novos valores culturais, eminentemente urbanos, cultivados pelos novos bacharéis de formação cosmopolita, isto é, no contexto da época, de formação europeia. A leitura que nos utilizamos de Freyre é, portanto, aquela que indica a decadência do patriarcado rural como não proveniente somente da decadência de um tipo de economia baseada na escravidão, mas também do crescimento dos centros urbanos e do surgimento de uma classe burguesa, de novas profissões e da ascensão dos bacharéis, muitos deles “mulatos”, que trouxeram consigo valores socioculturais correntes no cenário cultural “brasileiro-europeu” no contexto do século XVIII.³

³ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996. p. 37.

A escolha em citar o nome de Freyre reside na premissa de que o referido acadêmico brasileiro tem papel fundamental na organização das disciplinas de ciências sociais no país. Nos interessamos especialmente pela análise de como o autor aborda a questão do nacional, com ênfase nas produções da década de 1920, de modo que a pesquisadora Élide Rugai Bastos, nossa referência para esse debate, ao associar Gilberto Freyre às Ciências Sociais no Brasil, identifica como existem no pensamento e na produção do autor dois pontos contraditórios que coexistem: de um lado, a denúncia de um crescente processo de falsa modernização em curso, que destrói as tradições nacionais; e de outro, a evidenciação da não-modernização científica e institucional nacional, meta que se não alcançada impedirá o Brasil de afirmar-se como Nação no século XX.⁴ Élide Bastos identifica ainda na produção de Freyre a preocupação com a reinterpretação do passado nacional, bem como a existência de estudos sobre questões raciais e culturais no Brasil, preocupação esta que nos será cara para que possamos entender, como mencionado anteriormente, em qual cenário nacional *O Campo e a Cidade* será traduzido e irá circular no Brasil. Nesta perspectiva, ainda pautados em estudos de Élide Rugai Bastos conjuntamente com Mariana Miggiolaro Chaguri, se avançarmos duas décadas a partir de 1920, encontramos um contexto nacional de profunda “articulação entre processos de mudança social e sua reinterpretação reflexiva pelas ideias”.⁵ Reinterpretações essas que levaram a construção de teses sobre o dualismo estrutural que marcaria – e ainda marca – a sociedade brasileira, as quais “ganham destaque e concorreram para promover associações explicativas entre o rural e o arcaísmo que lhe seria inerente”.⁶ Nesse período se organizaram também novos estudos sobre o papel e a representação do rural no país, de modo que “a partir das pesquisas sobre a sociedade camponesa ou ‘mundo rústico’, para utilizar a nomenclatura formulada por Antonio Candido (1964)”, foi concebida nos estudos brasileiros uma “inversão metodológica chave que, pouco a pouco, permitiu estudar o rural numa perspectiva menos comportamental e mais política.”⁷

De Gilberto Freyre a Antonio Candido, de Candido à Maria Isaura Pereira de Queiroz, seguindo aos estudos de Élide Bastos e Mariana Chaguri sobre o rural, temos motivos para reconhecer e identificar o terreno fértil intelectual em que o livro de Williams irá encontrar no momento de sua tradução no interior do pensamento social brasileiro. Cabe ainda, ao fim deste terceiro capítulo, repensar como a reorganização do espaço e do caráter nacional –

⁴ BASTOS, Élide Rugai. “Gilberto Freyre e as Ciências Sociais no Brasil”. In: *Estudos de Sociologia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Vol 1 (I), pp. 63-72, 1995

⁵ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. In: Lua Nova, São Paulo, 95:13-26, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ln/n95/0102-6445-ln-95-00013.pdf>.

⁶ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.* p. 18.

⁷ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.* p. 18.

imbricados na questão do rural no Brasil – se dão ao passo em que o livro de Williams é gestado e começa a circular no país no arco temporal que antecede a tradução do livro em 1989 e se mantém até hoje. Para isso, nos atentaremos, à princípio, ao processo de formação do Centro de Estudos Rurais e Urbanos da Universidade de São Paulo, e em especial aos estudos da pesquisadora Maria Isaura Pereira de Queiroz. Isto porque, esta etapa da história nacional nos parece ser um importante momento para a formação do campo de conhecimento sobre o rural e o urbano no país. Traremos ainda um estudo referente às obras que se pautam na produção de Raymond Williams, em especial de *O Campo e a Cidade*, para averiguarmos se o emaranhado histórico que relaciona o livro a nossa trajetória intelectual nacional perdurou até os dias de hoje.

Por fim, apresentamos um “Apêndice”, no qual podem ser encontrados de forma detalhada os dados que foram resumidamente incorporados ao corpo do texto. Temos: a listagem completa de todos acervos universitários consultados – incluindo aqueles que não apresentavam o livro ou que compartilhavam o acervo com outras instituições; os dados gerais da presença de livros de Raymond Williams no Brasil – incluindo títulos em idioma estrangeiro; a listagem completa dos exemplares de *O Campo e a Cidade* presentes nos acervos consultados; a listagem das cidades com acervos em que *O Campo e a Cidade* se faz presente; e, por fim, dados referentes à produção acadêmica que apresenta obras de Raymond Williams nas referências bibliográficas – com destaque para *O Campo e a Cidade*.

CAPÍTULO I ⁸

A circulação de *O Campo e a Cidade* nos acervos universitários brasileiros

O Campo e a Cidade: na história e na literatura, título sob o qual conhecemos o livro de Raymond Williams (1921-1988) que iremos estudar aqui, foi traduzido para o vernáculo em 1989. A tradução e editoração do impresso se deu pela editora Companhia das Letras, que para além da primeira tradução, organizou ainda uma segunda edição no ano seguinte ao lançamento do livro no Brasil e uma reedição nos anos 2000, além da publicação de uma versão de bolso em 2011. A edição brasileira do livro recebeu um subtítulo que tanto o diferencia da edição original inglesa – intitulada somente *The Country and the City* (1973) – quanto o torna convidativo para o público brasileiro, como viremos a expor. No título da edição nacional não temos notícia apenas do estudo dos contrastes entre campo e cidade, mas também nos é informada que há uma relação estabelecida entre história e literatura, em que ambas atuam como campo de análise para que o autor construa suas impressões ao longo do livro. Williams nos conta, de partida, que tal contraste entre campo e cidade é uma das principais maneiras pelas quais nos tornamos conscientes de uma parte central de nossa experiência e das crises de nossa sociedade.⁹ Dado a isso, mapear como *O Campo e a Cidade* circula em dados espaços nacionais parece nos dar uma pista de como as ideias centrais do livro pareceram ressoar no Brasil com um campo preformado de estudos do mundo rural e urbano.

Para isso, será preciso mapear a circulação dos livros de Williams em nossas bibliotecas universitárias. Isto porque, é nos espaços dos livros, das teses, dos artigos, etc., que encontramos traços de uma tradição e dentro dela um patrimônio intelectual em comum, para qual outros indivíduos e grupos que visitam esses lugares podem contribuir e também fruir. Isso acontece, dizia Donald Winnicott, em outro contexto, se tivermos um lugar para guardar o que encontramos, e esse lugar chama-se “fundo cultural”.¹⁰ O psicanalista inglês sugere um

⁸ Um estudo síntese do capítulo 1 foi apresentado no 44º Encontro anual da ANPOCS, com o título “Cartografar o pensamento social britânico: Raymond Williams no espaço nacional brasileiro entre 1989 e 2019”, apresentado no GT32 – Pensamento social no Brasil. PAIXÃO, Alexandre Henrique. MALANDRIN, Hiago Vaccaro. Cartografar o pensamento social britânico: Raymond Williams no espaço nacional brasileiro entre 1989 e 2019. 44º Encontro Anual Da Anpocs. 2020. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt32-10/12358-cartografar-o-pensamento-social-britanico-raymond-williams-no-espaco-nacional-brasileiro/file>>

⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 291

¹⁰ WINNICOTT, Donald. “A localização da experiência cultural”. In: *O brincar e a realidade*. Imago: Rio de Janeiro, 1975, p. 138.

“método de registro” para as nossas pesquisas e construção deste patrimônio comum, sendo que para nós este método consistirá nos mapas, nos gráficos e nas tabelas, que apresentam a existência de um fundo cultural comum de Williams no país. Localizamos, primordialmente, nesse fundo as produções do autor galês que se encontram presentes nos ambientes universitários nacionais. Através dos acervos de universidades públicas e privadas que apresentam qualquer elemento relacionado diretamente à produção de Williams presente em instituições universitárias nacionais,¹¹ nos resta elaborar uma geografia geral da circulação dos livros de Raymond Williams nas bibliotecas universitárias para descrevermos este fundo cultural e, ao final, focarmos na circulação de *O Campo e a Cidade*, para localizar em que espaços universitários construiu-se determinada ambiência para receber este livro do autor.

Ao falarmos na geografia que envolve a circulação de um impresso, remetemos a Franco Moretti, de modo que por trás dessa palavra geografia, “há uma ideia muito simples, a de que a geografia não é um recipiente inerte, não é uma caixa onde a história cultural ocorre, mas uma força ativa, que impregna o campo literário e o conforma em profundidade”.¹² Essa geografia de um impresso, entretanto, pode se referir a duas coisas muito diferentes, podendo indicar “o estudo do espaço na literatura; ou ainda, da literatura no espaço”.¹³ Aqui, nos interessa o segundo caso, em que analisamos espaços muito concretos: os acervos universitários brasileiros. Estes dados, transcritos em tabelas, mapas e gráficos serão utilizados “não como metáforas, mas como ferramentas analíticas: que dissecam o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas”.¹⁴ Queremos assim estabelecer uma relação entre nosso objeto de estudo e sua presença geográfica, fazendo com que o ato de “mapear” a circulação de um livro, através de um processo cartográfico de abstração e quantificação, permita-nos analisar a presença do livro no cenário universitário nacional.

Quando nos questionamos sob qual panorama Williams circula no Brasil, de 1969, data da sua primeira obra traduzida e intitulada *Cultura e Sociedade*, até 2016, data do último livro do autor publicado no vernáculo e intitulado *Televisão*, temos como cenário imagético que tal circulação se dá pelas bibliotecas universitárias. Infelizmente, os dados referentes a empréstimos, consultas e usos dos livros, não são possíveis em escala nacional, de modo que

¹¹ Nos utilizamos nesta pesquisa da nomenclatura de Instituições Universitárias para nos referirmos à totalidade de instituições consultadas, entretanto, aqui operamos com a definição de “universidades” segundo o critério do MEC, escapando a esse recorte as faculdades privadas e os centros universitários privados.

¹² Franco Moretti, *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. São Paulo: Editora Boitempo, 2003, p. 14

¹³ Franco Moretti, *Atlas do romance europeu – 1800-1900*, op. cit., p. 14.

¹⁴ Franco Moretti, *Atlas do romance europeu – 1800-1900*, op. cit., p. 14.

teremos como norte a presença de títulos do autor nos catálogos universitários consultados online.

Em uma primeira consulta nos catálogos dos acervos universitários,¹⁵ tornou-se possível a seleção daqueles que apresentavam uma ou mais entradas de títulos de Williams, de modo que, sob um recorte regional, se tornou possível construir um panorama sintético da presença de nosso autor em território nacional.

1.1 A presença de Raymond Williams em acervos universitários nacionais

Para que se tornasse possível averiguar a circulação de Williams no Brasil, tomamos como ponto de partida o mapeamento da instigante presença do autor galês nos espaços universitários nacionais. Decidimos localizar, à princípio, os acervos de universidades públicas e privadas que apresentavam qualquer elemento relacionado diretamente à produção de Williams, compreendendo desde de títulos originais quanto à presença de traduções para o vernáculo e para o espanhol. Apresentaremos em seguida os dados numéricos referentes as bibliotecas consultadas sob um recorte regional, sendo este, ao mesmo tempo, sintético e compreendendo toda extensão do território nacional. Devemos esclarecer de saída que a escolha pelas instituições universitárias nacionais como objeto por excelência não foi fortuita, antes funda-se na explicação provisória de que, no Brasil, Williams foi recebido como um autor de esquerda e pertencente à universidade britânica, e não um professor, educador de adultos, pertencente à comunidade extramuros da universidade, conforme iremos discutir ainda.

Dito isso, vejamos a primeira consulta aos acervos universitários, ordenados segundo as regiões às quais estão compreendidos:

¹⁵ Lembramos que, embora alguns acervos encontrem-se compartilhados por duas ou três instituições, foi contabilizado aqui apenas o acervo-sede, entendido como aquele que detém os impressos em sua contabilização física do acervo.

Tabela 01 – Presença das obras de Williams em acervos universitários brasileiros (2019)				
Região	Acervos	Acervos consultados	Contém Williams	% presença Williams
Sudeste	Públicos	31	26	83,87
	Privados	58	35	60,35
Sul	Públicos	20	17	85
	Privados	30	26	86,66
Centro-Oeste	Públicos	12	10	83,33
	Privados	5	5	100
Norte	Públicos	15	11	66,66
	Privados	3	1	33,33
Nordeste	Públicos	33	22	66,66
	Privados	7	5	71,42

Embora essa primeira exposição dos dados seja por uma síntese regional¹⁶ e se trate de uma amostragem basicamente qualitativa, podemos inferir que Williams tem presença, significativa ou não, no ambiente universitário brasileiro como um todo, sendo que os dados apontam a presença do autor galês em 158 dos 214 acervos online consultados por todo o país, o que corresponde, em uma porcentagem dinâmica, a presença do autor em 73,83% dos acervos. Importante lembrar que esses 158 acervos online em que Williams se faz presente correspondem, geograficamente, a 275 bibliotecas universitárias espalhadas por diferentes municípios do Brasil. Se continuarmos a observar os números encontrados e levarmos consideração a distinção entre a análise de valores para os acervos universitários públicos e acervos universitários privados, encontramos o correspondente percentual da presença do autor de, respectivamente, 77,47% para acervos públicos e 69,9% para acervos privados. Faz-se necessário comentar que sentimos falta de dados numéricos de outros autores estrangeiros que circularam ou que circulam no Brasil, tais como Edward Thompson, para estabelecermos algum parâmetro comparativo para nossos dados. As fontes têm se mostrado escassas, de modo que até o momento temos como referência a tese de Francisco Barbosa de Macedo, onde encontramos resultados sobre a presença de Thompson entre os trabalhos de estudantes

¹⁶ Lembramos que, embora alguns acervos encontrem-se compartilhados por duas ou três instituições, foi contabilizado aqui apenas o acervo-sede, entendido como aquele que detém os impressos em sua contabilização física do acervo. Se faz necessário comentar que encontramos também impressos nos quais o nome de Raymond Williams aparece como organizador e/ou participação em prefácios e capítulos, porém, estes livros, em nenhum dos acervos, aparecem isolados de títulos autorais. Dado isso, optamos por mencionar apenas os livros autorais nesse primeiro momento. A listagem dos acervos consultados, bem como aqueles que apresentam obras de Raymond Williams, pode ser encontrada no Apêndice.

universitários da Pós-Graduação em História da Unicamp.¹⁷ Essa ausência, porém, não invalida nossas explicações provisórias, afinal, podemos perceber com os dados pesquisados a presença expressiva de Williams quando assumimos como variável a extensão universitária nacional e cruzamos com dados variados sobre a circulação das obras do autor, o número de acervos que possuem obras do mesmo em relação ao total de acervos consultados, bem como o número massivo de obras encontradas aqui em discussão.

Posto que identificamos, inicialmente, os acervos que abarcavam as obras de Williams, torna-se necessário voltar nossa atenção àqueles com disponibilidade de acesso *on-line* ao catálogo da instituição, para que possamos mapear a dispersão de títulos do autor no Brasil. O levantamento de dados nos permitiu encontrar cerca de 3.000 títulos do autor, o que nos fez repensar a maneira com que iríamos olhar esse volume numérico.

(A) Romances	<i>El Teatro de Ibsen a Brecht</i>	<i>Recursos da Esperança</i>
	<i>English drama</i>	<i>Resources of Hope</i>
<i>Border Country</i>	<i>English Novel from Dickens to</i>	<i>Sociologia de la Cultura</i>
<i>Fight for Manod, The</i>	<i>Lawrence</i>	<i>Sociology of culture, The</i>
<i>Loyalties</i>	<i>George Orwell</i>	<i>Televisão</i>
<i>People of the Black Mountains, The</i>	<i>Hacia el año 2000</i>	<i>Television</i>
<i>Povo das Montanhas Negras, O</i>	<i>História de la Comunicación</i>	<i>Televisión</i>
<i>Secong Generation</i>	<i>Keywords</i>	<i>Towards 2000</i>
	<i>Larga Revolution, La</i>	<i>Tragédia Moderna</i>
	<i>Long Revolution, The</i>	<i>What I come to say</i>
(B) Estudos culturais e literários	<i>Marxism and Literature</i>	<i>Writing in Society</i>
	<i>Marxism y Literatura</i>	
<i>Campo e a Cidade, O</i>	<i>Marxismo e Literatura</i>	(C) Outros
<i>Campo y la ciudad, El</i>	<i>Médios de Comunicación Social, Los</i>	<i>Cultural Studies Reader, The (part)</i>
<i>Cobbet</i>	<i>Modern Tragedy</i>	<i>Dombey and Son (intro)</i>
<i>Communications</i>	<i>Palabras-clave</i>	<i>English Drama: forms and</i>
<i>Contact</i>	<i>Palavras-chave</i>	<i>development (editor/intro)</i>
<i>Country and the City, The</i>	<i>Pelican Book of English Prose. Vol. 2</i>	<i>L'exterminisme/ Exterminism and</i>
<i>Cultura</i>	<i>Política del Modernismo, La</i>	<i>Cold War (part)</i>
<i>Cultura (esp)</i>	<i>Política do modernismo</i>	<i>Languages of Nature (pref)</i>
<i>Cultura e Materialismo</i>	<i>Política e as letras, A</i>	<i>Literature In The Modern World:</i>
<i>Cultura e Sociedade</i>	<i>Politics and Letters</i>	<i>Critical Essays and Documents</i>
<i>Culture</i>	<i>Politics of the Modernism, The</i>	<i>(part)</i>
<i>Culture and Materialism</i>	<i>Preface to film</i>	<i>Riverrun: ensaios sobre James</i>
<i>Culture and Society</i>	<i>Problems in Materialism and Culture</i>	<i>Joyce (part)</i>
<i>Drama em Cena</i>	<i>Produção Social da Escrita, A</i>	<i>Three plays/by D.H. Lawrence</i>
<i>Drama from Ibsen to Brecht</i>	<i>Raymond Williams on television</i>	<i>(intro)</i>
<i>Drama from Ibsen to Eliot</i>	<i>Raymond Williams reader, The</i>	
<i>Drama in Performance</i>	<i>Reading and Criticism</i>	

¹⁷ Conferir: Francisco Barbosa de Macedo. *O (re) fazer-se da historiografia: a obra de E. P. Thompson na produção discente do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp (1982-2002)*. Tese (Doutorado em história) – Universidade de São Paulo, 2017.

Considerando a extensão da lista de livros de Williams apresentada, procuramos agrupar os títulos encontrados organizando-os em três grupos. O primeiro grupo (A) compreende os diferentes romances escritos pelo autor, enquanto o segundo grupo (B) representa trabalhos dedicados aos estudos culturais, literários e históricos de Williams, por fim, o grupo (C) é caracterizado pelos impressos em que Williams se encarregou de redigir o prefácio ou introdução à obra. Vale mencionar que neste levantamento dos dados optamos por considerar também as edições em inglês e espanhol na contagem de títulos, o que justifica a presença redundante de alguns títulos na listagem apresentada. Tanto em abrangência de temáticas quanto numericamente, a vasta produção intelectual de Raymond Williams parece encontrar-se difundida nos espaços universitários brasileiros quando cruzamos os dados de sua presença nos acervos com a amplitude temporal de suas produções no espaço nacional. Os dados apontam que Williams é um autor bastante consumido no Brasil; consumido porque não temos amplos registros para afirmar sua leitura, mas para confirmar a aquisição e presença em acervos universitários.

Tabela 02 – Distribuição regional de obras de Raymond Williams em grupos de intencionalidade (1989 – 2019)											
	Universidades Públicas					Universidades Privadas					TOTAL
	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE	
Grupo (A)	17	4	3	2	7	5	3	-	-	1	42
Grupo (B)	977	335	199	168	516	373	173	11	7	35	2794
Grupo (C)	3	5	1	-	-	-	-	-	-	1	10
TOTAL	997	344	203	170	523	378	176	11	7	37	2846

Ainda que a totalidade de títulos encontrados seja cativante, percebemos, em caráter numérico, que os grupos (A) e (C) representam uma pequena parcela em relação a contagem geral de títulos, além de situarmos as diferentes versões e edições de *O Campo e a Cidade* no grupo (B), o que o torna o enfoque teórico de nosso estudo. A escolha por manter a totalidade de obras encontradas reside na necessidade de construirmos uma exposição geral da produção circulante de Williams nas instituições de ensino superior públicas e privadas brasileiras, com destaque para a UFMG, UFRJ, UERJ, UNICAMP, USP, UNESP, UEM, UFPR, UFG, UFMT, UFMS, UFAM, UFMA, UFC, UFS (todas públicas) e UNICSUL, PUC–Minas, PUC–São

Paulo, PUC–Paraná e UNIPAR (todas privadas);¹⁸ destacadas aqui por conter vários títulos do autor. A lista de títulos encontrados abarca, em termos editoriais, toda produção textual de Williams: podemos identificar entre os títulos encontrados trabalhos capitais do autor, as coletâneas de textos, os escritos sobre literatura, combinados com exemplares de sua produção ficcional; compreendendo assim desde o começo de sua carreira intelectual até publicações póstumas. E essa será nossa primeira asserção da hipótese de que Williams é um autor lido no Brasil, mas não só isso; para além de lido, imaginamos que este autor também se evidenciará como central no debate do rural e do urbano no Brasil. Para que possamos, entretanto, averiguar essa proposta, precisamos dar continuidade ao estudo de como, neste primeiro momento, a produção de Williams se faz presente no Brasil. Selecionamos assim um grupo focal temporário para que possamos continuar nossa exposição.

O nome de “Estudos culturais e literários” ainda soa bastante obscuro quando pensamos nos livros que o competem, visto que precisamos tomar conhecimento dos detalhes de distribuição das obras que o compõe. A fim de mantermos o modelo referencial escolhido ao longo do trabalho, iremos continuar a apresentar os dados sob um recorte regional, agrupando-os segundo o título, sem tomar como critério ainda as diferentes edições encontradas. Dentre os 75 títulos apresentados na listagem geral, temos que 57 daqueles que foram mencionados, estão compreendidos no conjunto que escolhemos. Efetuada a checagem dos 2794 livros do grupo (B), tivemos conhecimento de que alguns se destacam pela quantidade superior a 100 exemplares:

¹⁸ UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais; UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro; UERJ: Universidade Estadual do Rio de Janeiro; UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas; USP: Universidade de São Paulo; UNESP: Universidade Estadual Paulista; UEM: Universidade Estadual de Maringá; UFPR: Universidade Federal do Paraná; UFG: Universidade Federal de Goiás; UFMT: Universidade Federal de Mato Grosso; UFMS: Universidade Federal do Mato Grosso do Sul; UFAM: Universidade Federal do Amazonas; UFMA: Universidade Federal do Maranhão; UFC: Universidade Federal do Ceará; UFS: Universidade Federal de Sergipe; UNICSUL: Universidade Cruzeiro do Sul, PUCs – Pontifícia Universidade Católica; UNIPAR: Universidade Paranaense.

Tabela 03 – Obras de Raymond Williams com volume superior a 100 exemplares nos acervos universitários em acervos brasileiros (1989 – 2019)												
Livro	Universidades Públicas					Universidades Privadas					TOTAL	
	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE		
<i>Cultura</i>	111	72	58	69	107	97	58	3	5	14	594	
<i>Campo e a Cidade, O</i>	165	58	37	24	162	71	41	2	2	7	569	
<i>Cultura e Sociedade</i>	86	28	17	8	51	39	17	2	-	13	261	
<i>Palavras-chave</i>	101	37	9	23	56	17	13	-	-	-	256	
<i>Cultura e Materialismo</i>	78	15	9	13	27	32	10	-	-	-	184	
<i>Tragédia Moderna</i>	61	40	20	18	11	14	7	-	-	-	171	
<i>Drama em Cena</i>	62	15	10	1	30	4	2	-	-	-	124	
TOTAL	664	265	160	156	444	274	148	7	7	34	2159	

Temos assim que os sete livros de Williams com maior presença nos catálogos intitulam-se *Cultura*, *O Campo e a Cidade*, *Cultura e Sociedade*, *Palavras-Chave*, *Cultura e Materialismo*, *Tragédia Moderna* e *Drama em Cena*. Para que possamos mapear a presença de livros com diferentes propostas e diferentes datas de impressão, precisamos, primeiro, repensar o processo que inaugurou a editoração de Raymond Williams em solo nacional.

Tal processo remete a 1969, com a seleção de um dos livros capitais do autor em solo britânico, *Culture and Society: 1780-1950*, para receber uma versão traduzida para o vernáculo, dadas as congratulações recebidas pelo livro na Inglaterra desde sua primeira publicação em 1958. A seleção do título se deu por Anísio Spínola Teixeira para estrear a “Coleção: Cultura, Sociedade e Educação” (CCSE), composta pela tradução e editoração de outros títulos estrangeiros, de títulos de autores brasileiros, e, sobretudo, pela impressão da obra completa de Teixeira, sob o selo da Companhia Editora Nacional.¹⁹ O programa da Companhia Editora Nacional para com as universidades, em processo conjunto a Anísio Teixeira em eleger Williams como precursor da CCSE, resultou na organização de um sistema editorial interessado

¹⁹ Paper apresentado por Alexandro Henrique Paixão no 42º Encontro anual da Anpocs (2018) no GT23 – Pensamento social no Brasil, sob o título de *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*, disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt23-24/11308-linhagens-interpretativas-e-cesuras-epistemologicas-no-pensamento-social-brasileiro-sobre-raymond-williams/file>, consulta em setembro de 2019. p. 06.

em ampliar o comércio de livros com o enfoque no público universitário,²⁰ de modo que a Nacional veio a se tornar, dentre as editoras de seu tempo, aquela que “teve crescente êxito com seus livros de nível universitário”.²¹

Ao passo em que uma tradição editorial focada em Williams era principiada na década de 1970, encontramos também a formação de uma primeira tradição interpretativa do autor galês, a qual residia na premissa de Anísio Teixeira, de interpretar e inserir Williams nos estudos brasileiros. Para podermos realizar a tarefa de introduzir momentaneamente essa temática, nos utilizaremos da discussão do termo de “linhagens intelectuais”. Segundo Paixão, linhagens é um termo que o próprio Williams adota para descrever as procedências de determinadas tradições seletivas. E, dentro do caso brasileiro estudado, compreenda-se tradições seletivas aquelas formadas por grupos intelectuais e editoriais que, segundo seus interesses mais variados, elegem obras e interpretam aspectos da produção de Williams que viriam a ser traduzidos para o vernáculo, propiciando assim a formação de um pensamento social ligado aos estudos culturais no Brasil.

A primeira linhagem interpretativa tem início com a publicação do artigo “A grande tradição do nosso tempo”, em 1969, por Anísio Spínola Teixeira, no mesmo momento em que este selecionava *Cultura e Sociedade* como a tradução que abriria a CCSE, de modo que artigo retrata o entusiasmo de Teixeira com a produção teórica de Williams, em especial com a contida no livro a ser traduzido. O anseio principal do intelectual brasileiro era, como podemos ler no manuscrito, iniciar, afiliada a produção de trabalhos que colocassem em evidência as obras de Williams, uma tradição intelectual brasileira dedicada a estudar as relações entre cultura, sociedade e educação – o que veio a compor a CCSE. A pretensão que encontramos na parceria entre a Nacional e Teixeira, com a distribuição e leitura da tradução de Williams que estreava a CCSE era, para além de fundar uma tradição editorial seletiva, a de aquilatar o repertório intelectual das universidades brasileiras, tendo o autor como um modelo, um paradigma para o estudo das relações entre cultura, história e sociedade no Brasil.²²

Como parte de um desenvolvimento subsequente ao movimento editorial iniciado em Anísio Teixeira e pela Companhia Editora Nacional, Paixão nos apresenta que uma segunda

²⁰ PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. Op. cit., p. 09.

²¹ HALLEWELL, Laurence. “Livros de Nível Universitário”. In: *O Livro no Brasil (Sua História)*. São Paulo: T. A. Queiroz, Editor; Editora Universidade de São Paulo, p. 294. Apud, PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. Op. cit., p. 07.

²² PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. Op. cit., p. 06.

tradição intelectual brasileira se inaugura adjunta à publicação do livro *Para ler Raymond Williams* (2000), da pesquisadora Maria Elisa Cevalco. Nesse livro, a autora introduz a imagem de Williams como um “dos principais críticos da cultura dentro de uma perspectiva materialista”²³, situando-o como o fundador da disciplina de estudos culturais, além de estabelecer um ponto de aproximação e comparação com intérpretes da cultura brasileira.²⁴ Esta última assertiva tem como apoio a tentativa em selecionar e interpretar Williams na situação de reconhecê-lo enquanto um autor estrangeiro fundamental para os estudos brasileiros, relacionando-o ao pensamento social nacional que discute a questão da cultura e da identidade como fatores centrais para formação de uma intelectualidade nas humanidades brasileiras.²⁵

Derivando diretamente da primeira linhagem, encontramos uma terceira tradição intelectual a ser abordada, a qual associa-se à tradição editorial iniciada pela Nacional, referindo-se ao momento em que as publicações de Williams no Brasil cresceram em volume de tiragem e distribuição por parte de editoras focadas principalmente no público universitário.²⁶ Temos assim que a tradição editorial iniciada com a primeira tradução de *Cultura e Sociedade* é retomada em 1979, quando podemos encontrar novamente uma produção de Williams traduzida para o vernáculo, assinalando o começo do processo de engajamento das editoras nacionais em traduzir o autor.²⁷ Como podemos ver, ainda que tenhamos conhecimento de uma tradição editorial iniciada na década de 1960, foi apenas a partir de meados da década de 1990 que Williams passou a circular de forma vigorosa entre as editoras nacionais. Vale ressaltar que, em grande parte, essas editoras são universitárias ou focadas no público universitário. Encontramos assim que, tomando como marco inicial a primeira tradução do livro

²³ PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. *Op. cit.*, p. 15

²⁴ PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. *Op. cit.*, p. 15.

²⁵ PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. *Op. cit.*, p. 16.

²⁶ PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. *Op. cit.*, pp. 09-10.

²⁷ Em um panorama cronológico, podemos encontrar as traduções das obras de Williams dispersas por cerca de cinquenta anos. Em 1979, a Zahar Editores traduzia *Marxismo e Literatura*, seguido dez anos depois da Editora Companhia das Letras, responsável pela tradução de *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*, de 1989. Também preparou a tradução de um dos romances de Williams, *O povo das montanhas negras*, 1991, e a reedição de *O Campo e a Cidade*, numa edição de bolso, mas somente no ano de 2001. Nos anos de 1990, a editora paulista Paz e Terra publicou, em 1992, o livro *Cultura*. Já na primeira década dos anos 2000, a editora Boitempo foi responsável pela tradução de *Palavras-Chave* (2007) e *Televisão* (2016), em parceria com a Editora PUC Minas. A editora Cosac Naify, recentemente desativada, publicou no vernáculo *Tragédia Moderna* (2002) e *Drama em Cena* (2010), e a Editora Vozes republicou *Cultura e Sociedade*, em 2011. Por fim, temos as edições da Editora Unesp, *Cultura e Materialismo* (2011); *Política do Modernismo* (2011); *A Política e as Letras* (2013), *A Produção Social da Escrita* (2014) e *Recursos da Esperança* (2015). Dados provenientes de uma pesquisa prévia elaborada por PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. *Op. cit.*, pp. 09-10.

Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell, pela Companhia Editora Nacional em 1969, e final o livro *Televisão: tecnologia e forma cultural*, pelas editoras Boitempo e PUC-Minas em 2016, a presença de Williams no mercado editorial brasileiro compreende cerca de cinco décadas, nas quais podemos encontrar, em termos da editoração nacional, grande parte da produção de Williams traduzida, compreendendo obras que datam do início ao fim da carreira intelectual do autor.²⁸ Tal movimento trouxe como implicação a organização de um sistema editorial interessado em, simultaneamente, estimular produção de um saber para “as humanidades no país” e em alargar o comércio de livros com o enfoque no público universitário.²⁹

Uma vez percorrida a tradição editorial que circunda a obra de Williams no Brasil, podemos nos perguntar ainda em que medida essa história dialoga com os dados apresentados anteriormente. Se recuperarmos aqui os sete títulos apresentados na Tabela 03 - *Cultura, O Campo e a Cidade, Cultura e Sociedade, Palavras-Chave, Cultura e Materialismo, Tragédia Moderna e Drama em Cena* –, percebemos que estes localizam-se no arco temporal compreendido entre 1969 e 2015, reforçando a ideia de uma linhagem interpretativa de Williams ligada a editoração do autor em solo nacional. A respeito da presença de tradições intelectuais que traduzem e colaboram para a distribuição de Raymond Williams no Brasil, podemos repensar individualmente os títulos que mais se fazem presentes nos acervos universitários brasileiro. Podemos perceber que o movimento iniciado com a Companhia Editora Nacional, em 1969, ainda vigora sob a forma de tradição editorial. Isto porque, a forte presença dos livros *Cultura* (1992), *O Campo e a Cidade* (1989/2011), *Cultura e Sociedade* (2011), *Tragédia Moderna* (2002) e *Drama em Cena* (2010) reforçam a ideia de uma tradição editorial interessada em afinar o repertório intelectual das universidades brasileiras com a inclusão dos estudos do autor galês. Por outro lado, é importante mencionar que os títulos *Cultura e Materialismo* e *Palavras-chave* não serão trabalhados nessa situação por se tratarem, respectivamente, de um conjunto de ensaios e artigos de Williams publicados posteriormente ao momento da escrita e de um apêndice de *Cultura e Sociedade* que veio a ser publicado como livro posteriormente.

Estes títulos estão situados assim dentro de uma tradição editorial que se preocupa em formar uma tradição do pensamento brasileiro que tangencie as premissas propostas por

²⁸ PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. Op. cit., p. 15

²⁹ PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. Op. cit., p. 09

Williams quanto a temática geral da cultura e suas nuances, diretamente relacionadas ao saberes particularmente ligados às humanidades nas instituições universitárias brasileiras.³⁰ Do conjunto de livros apresentados, podemos citar que *Cultura* (1992), *Cultura e Sociedade* (2011) e *Cultura e Materialismo* (2011) se enquadram na tradição intelectual principiada por Anísio Teixeira na Coleção Cultura, Sociedade e Educação, cumprindo o papel de aquilatar o repertório do público universitário desde a década de 1970 – ano seguinte à publicação de *Cultura e Sociedade* na CCSE. No entanto, ainda que uma tradição intelectual se comprove com a presença massiva dos livros citados, três títulos ainda não se enquadram totalmente nessa proposta: *O Campo e a Cidade: na história e na literatura* (1989/2011) – igualmente com um volume massivo –, *Tragédia Moderna* (2002), e *Drama em Cena* (2010). Sobre estes dois últimos títulos, *Tragédia Moderna* e *Drama em Cena*, ambos publicados pela editora Cosac Naify, podemos também os delimitar sob um conjunto segundo sua temática e abordagem geral, uma vez que tratam das artes cênicas, seja da permanência do trágico após o fim da tragédia clássica, seja da história da arte teatral, considerada a partir do diálogo estabelecido entre o texto dramático e os aspectos físicos de sua encenação. Ainda que haja a evidência clara de usos e finalidade desses títulos, sabemos, primeiro, que *Drama in performance* (1954) e *Modern Tragedy* (1966) tratam-se de livros do início da trajetória intelectual de Williams, apresentando uma assiduidade significativa nos acervos consultados, indicando a possibilidade de uma tradição em solo nacional que se aproprie de Williams para tratar da arte do teatro e suas variantes.

Agora, podemos finalmente comentar sobre *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Ainda que eventualmente o livro dialogue com as proposições que residem em *Cultura* (1992), *Cultura e Sociedade* (2011) e *Cultura e Materialismo* (2011) na proximidade de conceitos chave do autor ou no objeto de análise e método empregado, *O Campo e a Cidade* se distancia desses ao ter como foco as representações literárias do campo e da cidade, confrontando-as com discursos históricos e econômicos ingleses. Para além disso, se faz ainda mais difícil aproxima-lo de *Tragédia Moderna* (2002) e *Drama em Cena* (2010). O que procuramos principiar, de fato, é que com a presença de *O Campo e a Cidade* uma tradição interpretativa singular de Williams para se edificar ao passo em que o livro ganha presença nos acervos universitários, ainda que esta se inicie e derive do movimento editorial e da inserção do autor galês nos ambientes universitários por outros meios – como a linhagem interpretativa que se alicerça com Cevasco.

³⁰ PAIXÃO, Alexandre Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. Op. cit., p. 09.

A tradição singular associada ao livro *O Campo e a Cidade* parece diferenciar-se das outras tradições apresentadas, principalmente, por não se centrar no desenvolvimento de uma sociologia da cultura propriamente dita, mas por versar sobre a perspectiva da natureza e das interações humanas no contraste entre campo e cidade, algo que produz uma nova visada sobre o mundo rural e urbano. Temos assim que se distanciando dos outros livros que também apresentam uma grande distribuição nos acervos, voltados, respectivamente, a temática da Cultura e do teatro e seus aspectos, *O Campo e a Cidade* apresenta um novo escopo de análise e de escrita em Williams no qual, ainda que o autor perpassasse questões da cultura e da sociedade, existe um foco no contraste entre o rural e o urbano, entre a cidade e o campo, e suas descrições no tecido literário e no discurso histórico. Nos perguntamos o que a presença de um livro de Raymond Williams com essa temática pode indicar para nós no Brasil?

1.2 Um estudo cartográfico de *O Campo e a Cidade* no Brasil

Para que possamos caminhar em direção a resposta para essa pergunta, precisamos, primeiro, identificar como o livro encontra-se distribuído em território nacional. Se nos voltarmos novamente aos acervos universitários temos, numericamente, que *O Campo e a Cidade* apresenta 589 exemplares mapeados, dispostos em exemplares que se diferem em questão de data de impressão, idioma e, nesse caso, também temos uma reedição de bolso para além das diferentes edições encontradas.³¹ Tendo em vista a seleção regional que estabelecemos, é necessário compreender como os exemplares de Williams se organizam e se diferem dentre as diferentes versões dos livros que circulam no Brasil, a fim de observar efetivamente como ocorreu o processo de dispersão das primeiras edições, entrada de edições mais recentes, e, sobretudo, a disposição dos exemplares em português.

³¹ Muito embora *Cultura e Sociedade* também apresente duas edições, publicadas por Editoras distintas, é importante ressaltar que essa temática escapa de nosso escopo de análise.

Tabela 04 – Exemplos de o <i>Campo e a Cidade</i> em Acervos universitários brasileiros (1989 – 2019)												
Livro	Idioma	Universidades Públicas					Universidades Privadas					Total
		SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE	
1973	Inglês	4	-	1	-	-	-	-	-	-	-	5
1975	Inglês	5	1	-	-	4	1	-	-	-	-	11
1989	Português	47	19	10	3	37	33	11	-	-	1	161
1990	Português	47	10	11	3	55	23	15	1	2	6	173
1993	Inglês	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
2000	Português	10	1	-	3	16	1	11	1	-	-	43
2001	Espanhol	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3
2011	Português	61	28	15	12	54	8	4	-	-	-	182
S/I	Português	-	-	1	3	-	6	-	-	-	-	10
Total		174	60	38	24	166	72	44	2	2	7	589

Analisando os dados dispostos na tabela apresentada temos um número expressivo de edições localizadas em datas pontuais. A primeira situação compreende as edições da Companhia das Letras publicadas em 1989 e 1990, com 334 exemplares, e a segunda corresponde à edição de bolso, da mesma editora, lançada em 2011, com 182 exemplares. Ainda que isso trate de um dado esperado, ele é bem-vindo para nos ajudar a enfatizar o que estamos pontuando ao longo do trabalho, de que as versões no vernáculo ocupam maior presença nos acervos consultados.

Antes de discutirmos os motivos por trás dessa distribuição de edições, é preciso repensar os dados expostos para, amparados por Moretti, continuarmos a pensar como os dados quantitativos podem nos ajudar.³² Temos números expressivos que parecem trazer consequências significativas para nossa análise, quando pensamos em um fundo cultural nacional envolvendo Williams, posto que identificamos isso nas tabelas 02 e 03 referentes à distribuição das edições nos acervos universitários, mas ainda é preciso repensar estes dados.

Precisamos também visualizá-los sob uma nova perspectiva, ou seja, ainda que numericamente seja perceptível uma dada faixa de edições representadas pelas que se repetem, faz-se necessário compreender como se constrói esta cultura editorial comum. “Isto é o que os métodos quantitativos têm a oferecer”, diz Moretti, “uma inversão da hierarquia entre a exceção e a série, em que essa última se torna – como é – verdadeira protagonista da vida cultural”.³³ A

³² Franco Moretti, *Atlas do romance europeu – 1800-1900*, op. cit., p. 161.

³³ Franco Moretti, *Atlas do romance europeu – 1800-1900*, op. cit., p. 160.

série de uma análise, para Franco Moretti, se trata dos eventos seriados que são construídos, ou melhor, se trata da série observável e passiva de análise construída mediante a observação do “repetível”. Na última tabela apresentada a repetição aparece através dos volumes distintos de exemplares, de acordo com cada edição de *O Campo e a Cidade* numa amostragem regional. Encontrar o fator “repetível” dentro dessa amostragem é decisivo e deve ser apresentado pela forma de tabelas, gráficos e mapas, produzindo assim cartografias. Pensando na distribuição de livros por acervos municipais, podemos realocar os dados de forma visual, de modo a termos um panorama regional da distribuição de exemplares por estado.

Partindo da perspectiva de Moretti sobre a importância de nos concentrarmos nas repetições para construir gráficos, observemos a forma da distribuição dos exemplares de *O campo e a cidade* por acervos municipais de diferentes regiões do país. Sobre a construção dos gráficos, as barras cinzentas na vertical representam o número de livros pesquisados em cada acervo municipal, enquanto o eixo horizontal é numerado de acordo com a faixa de concentração de livros por município, por exemplo, de 01 a 05, de 06 a 10, assim por diante.

Figura 01 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Norte (2019)

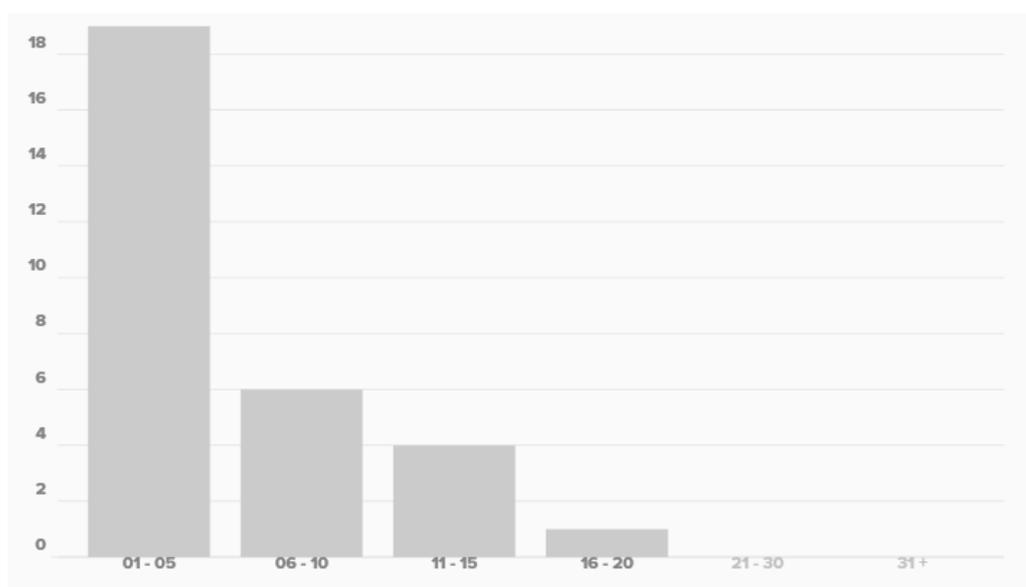


Nos dez municípios pesquisados na região Norte³⁴, destaca-se um único município com no máximo 10 exemplares, enquanto os outros nove se limitam a primeira categoria numérica de no máximo 5 exemplares.

³⁴ Cruzeiro do Sul, Palmas, Ananindeua, Marabá, Belém, Boca do Acre, Santarém, Porto Nacional, Manaus, Rio Branco.

Figura 02 – Distribuição de exemplares por municípios – Centro-Oeste (2019)

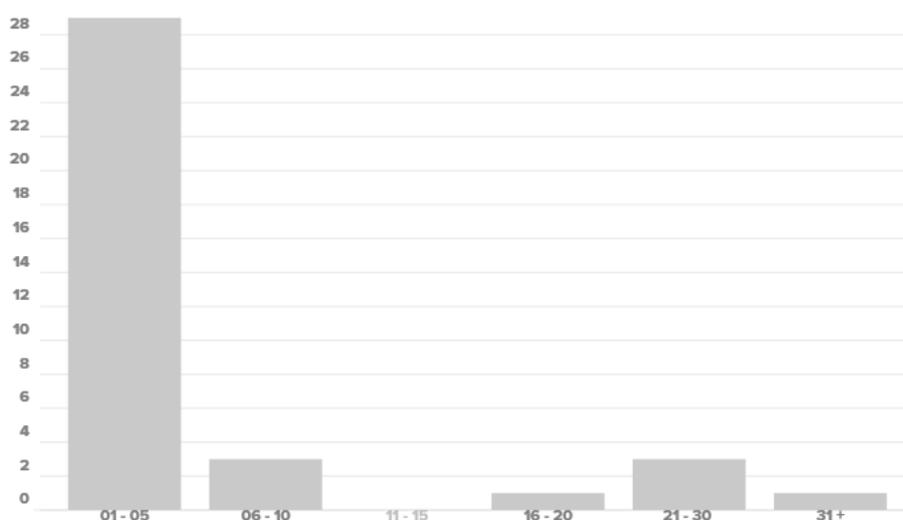
Na região Centro-Oeste, dentre os acervos de quinze municípios pesquisados,³⁵ encontra-se situação semelhante à da região Norte, embora com dois municípios apresentando de 6 a 10 exemplares, enquanto treze municípios possuem no máximo 5 exemplares.

Figura 03 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Nordeste (2019)

³⁵ Brasília, Dourados, Corumbá, Sinop, Pontes Lacerda, Alto do Araguaia, Itapuranga, Uruaçu, Anápolis, Morrinhos, Formosa, Campo Grande, Rondonópolis, Goiânia, Catalão.

Figura 04 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Sul (2019)

Observando as regiões Nordeste e Sul, dentre trinta municípios do Nordeste³⁶, e vinte e três municípios do Sul,³⁷ identificamos o surgimento de dois novos conjuntos. No Sul, três municípios se enquadram na categoria de 6 a 10 exemplares; enquanto no Nordeste, quatro municípios apresentam de 11 a 15 exemplares do livro. Somente a região Nordeste atinge 16 ou mais exemplares de *O Campo e a Cidade*.

Figura 05 – Distribuição de exemplares por municípios: Região Sudeste (2019)

³⁶ Mossoró, Cruz das Almas, Ilhéus, Campina Grande, Vitória da Conquista, Caetité, Feira do Santana, Juazeiro, Brumado, Santo Antônio de Jesus, Alagoinhas, Teixeira de Freitas, Jacobina, Nova Cruz, Salvador, Caicó, Natal, Picos, Bacabal, Teresina, Centro Novo, São Luís, Recife, São Cristóvão, Acarape, João Pessoa, Maceió, Mamanguape, São Francisco do Conde, Aracaju, Fortaleza.

³⁷ Santa Rosa, Joaçaba, Londrina, Ijuí, Canoas, Passo Fundo, Xanxerê, Toledo, Curitiba, Guarapuava, Rio Grande, Campo Mourão, Porto Alegre, São Leopoldo, Foz do Iguaçu, Santa Maria, Florianópolis, Pelotas, Bento Gonçalves, Cruz Alta, Chapecó, Erechim.

Por fim, o gráfico do Sudeste apresenta a maior concentração numérica de exemplares de *O Campo e a Cidade* no Brasil. Do total de trinta e sete municípios identificados³⁸ com acervos contendo Williams, observamos concentrações massivas do livro em três municípios com 21 e 30 exemplares e um com 44 exemplares de *O Campo e a Cidade* na cidade de São Paulo. Uma vez identificada a distribuição numérica de *O Campo e a Cidade* ao introduzirmos os gráficos presentes entre as figuras 01 e 05 e a distribuição temporal dos exemplares através da Tabela 04, resta-nos ainda observar sua distribuição geográfica na forma de mapas, que representam tanto a dispersão em âmbito nacional quanto a concentração em acervos municipais. A amostragem é de 589 exemplares de *O Campo e a Cidade* publicados em português, contando desde a primeira edição de 1989.

Figura 06 – Distribuição dos exemplares de *O Campo e a Cidade* no Brasil (2019)



³⁸ Vitória, São Gonçalo, Passos, Viçosa, São João dos Campos, Alfenas, Juiz de Fora, São José Del'Rei, Lavras, Mariana, Ituiutaba, São Bernardo do Campo, Uberlândia, Sorocaba, São José do Rio Preto, Vassouras, Seropédica, Rio de Janeiro, Guarulhos, Bauru, Uberaba, São Carlos, São Vicente, Rio Claro, São Gabriel, Presidente Prudente, Assis, Franca, Araraquara, Poços de Caldas, Santos, Betim, Barueri, Governador Valadares, Campinas, São Paulo, Belo Horizonte.

Observa-se que três estados localizados no Norte do país não apresentam exemplares do livro nos acervos universitários consultados, nos estados de Rondônia, Roraima e Amapá. Lendo Moretti, as ausências, ou melhor, as exclusões são também explicativas para a lidar com as ocorrências dos exemplares em determinadas regiões, mas em outras não.³⁹ Porque o padrão de exclusão é contrário ao padrão de repetição que estávamos tratando até chegarmos à explicação destas três regiões do país, que não contém exemplares de Williams em seus acervos universitários, considerando aquilo que observamos na Imagem 06 sobre a distribuição geral de *O Campo e a Cidade* pelo mapa do Brasil. Esses dois padrões, de exclusão e de repetição, nos ajudam a repensar a distribuição física do livro, localizando-o em grandes áreas de maior ou menor ocorrência, bem como nos permitindo identificar áreas intermediárias.

O padrão de exclusão, segundo nossa leitura de Moretti, é encarado enquanto um critério para que possamos pensar como os dados estabelecem uma correlação por meio da não compatibilidade entre eles. Se a compatibilidade entre os dados se refere à semelhança entre eles, não-compatibilidade, portanto, faz referência às principais distinções que encontramos na Imagem 06. Esse padrão de diferenciação nos ajuda a repensar a distribuição física do livro, o localizando em grandes áreas de maior ou menos ocorrência, bem como nos permitindo identificar áreas intermediárias. O que procuramos afirmar com essa diferenciação é, portanto, como esses elementos dialogam com os principais dados e como se distanciam da amostra central. Deste modo, esperamos que nosso primeiro mapa, enquanto uma imagem que nos introduz uma forma, um padrão, possa também acrescentar algo à informação numérica que o antecedeu, e, a partir dos dados de disseminação do livro e do mapa, atuando sob a lógica de que há um afastamento de dadas localidades em relação aos principais pontos de concentração – o que não as torna isoladas desses pontos –, podemos voltar nossa atenção a observar como estes pontos se distribuem no mapa e configuram práticas culturais semelhantes, o que os leva a reter um volume massivo do livro aqui estudado.

E, referente a esta afinidade, não mais tendo em vista em primeiro plano a associação entre o impresso e suas relações comerciais, mas colocado destaque na relação entre a circulação de um dado impresso e determinados padrões culturais de uma localidade, Moretti ressalta que essa observação foi apontada pela primeira vez por Benedict Anderson, em *Comunidades Imaginadas*. Deste modo, ao tratar do sentido de práticas culturais semelhantes ainda que localidades distantes, iremos evocar o conceito de “comunidades imaginadas”

³⁹ Franco Moretti, *Atlas do romance europeu – 1800-1900*, op. cit., p. 23.

elaborado por Benedict Anderson em seu livro que carrega o conceito como título. Isto porque, comunidades imaginadas

são pensadas por meio de práticas culturais e administrativas dos estados modernos a fim de estimular os sujeitos a definir suas obrigações enquanto membros de um grupo que, supostamente, é especial e homogêneo pela própria natureza. Tais práticas estimulavam os homens a buscarem suas identidades e a definirem suas obrigações com o Estado. Como nota Anderson, o estado moderno, em seu processo de formação, atuou como promotor da alfabetização e de uma gramática vernácula comum, que possibilitaram que os homens reconhecessem nos jornais imagens comuns e narrativas coletivas. Nessas imagens e narrativas, diversos eventos e relatos formam uma espécie de romance real e se entrecruzam com a vida do leitor. Dessa forma, o leitor se vê como parte de uma “comunidade imaginada”, com um espaço circunscrito e sujeitos nunca vistos, onde se desenrolam os enredos e as narrativas que guiam parte de suas vidas.⁴⁰

Se abstrairmos essa construção conceitual para aplicá-la no sentido daquilo que está disposto nas bibliotecas universitárias e seu potencial de circulação, podemos começar a ter um panorama dos motivos que levam a circulação de *O Campo e a Cidade* no Brasil. Do ponto de vista do conteúdo consumido através da forma de impressos e das ideias associadas a esse consumo, entendemos que estamos lidando com uma tradição interpretativa de Williams no Brasil que ainda não foi evidenciada e que forma uma comunidade imaginada, que carece de atenção. Aqui optamos por não a chamar de uma nova tradição, posto que a mesma pode estar em estruturação desde a década de 1990, visto que a publicação da primeira tradução de *O campo e a Cidade* data de 1989. Imaginamos, à vista da presença massiva e da distribuição do livro nos acervos consultados, que *O Campo e a Cidade* se mostra apropriado a apresentar uma consistência em questão de circulação e leitura no país. Aqui, para além do entendimento de tradição interpretativa que já utilizamos para referenciar a circulação de Williams no cenário nacional, colocamos em diálogo também o conceito proposto por Benedict Anderson.

A elaboração teórica de Anderson aparece enquanto um auxílio para que possamos inferir a existência de uma tradição no Brasil que se utiliza de *O Campo e a Cidade*, tendo neste uma referência para a discussão do urbano e do rural em uma chave que se apropria da perspectiva de natureza contida no livro Williams, o que forma comunidade imaginada de leitores. Se ampliarmos nosso argumento, teremos que, enquanto se faz presente em todo Brasil, o livro que analisamos de Williams que trata dos contrastes históricos e literários entre o urbano e o rural igualmente colabora pela difusão desse ideário no território nacional, até porque vale

⁴⁰ MOLL NETO, Roberto. *A Nação como "comunidade imaginada" nas relações internacionais: o caso das narrativas sobre o papel dos Estados Unidos diante da revolução da Nicarágua e da guerra civil em El Salvador nos anos 1980*. Revista Tempo do Mundo – rtm, v. 3, n. 1, jan. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7387>

lembrar que já existia um debate sobre o campo e a cidade em desenvolvimento no país, quando o livro de Williams aportou aqui e parece ter incrementado este debate, mas esse é um assunto que aprofundaremos ao final.

Ao falarmos no caráter nacional de uma ideia, podemos colocar a análise da concepção de nação de Anderson em consenso ao que supomos previamente. Isto porque, ao propor tal análise, Anderson desenvolve, a partir de uma perspectiva cultural, como a condição de grupo, o sentimento de conjunto em uma “nação” é historicamente dependente da língua, do mercado editorial e de um público leitor.⁴¹ Anderson situa e amplia o papel desempenhado pelos impressos nesse processo, inaugurando a tese de que a circulação de impressos no geral – especificamente Anderson refere-se a textos impressos, mas aqui entendemos como todo conjunto textual capaz de circular – tem fundamental importância na formação de um público leitor em que seus membros, ao se identificarem através da comunicação escrita, fundam um “espírito solidário” que reside sob a organização de uma comunidade.⁴²

Se partirmos da premissa anterior, somos movidos a averiguar qual é a trajetória de uma comunidade imaginada depois que a mesma se situa enquanto a denominação de “comunidade”, bem como entender como esta perpetua ideias através da “contínua reprodução de impressos”. Assim, o conceito de “comunidade imaginada” nos é caro na medida em que, assim como indica Benedict Anderson, *uma comunidade tida como imaginada difere-se de uma comunidade real* no passo em que as interações entre sujeitos se dá, principalmente, por meio da circulação de documentos, pela circulação do texto impresso, pela circulação de impressos.⁴³ A questão do nacional enquanto o sentido primeiro da palavra empregado por Anderson nos é tangível na medida em que o contexto de criação de uma linhagem interpretativa – principalmente focada nos estudos rurais e urbanos – se volta aos estudos brasileiros para se validar. O que se pode inferir dessa primeira leitura, é que aquilo que é lido por alguns, outros também podem ler por meio da circulação de impresso, da mesma forma que o contrário também é passível de ocorrência.

O que faremos, portanto, é imaginar, sociologicamente, como a circulação de um dado livro de Williams parece adentrar os espaços universitários nacionais através da discussão de uma temática comum centrada na perspectiva de natureza pelo autor. A partir dos dados

⁴¹ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 107-113

⁴² ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. *Op. cit.* 108.

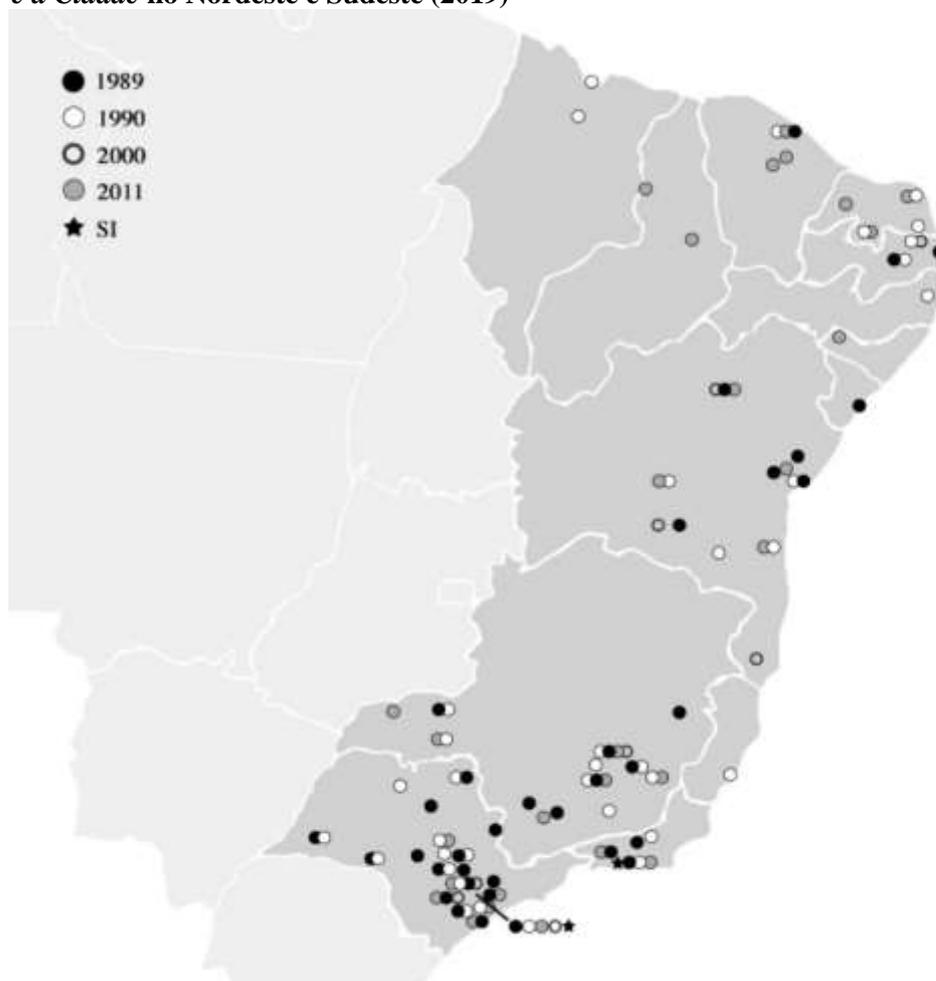
⁴³ ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. *Op. cit.* pp. 107-113.

encontrados, planejamos construir uma observação histórica e sociológica desse processo de circulação do autor. Deste mesmo modo, ao pensarmos no Brasil, no cenário de quando *O Campo e a Cidade* passa a se fazer presente no país, temos um “Brasil pequeno”, em que igualmente os lugares no mapa eram separados por um dia, ou mais, de viagem muito desconfortável.

Entretanto, aqui temos um novo problema, o qual, portanto, reside na escolha de tratarmos o deslocamento do livro enquanto “circulação”, isto porque temos no cenário brasileiro uma situação circular, e, portanto, não podemos falar em centro e periferia para tratar dos dados encontrados. É importante ressaltar ainda que identificamos nesse primeiro esforço uma presença massiva de Raymond Williams não apenas na região Sudeste, centrada em especial na cidade de São Paulo como viremos a mostrar, mas também nas regiões Nordeste e Sul, que podemos entender como importante para reafirmar a circulação do autor no Brasil, em diálogo a primeira região onde a presença de Williams ainda se mostra mais significativa. Temos aqui, na verdade, a questão da circulação de ideias, mas com a presença de zonas centrais e zonas circundantes quando tratamos da presença do livro enquanto material físico.

Tal dissociação entre as ideias contidas em um material e propriamente sua presença podem ter um teor ambíguo, mas é uma distinção importante para que possamos exemplificar ambos conceitos, que não são necessariamente divergentes neste trabalho, mas que compreendem diferentes entendimentos. Dito isso, vale lembrar que, exatamente por nos focarmos nessa diferenciação entre circulação entre regiões, que precisamos nos atentar aos valores numéricos e não apenas a proporção relativa entre acervos consultados e em quais as obras do autor se fazem presente – uma vez que na região Centro-Oeste temos a totalidade dos acervos consultados com livros de Williams. Entretanto, o fato de termos como referencial a circulação de um livro pela extensão do cenário nacional nos leva a repensar como este livro circula ou veio a circular.

Figura 07 – Distribuição dos exemplares das edições de 1989, 1990, 2000 e 2011 de *O Campo e a Cidade* no Nordeste e Sudeste (2019)



Se pensarmos que dentre as edições representadas no mapa 07 as mais evidentes são as identificadas entre os anos de 1989 e 1990 e, posteriormente, em 2011 – conforme já apresentado numericamente na tabela 04. Se nos remetermos mais uma vez a assertiva anteriormente conferida por Anderson em relação a construção das “comunidades imaginadas”, de que aquilo que é lido por alguns outros também podem ler numa relação mútua, podemos inferir que a disposição histórica dos livros em dois momentos com cerca de vinte anos de diferença pode ter uma trajetória intelectual brasileira para nos contar sobre os estudos urbanos e campestres que parecem se utilizar de *O Campo e a Cidade* em alguma medida. Entretanto, ainda é preciso abarcar mais dos dados antes de adentrarmos definitivamente esta nossa discussão.

Sabemos, a partir de dados expostos anteriormente, que a cidade São Paulo tem destaque na proporção de livros mapeados bem como na questão quantitativa de obras de Williams mapeadas, seguida das cidades de Campinas, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, para

compõem os quatro principais pontos de possível difusão das ideias centradas em *O Campo e a Cidade* no Brasil. Para além disso, o Sudeste parece ser interessante para nós por ser em São Paulo, também, que têm início as discussões que acabam por fomentar uma tradição seletiva nacional que converge na produção de Williams como fundador dos estudos culturais, discussões essas principiadas pela pesquisadora Maria Elisa Cevalco, conforme citado, anteriormente. Temos também que nesta região, os acervos de universidades públicas contabilizam cerca de 34% de todos os livros de Williams do país, assim como detém 29% de todas as edições de *O Campo e a Cidade* mapeadas. Lembramos também que no âmbito das universidades públicas mapeadas, as pertencentes ao Sudeste compreendem o conjunto com o maior número de universidades fundadas antes da primeira tradução do livro, fato este que nos ajuda na ação de delimitar um recorte empírico. O papel desse recorte inicial, deste modo, se faz crucial para termos uma suposição de nosso ponto de difusão, nos ajudando assim a identificar o processo de análise da circulação do livro enquanto um elemento constituinte do pensamento social brasileiro sobre o rural e urbano, lembrando que rural e urbano aqui é sinônimo de nacional, uma tradição intelectual voltada ao pensamento nacional.⁴⁴

Se tomarmos as universidades públicas do Sudeste, inicialmente, procuraremos mapear a circulação de *O Campo e a Cidade*. A este respeito, ainda que não estejam presentes os dados de leituras do livro, o volume de edições desse livro parece indicar a formação da tradição intelectual inicial. Esta tem início com a primeira tradução de *O Campo e a Cidade* em 1989 e se mantém até os dias de hoje, orientando a construção de um pensamento social brasileiro sobre o campo e a cidade que poderia também ter se utilizado da perspectiva de natureza de Williams. Sendo essa tradição uma construção de diferentes sujeitos, dispostos de forma não relacionada diretamente, mas que têm um mesmo suporte teórico em Williams e que comunicam sobre este trabalho pautado em um livro do autor. É importante reforçar também que, apesar das linhagens interpretativas emergirem do estado de São Paulo ao longo da história de editoração de Raymond Williams no Brasil, os dados nos revelam outros caminhos que são igualmente importantes. Para isso, nos perguntamos assim se *O Campo e a Cidade* tem um impacto inicial regional ou nacional? Ou, para além disso, podemos nos perguntar se estas se

⁴⁴ Referente a centralidade proposta na região Sudeste, gostaríamos de enfatizar que tratamos aqui de uma tradição intelectual ligada às universidades, portanto, tratamos aqui de uma possível tradição intelectual universitária. Reconhecemos ainda a existência de outras tradições nacionais não universitárias – artísticas, literárias, etc. – que partem de outras localidades, em especial do Nordeste; mas que apresentam o epicentro comum de formação e produção no Sudeste (editoras e afins). Em suma, a tradição aqui destacada possui fonte no Sudeste, ainda que busque formas e abarque referenciais em outras regiões.

formaram mesmo em São Paulo? E, por fim, tendo em vista o teor dos dados encontrados nos questionamos se focar em São Paulo é crucial?

O que procuraremos afirmar com os próximos capítulos é como esses elementos teóricos e históricos dialogam com os principais dados apresentados nas tabelas, gráficos e mapas estudados até aqui. A partir dos dados de disseminação do livro *O campo e a cidade*, observa-se os principais pontos de concentração e de isolamento, o que nos permite aventar que um fundo cultural de Williams no Brasil está localizado em experiências acadêmicas de algumas regiões do país e de outras não, com destaque para região Sudeste, onde uma tradição intelectual universitária se construiu em torno de expoentes do pensamento social brasileiro, como Gilberto Freyre e Antonio Candido.

Dito isto, precisamos ainda averiguar de que maneira opera essa tradição que simultaneamente parece comunicar sobre o rural e o urbano e gerenciar a dispersão de *O Campo e a Cidade*. Para essa atividade, primeiro, iremos discorrer sob qual perspectiva Williams constrói uma ideia de natureza, campo e cidade, para que possamos, num segundo momento, colocar essa perspectiva em diálogo com o que temos de produção intelectual nacional e que preforma este ambiente intelectual favorável para a recepção de um livro sobre a temática de o campo e a cidade.

CAPÍTULO II

A perspectiva de Natureza em Raymond Williams

Se pensarmos na extensão da produção intelectual de Raymond Williams (1921-1988), temos que este trata-se de um autor capaz de operar e correlacionar diferentes categorias para construir uma elaborada rede de sentidos. Para a categoria de “natureza” não poderia ser diferente, uma vez que Williams mobiliza igualmente categorias distintas para tratar desta. Precisamos a princípio localizar como o autor constrói vínculos entre as diferentes categorias que perpassam não apenas *O Campo e a Cidade*, mas também o conjunto de suas obras, e que se relacionam, em alguma medida, a temática geral da natureza.

‘Eu suponho que as primeiras duas pessoas que você escolheria conhecer seriam os dois maiores nomes da literatura inglesa, Sir Isaac Newton e o senhor Locke’. É o que relata Hazlitt em 1825, mencionando uma conversa entre seus amigos sobre ‘personalidades que gostariam de ter conhecido’. Se o uso de ‘literatura’ surpreende, onde se espera [o uso da] ‘ciência’ ou ‘filosofia natural’, este é um problema tanto nosso quanto deles.⁴⁵

O trecho apresentado foi escrito por Williams para compor o prefácio de *Languages of Nature: Critical Essays on Science and Literature* (1986), livro este em que o autor galês foi convidado a escrever sobre as relações estabelecidas entre ciência e literatura enquanto campos do conhecimento que, por vezes numa abordagem compartilhada, tratam da temática da natureza. Williams, ao longo do prefácio, evidencia como alguns dos nossos princípios mais básicos, como nossos conhecimentos sobre natureza, ciência e a própria vida são, ao mesmo tempo, “historicamente constituídos e socialmente alterados e contestados”⁴⁶. A assertiva é direcionada ao conjunto de ensaios que compõem o livro, mas não se limitam ao conteúdo do impresso, posto que Williams tenta exprimir como o conjunto de conhecimentos que circulam atualmente têm uma trajetória e uma história de embates muito maior do que poderia ele relatar nas páginas de um prefácio. Desta maneira, ainda precisamos abarcar mais sobre a história destes conhecimentos gerais e sua relação com a trajetória de nosso autor galês.

⁴⁵ WILLIAMS, Raymond. Prefácio, In: JORDANOVA, Ludmilla. (ed.) *Languages of Nature. Critical Essays on Science and Literature*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1986. p. 11 – tradução minha.

⁴⁶ WILLIAMS, Raymond. Prefácio, In: JORDANOVA, Ludmilla. (ed.) *Languages of Nature. Critical Essays on Science and Literature*. *Op. cit.*, p. 11.

Se nos atentarmos propriamente aos conhecimentos da natureza e da história que datam do século XX em diante veremos que estes não mais “se digladiam como seria na época da concepção mecânica do mundo”. Ernest Robert Curtius, ao elaborar tal formulação, sinaliza como os conhecimentos da natureza e da história convergem para uma nova concepção de mundo, mais abrangente, que dá forma ao semblante científico de nosso tempo. Não podemos nos esquecer, entretanto, que a problemática da natureza está no centro de um debate de longa data no campo da ciência e da história dos homens, e por isso precisamos recuar um pouco mais nessa trajetória.

O conhecimento da natureza a partir do século XIX – na qualidade de um campo de estudo – “tem feito progressos maiores que os de todas as épocas precedentes”⁴⁷, enquanto os progressos do conhecimento da história, menos perceptíveis, “introduzem novas formas de pensar dos que deles participam”.⁴⁸ Em outras palavras, Curtius nos apresenta que, ao contrário dos conhecimentos da história, os progressos do conhecimento da natureza são verificáveis quando os desmembramos nas diferentes disciplinas que compõem as ciências naturais da atualidade. O progresso do conhecimento histórico, por outro lado, é indicado como algo que “só voluntariamente o podemos admitir”⁴⁹, uma vez, os representantes do progresso histórico “são sempre indivíduos isolados que em razão de abalos históricos, como guerras e revoluções, são levados a encarar novos problemas”.⁵⁰

Ao pensarmos no enunciado apresentado por Curtius quanto ao problema da experiência histórica dos indivíduos – entendida aqui em seu sentido derrotista – precisamos deixar de lado o embate entre os conhecimentos da natureza e da história e nos focarmos, brevemente, neste último enquanto uma paisagem sob a qual são construídas inúmeras experiências. Se imaginarmos rapidamente os principais eventos históricos contemporâneos, de grandes proporções ou não, que carregaram implicações para o desenvolvimento da história intelectual da atualidade, podemos estabelecer correlações para com a história pessoal dos indivíduos presentes em tais eventos. Marc Bloch, Ernst Jünger entre uma série de outros nomes que poderíamos citar, mas aqui iremos ressaltar à composição da intelectualidade britânica sob esse contexto⁵¹, a qual é composta por nomes como Richard Hoggart, Edward Thompson, Eric

⁴⁷ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. São Paulo: Hucitec, Ed. da Universidade de São Paulo, 1996. p. 37.

⁴⁸ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. *Op. cit.*, p. 38.

⁴⁹ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. *Op. cit.*, p. 38.

⁵⁰ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. *Op. cit.*, p. 34.

⁵¹ Referente à discussão sobre o contexto da história intelectual em que Williams se insere, é referência a pesquisa de mestrado em andamento de José Ricardo Beltrami de Melo intitulada “Correspondências de Pierre Bourdieu a Raymond Williams: diálogos na história intelectual do século XX”, sediada na Faculdade de Educação/FE-UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Alexandre Henrique Paixão.

Hobsbawm e, em especial, Raymond Williams, cuja história individual faz parte da história cultural da intelectualidade inglesa do pós-segunda guerra.⁵²

A assertiva anterior nos leva a ponderar brevemente a trajetória intelectual do autor galês em relação a sua experiência pessoal. Williams, em 1939, ainda no primeiro ano de sua graduação, foi convocado para prestar serviços ao Exército Britânico durante a Segunda Guerra Mundial, retornando para concluir o curso superior em Cambridge apenas em 1945, ao pedir baixa do referido posto. Findados os estudos, Williams ingressa como tutor de adultos em Sussex, dentro do projeto associativo entre a Universidade de Oxford e a Associação Educacional de Trabalhadores (Workers' Educational Association – WEA). Atuando como tutor de adultos até o ano de 1961, foi este o principal período em que Williams elaborou parte de sua extensa lista de obras que seriam tidas como referência, futuramente, para o campo dos estudos culturais e da educação.⁵³ Além do conhecimento referente ao destaque intelectual do autor no contexto do pós-guerra, ainda se faz necessário abarcar sobre a história de Williams antes deste período e para isso podemos revisitar parte da história do autor que antecede sua ida a Cambridge. Nascido em 31 de agosto de 1921, Williams passou a infância no interior de uma família de trabalhadores no pequeno vilarejo rural de Llanvihangel Crucorney, na fronteira do País de Gales com a Inglaterra. O sentido de fronteira aqui utilizado não é tão somente o comum sentido de limite geográfico, mas ocupava também o papel de uma demarcação cultural, geracional e emocional. Estudos sobre as obras ficcionais de Williams nos revelam que a temática das relações de “fronteira” no autor são corriqueiras e apresentam uma peculiaridade de uso, de forma que

Nessas obras de cunho ficcional do autor está exposta, conjuntamente, uma análise das relações sociais familiares, sob o signo do problema das gerações, elas mesmas impactadas pelo dinamismo sistemático do tempo. Passado, presente e futuro estão sempre entrelaçados no interior da ficção de Williams e podem ser notados no fluxo das experiências narradas pelos personagens, sobretudo aqueles que são do tipo fronteiro (border) e vivem no limiar de tempos e espaços que se misturam dentro deles.⁵⁴

⁵² Sínteses de Alexandro Paixão, sobre a trajetória de Raymond Williams e as decorrências de seu retorno para Cambridge ver: PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Raymond Williams e a Educação Democrática*. Educ. Soc., Campinas, v. 39, n. 145, p. 1004-1022, Dec. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000401004&lng=en&nrm=iso.

⁵³ Conferir o debate sobre Williams no campo da educação e sociedade em PAIXÃO, Alexandro Henrique (org.) *Raymond Williams e Educação: Coletânea de Textos sobre Tutoria, Extensão, Currículo e Métodos de Ensino*. Campinas-SP: Editora FE/UNICAMP, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=001091920>.

⁵⁴ PAIXÃO, Alexandro Henrique; MELO, José Ricardo Beltramini de; MURAD, Mariana Carvalho. *Cultura e experiência nos romances de Raymond Williams*. Leitura: Teoria & Prática. v. 37, n. 77. p. 17-32. 2019. Disponível em: <https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/804>.

“Passado, presente e futuro estão sempre entrelaçados [...] e podem ser notados no fluxo das experiências narradas pelos personagens”; esta é a afirmação que lemos na citação, e podemos nos perguntar também o quão se faz presente essa experiência narrativa na história pessoal de Williams. Se pensarmos na “fronteira” para além do campo ficcional do autor, podemos encontrar parte da história familiar de Williams narrada em *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. O avô, conforme nos é contado, foi lavrador até meia-idade, quando perdeu o emprego e a casa, e foi trabalhar na estrada, cortando galhos e limpando a pista. Quando Williams nasceu, seu pai era sinaleiro na estrada de ferro, a qual compunha a rede que integrava o vilarejo a lugares distantes conhecidos. Porém, como nos sinaliza Williams, seu pai continuava um aldeão mesmo trabalhando na estrada de ferro, continuava levando frutas e legumes ao mercado, de bicicleta, o que compunha uma outra rede de interações locais e pessoais para além daquela rede da estrada de ferro.⁵⁵ E, obedecendo a essa lógica de interações e deslocamentos, temos também o próprio Raymond Williams, que nasceu e cresceu no campo e, quando jovem, foi para Cambridge, onde passou a conviver com uma outra “cultura”⁵⁶, esta descrita pelo autor nesse primeiro contato como uma disciplina, um modo de vida, geralmente considerado urbano ou, mais comumente, civilizado – como viremos a discutir. Williams acena para esse movimento ao lembrar que,

Como já disse antes, nasci numa aldeia e até hoje moro numa aldeia. Mas nasci ao pé das Black Mountains, na divisa de Gales, onde os prados são de um verde vivo que contrasta com o vermelho da terra arada, e as árvores mais próximas de minha janela são carvalhos e azevinhos. Agora vivo na planície, num promontório de argila saibrosa, perto de dique e comportas, na terra negra da região de Fens, sob os amplos céus de East Anglia. Este contraste físico é uma presença constante para mim, mas não é o único contraste [...]. No final da trilha perto da casa de minha infância existe agora uma ampla rodovia, pela qual passam caminhões em alta velocidade. Contudo, aquele caminho também foi aberto, pavimentado e usado por veículos: só está ali a duas gerações, desde o tempo em que um jovem construtor casou-se com a filha de um fazendeiro e recebeu um pedaço de terra para lá construir sua casa, e depois oficinas sucessivamente convertidas em casas; a primeira dessas oficinas veio a ser a casa de meus pais. [...]. Assim, esta vida campestre tem muitos significados: em

⁵⁵ Sobre a família, avo e pais de Williams, ver WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 15

⁵⁶ Importante lembrar que no ensaio “A cultura é algo comum”, Williams diz que não precisou ir para Cambridge ou Inglaterra para aprender sobre cultura, por isso nos utilizamos aqui por destacar o termo, referindo-se assim não a um primeiro contato de Williams com a noção de cultura, mas sim do primeiro contato do autor com um outro viés do termo. Para além disso, lembramos que durante a estadia inglesa, o autor conhece a experiência das revoluções na sociedade e exprime suas preposições em *Cultura e Sociedade*, publicado em 1958, que veio a se tornar um livro capital do autor, sendo um marco dentro de sua teoria da cultura, onde ele coloca o debate da cultura como central. O livro de Williams que materializa essa forma nova de discutir os fatos da cultura, reunindo a um só tempo análises sociopolíticas e literárias. Ver: CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. p. 35.

termos de sentimentos e de atividades; no espaço e no tempo. [...] Mas aquele caminho na aldeia das Black Mountains, agora tão diferente tanto da rodovia quanto da alameda que ainda guardo na memória, é recente: remonta à época em que meu pai, aos doze anos de idade, foi trabalhar na fazenda.⁵⁷

Se nos atentarmos a passagem apresentada, tendo em vista também como se deu a relação do avô e do pai de Williams com as questões do rural e do urbano que perpassaram questões familiares e pessoais, podemos inferir algo muito além de apenas uma questão geracional associada ao campo. Encontramos uma relação familiar ligada ao vilarejo e uma relação de trabalho que remete aos elementos da cidade: a rodovia e a estrada de ferro. Encontramos uma primeira proximidade da relação do autor para com o campo, quando é reconhecido que, tanto seu avô quanto seu pai “nasceram para aquela terra campestre, porém não podiam viver dela” – ou pelo menos não somente dela –, e, por isso, procuraram empregar-se nos elementos “urbanos” que cruzavam a fronteira de sua “aldeia”.

Do mesmo modo que identificamos elementos campestres e urbanos e possíveis relações destes com a trajetória de Williams, a mesma relação se exprime em *O Campo e a Cidade* quando o autor trata das afinidades dos cenários – o campo e a cidade – que dão título a obra na trajetória da Inglaterra, perpassando o modo sob o qual as imagens de ambos foram criadas e recriadas no tecido literário. Particularmente sobre o uso da literatura enquanto objeto de análise da história, precisamos reconhecer que esta empreitada não é exclusiva de Williams, de tal modo que temos o já citado Ernest Curtius utilizando uma abordagem similar em *Literatura Europeia e Idade Média Latina* (1948) e também Keith Thomas que opera elementos da literatura europeia para tratar das mudanças de atitude inglesas em relação à natureza no livro *O homem e o mundo natural* (1988). Encontramos no trabalho de Williams, assim como nos livros dos autores citados, uma aspiração ao estudo e à busca de uma comunidade real construída e demarcada na história da literatura europeia das relações entre o rural e o urbano. Entretanto, o que difere Williams dos demais autores em sua análise dessa comunidade é o entendimento das categorias de literatura, ciência e sociedade envolvidas. Isto porque, para o autor,

As pessoas podem questionar então, como ‘Ciência’ e ‘Literatura’ se relacionam uma com a outra, ou como qualquer uma se relaciona com a categoria também bastante geral de ‘Sociedade’, sem notar que versões dessas relações – dados cercamentos, distancias, oposições – já estão inscritas nas próprias categorias.⁵⁸

⁵⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., pp. 16-17

⁵⁸ WILLIAMS, Raymond. Prefácio, In: JORDANOVA, Ludmilla. (ed.) *Languages of Nature. Critical Essays on Science and Literature*. Op. cit., p. 15 – tradução minha.

Retornamos assim ao prefácio escrito por Williams que introduzimos no início do capítulo e relacionando-o a apresentação de *O Campo e a Cidade* formulada brevemente, podemos ler na citação que o autor, ao operar elementos comuns circunscritos na categoria de “Literatura”, tais como campo e a cidade, que apesar de circunscritos no interior do tecido literário, também o extrapolam, carregando um entendimento do campestre e do urbano para o que se compreende na categoria de “Ciência” – e vice-e-versa –, de forma que esta relação entre os elementos das duas categorias tende a facilitar o entendimento mais geral do mundo rural e urbano que se mantém pelos séculos na categoria mais geral de “Sociedade”. O fato fundamental que procuramos discutir é como a perspectiva de natureza na obra de Williams se evidencia quando o autor observa como, com toda experiência da revolução e suas transformações, as atitudes inglesas em relação ao campo e às concepções de vida rural persistiram com poder extraordinário em ambas as categorias citadas, de modo que, mesmo depois de a sociedade tornar-se predominantemente urbana, a literatura, durante uma geração, continuou basicamente rural.⁵⁹

O recuo ao passado para encontrar as diferentes representações elaboradas por escritores e poetas ingleses tem início com o convite feito a Williams para resenhar um livro sobre o campo – o qual o autor não revela o título –, mas que continha em suas páginas menções às relações entre tempos antigos ingleses e formas de vida campestre. A correlação entre campo e passado, por conseguinte, suscitou em Williams o interesse em observar, mais atentamente como os intelectuais concebiam a vida rural, em realizar um estudo de como a velha Inglaterra campestre era concebida e retratada ao longo dos séculos.

Ao enunciar a relevância de tais elementos contrastantes entre a vida campestre e a vida citadina que serão tratados *O Campo e a Cidade*, Williams nos conta que “ainda que o campo e a cidade guardem esta importância profunda, cada um a seu modo, meus sentimentos já estão comprometidos antes mesmo que tenha início qualquer argumentação.”⁶⁰ Confiamos deste modo que a armação teórica elaborada por Williams neste livro, ao apresentar uma análise das representações literárias ao longo da história humana e da história inglesa, carrega também uma perspectiva pessoal do autor em torno da temática mais ampla de natureza. Assim, é do contraste entre tais representações presentes no livro que passaremos a mapear o lugar da ideia de natureza para Williams.

⁵⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., pp. 13-14.

⁶⁰ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 17.

2.1 A perspectiva de natureza em *O Campo e a Cidade*

Ainda que sob um olhar mais amplo o conjunto de obras de Raymond Williams esteja centrado no campo dos estudos culturais, a temática da natureza parece ocupar uma centralidade proposta em *O Campo e a Cidade* – inclusive para podermos pensar a própria ideia de cultura, enquanto uma cultura rural em contraste com uma cultura urbana. Temos no livro, a princípio, que o uso da palavra natureza refere-se não somente ao contraste entre espaços reais rurais e urbanos da Inglaterra, mas também à lógica das emoções e das representações literárias associadas a esses espaços,⁶¹ o que configura um sentimento de nação ou de nacionalismos. Temos como ponto de partida a evidência de que este trabalho do autor se pauta no estudo da literatura nacional europeia, procurando correlacioná-la com os fatos históricos ingleses de uma determinada nação. Referente a essa questão, sabemos que

Como a literatura europeia só pode ser vista enquanto conjunto, só historicamente é possível proceder a seu estudo, e não sob forma de história da literatura. Uma história narrativa e enumerativa apenas proporciona conhecimento livresco dos fatos. A consideração histórica deve, porém, esclarecê-la e penetrá-la. [...] O ponto de vista para esse fim só pode ser obtido pelo exame comparativo das literaturas, isto é empiricamente. Só uma ciência da literatura apoiada na filologia e na história pode realizar a tarefa.⁶²

Isto quem nos diz é Ernest Curtius ao relatar sobre o problema de lidar com a literatura europeia enquanto objeto de estudo. E quem nos parece resolver esse problema, é Williams. Novamente, encontramos as categorias de “literatura” e “ciência” sendo utilizadas para tratar da análise de uma temática mais ampla, e aqui reside a atenção de Williams. A construção de *O Campo e a Cidade* se pauta em uma “ciência da literatura” europeia como principia Curtius, porém Williams vai além: não só busca pautar-se em elementos da filologia e da história da Inglaterra, como contrasta as paridades e discordâncias entre os elementos comparados. E este contraste, entre os diferentes campos e cidades – da literatura e da história –, é justamente o que vai servir de alicerce para o autor construir uma obra em que um sentido de natureza permeia seu discurso e perfaz nacionalismos ficcionais ou históricos. Aqui, portanto, faremos um caminho oposto. Enquanto Williams encerra o debate apresentado no subtítulo de seu livro “na história e na literatura”, iremos operar pela chave da literatura e, posteriormente, pela história inglesa. Para análise de um sentido de natureza em *O Campo e a*

⁶¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 11

⁶² CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Op. cit. p. 47.

Cidade iremos nos aproximar da construção imagética de Simon Schama em seu *Paisagem e Memória* (1996), em que cada etapa da ação de analisar a paisagem do campo e da cidade deve ser encarar como “uma escavação, começando pelo conhecido, pelas camadas de lembranças e representações, até tocar a base da rocha, que se formou há séculos ou até milênios e voltando à superfície, à luz do conhecimento contemporâneo”.⁶³ Começando assim pelo que é “conhecido”, iremos começar pelo próprio livro e o que Williams tem a nos contar, pelas lembranças e representações do autor, até finalmente chegarmos a uma perspectiva de natureza que permeia sua obra.

De início, Williams abre o livro referindo-se tanto ao campo quanto à cidade, em primeiro lugar, como “palavras muito poderosas”.⁶⁴ Para Williams, portanto, “campo” e “cidade” são, antes de tudo, palavras, construções linguísticas. Precisamos, então, nos atentarmos a essa assertiva, indagando a importância desses cenários serem, antes de tudo, “palavras”. Esta é uma forma característica utilizada pelo autor para orientar o estudo da história e que o diferente, em alguma medida, da forma que outros autores de seu tempo pensaram o estudo dos objetos da cultura no tempo. É um processo particular do autor de encarar a produção histórica de comunidades através do emprego dado as palavras – entendendo esse emprego enquanto um objeto cultural. Ou seja, em *O Campo e a Cidade* Williams nos apresenta como artifício inicial de sua argumentação o exame da presença das palavras “campo” e “cidade” na história e na literatura, sob um fenômeno que o mesmo chama de “escada rolante”⁶⁵, para retroceder no tempo e questionar a supervalorização do passado em “relatos sentimentalizados da velha Inglaterra”. Tal metáfora é assim utilizada pelo autor ao referenciar a prática de nos alongarmos em uma análise do tempo histórico por meio de relatos em um movimento constante de retorno ao passado, de forma a apreender uma disposição da crise de perspectivas⁶⁶ acerca da passagem do mundo rural para o urbano, que data de antes mesmo da literatura inglesa, encontrando-se demarcada no emprego e representações que a palavra natureza ganha no tempo.

Podemos sinalizar que, em uma análise de sua origem, evolução e diferenciações de uso, Williams reconhece que “Natureza talvez seja a palavra mais complexa da língua”⁶⁷

⁶³ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 27.

⁶⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 11.

⁶⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 23

⁶⁶ O autor dedicou o segundo capítulo de sua obra para denotar a existência de um problema de perspectiva recorrente na literatura inglesa, acerca de uma mudança crucial da vida campestre em favor da vida urbana industrial e sua indelével ascensão. Ao recuar no tempo, percebeu elementos dessa perspectiva comuns em outros tempos retroativos

⁶⁷ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 293.

inglesa. A assertiva provém de *Palavras-chave*, e, durante esse processo de reconstituição histórica do sentido da palavra, o autor evidencia “três significados distinguíveis”⁶⁸ de uso para Natureza na história que se mantêm até a contemporaneidade. Embora não pretendamos nos dedicar aqui à discussão mais geral referente a evolução de usos e aplicações da palavra no contexto inglês, podemos distinguir os significados atribuídos à palavra entre os séculos XIII e XVII, uma vez que estes serão os usos comuns encontrados por Williams ao contemplar os textos literários que integram *O Campo e a Cidade*.

Datando do século XIII, Natureza era utilizada para nomear “(i) a qualidade e o caráter essenciais de algo”; depois encontramos no século XIV o uso para caracterizar “(ii) a força inerente que dirige o mundo ou os seres humanos, ou ambos”, e finalmente, a definição de representar “(iii) o próprio mundo material, incluídos ou excluídos os seres humanos” do século XVII.⁶⁹ Muito embora Williams reconheça o caráter “primordial e recorrente”⁷⁰ de cada um dos três significados apresentados, o mesmo ressalta que o último sentido, empregado a partir do século XVII, veio a se tornar evidentemente mais presente, auxiliando na construção de um sentido primordial e recorrente de Natureza, sintetizado nas “belezas naturais” e nos “corações dos homens”⁷¹. O surgimento decisivo do sentido de natureza como representante de um mundo material forneceu as bases para que a literatura pudesse contrastar natureza com o que fora feito do homem, ou com o que o homem fizera consigo mesmo, ou seja, um significado de natureza podia ser, agora, contrastado com um estado existente de sociedade.

A ideia recém personificada de natureza em um mundo material, conjuntamente a este novo estado de natureza que se contrapunha a um estado de sociedade, veio a desempenhar um papel crítico na organização do movimento romântico europeu, o qual, em linhas gerais, discorria sobre uma sociedade “artificial” ou “mecânica”, em que o contato com a natureza devia recuperar ou, ao menos, lembrar daquilo que outrora fora perdido.⁷² Com efeito, este foi um dos usos mais poderosos de natureza identificados por Williams desde o final do século XVIII, sentido este que atribuiu à Natureza a significação de “campo” e de “lugares intactos”, um sentido coletivo de bondade e inocência.⁷³ Tal sentido de Natureza veio a se tornar recorrente nos contrastes entre as palavras cidade e campo, associando natureza a tudo aquilo que o homem de seu tempo não fez, ainda que se trate de algo feito pelo homem há muito

⁶⁸ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit., p. 293.

⁶⁹ Sobre a historicização semântica e os usos da palavra “Natureza” ver WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit., pp. 293-299.

⁷⁰ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit., p. 294.

⁷¹ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit., p. 298.

⁷² WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit. p. 298.

⁷³ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit. p. 298.

tempo, como uma sebe ou um deserto.⁷⁴ E esse contraste em especial, entre as palavras campo e cidade, com um sentido de natureza interiorizado pelo movimento romântico é especialmente coerente na discussão apresentada por Williams ao contrastar estas mesmas palavras em *O Campo e a Cidade*.⁷⁵

O fato de serem “palavras” implica, assim, que existe um sentido historicamente associado. Isto porque, o objeto de estudo do autor não seria a busca pelos “verdadeiros” campo e cidade – seus verdadeiros sentidos históricos –, mas sim as “representações” desses cenários, contidas, principalmente, no tecido literário. O estudo das representações, nos termos do autor, é central pois, segundo o mesmo, nessas representações estão contidas tanto “imagens e associações”⁷⁶ quanto “atitudes emocionais poderosas”,⁷⁷ cujo sentido histórico pode ser extraído quando “conectadas à experiência historicamente variada”⁷⁸ que deu suporte a tais representações. Lembramos ainda que o fato de serem palavras, e, portanto, formas de representação, carregam para Williams o indicativo de se tratarem de imagens comuns, as quais têm dentro de si valores e “emoções” construídos historicamente em sociedade – termos estes que são valorativos no sentido de “sentir, descrever e pensar” comuns para todos.⁷⁹ Contudo, ainda é necessário apresentar as preposições relacionadas ao sentido de natureza presente em *O Campo e a Cidade*.

A problemática da Natureza nos é apresentada no livro como um “problema comum de sentido e referência”.⁸⁰ A palavra natureza, portanto, parece conter dentro de si significados por vezes contrastantes, mas cujo entendimento corresponde à compreensão de uma parte significativa da história humana. De forma que, o que interessa para Williams, assim como para nós,

não é o significado mais adequado, mas a história e a complexidade dos significados: as alterações conscientes ou seus usos conscientemente diversos; e, com a mesma frequência, aquelas mudanças e diferenças que, marcadas por uma continuidade nominal, expressam radicalmente mudanças diversas, muitas vezes despercebidas, em um primeiro momento, na experiência e na história.⁸¹

Segundo inferimos, a ideia de natureza não existe deslocada de uma experiência humana historicamente situada para o autor e ligada ao solo nacional. Isso porque o significado

⁷⁴ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit. p. 299.

⁷⁵ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit., p. 298.

⁷⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 12.

⁷⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 11.

⁷⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 12.

⁷⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 35.

⁸⁰ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. Op. cit., p. 89.

⁸¹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. Op. cit., p. 90.

da palavra natureza, seu “sentido”, não pode ser devidamente avaliado sem que se entenda o contexto histórico social ao qual se refere, ou seja, a “referência”. Este estudo explicitará, portanto, as associações feitas por Williams entre o desenvolvimento histórico dos sentidos de natureza e o contexto das sociedades inglesas que os assimilaram, gestaram e modificaram.

Williams identifica, dentre as diversas formas de existência de comunidades rurais e urbanas, algumas representações e atitudes para com o campo e a cidade que, no contexto inglês, devido ao processo de Revolução Industrial, cristalizaram-se de tal forma e “num grau tão acentuado que, sob certos aspectos, não se encontra paralelo”.⁸² O fato fundamental é que, com toda experiência da revolução e suas transformações, “as atitudes inglesas em relação ao campo e às concepções de vida rural persistiram com poder extraordinário, de modo que, mesmo depois de a sociedade tornar-se predominantemente urbana, a literatura, durante uma geração, continuou basicamente rural”⁸³. Isto porque, conforme salienta Curtius, a literatura europeia é tão antiga quanto a cultura europeia, de forma a abranger um período de cerca de vinte e seis séculos contados de Homero a Goethe⁸⁴, sendo que esta literatura tem como principal expoente a vertente do romantismo europeu, um dos fundadores da tópica do nacionalismo literário.

Desta forma, Williams nota que a elementos bucólicos podiam ser encontrados ao longo do movimento literário europeu, de modo que toda uma tradição de “poesia da natureza” – vigorosa, autônoma e com um sentido particular de natureza –, foi capaz de encontrar meios de perpetuar uma imagem coletiva de “campo” para além do século XVIII, mesmo durante os processos de urbanização. Sobre esta literatura bucólica, Williams comenta que

todas as tradições são seletivas, e a tradição bucólica é tanto quanto qualquer outra. Aonde vão os poetas, os estudiosos vão atrás, e vez após vez as perguntas referentes à poesia bucólica ou a poesia de fuga para o campo dos séculos XVI, XVII e XVIII são deixados de lado e tudo é simplesmente explicado pela referência as fontes. Não devemos examinar [...] como era de fato o campo na época: essa seria uma atitude utilitarista e materialista.⁸⁵

E isto nos é caro uma vez que, em *O Campo e a Cidade*, é evidente o contraste simultâneo entre as representações de campo e de cidade e da tradição e poesia bucólicas com as intenções realistas contidas – ou ocultadas – nessa tradição.⁸⁶ Williams localiza que a construção da representação de campo oscila entre “sentimentos e ideias” ao longo do tempo,

⁸² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 14.

⁸³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, pp. 13-14.

⁸⁴ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. *Op. cit.* p. 43.

⁸⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 34.

⁸⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 27.

através de uma rede de relacionamentos e decisões. O contraste com a cidade se dá por meio de relações que extrapolam o emaranhado de ideias e experiências individuais, também referenciando-se a um sistema mais amplo, que compreende relações de “aluguéis e juros”, bem como de “situação e poder”⁸⁷. A princípio, isto se dá na medida em que natureza era usada enquanto uma qualidade “essencial” do campo para se contrapor às consequências da civilização, tanto em termos aparentemente objetivos e visíveis – na paisagem campestre –, como em termos subjetivos na medida em que significa uma qualidade primordial, intrínseca aos seres humanos – a natureza humana. Esta era justamente a expressão de uma “estrutura de sentimento”⁸⁸ do século XVIII, cujo sentido perdura até a contemporaneidade do autor: “A afirmação da natureza em oposição à indústria e da poesia em oposição ao comércio; o isolamento da humanidade e da comunidade na ideia de cultura, em oposição às pressões sociais concretas da época”⁸⁹.

De maneira mais imediata, Natureza, em *O Campo e a Cidade*, aparece enquanto elemento conciliador entre os diferentes “campos” e “cidades”. Aparece entre os processos de constituição dos discursos literários e históricos sobre o rural e o urbano, em que a questão da natureza atua no intercâmbio entre a representação da literatura e suas intenções realistas. Esse processo de análise se torna evidente quando Williams principia o exame da “verdadeira” Inglaterra rural do século XVIII, passando a reconhecer que há “uma forma antiga de vida colocada em segundo plano pelo desenvolvimento tumultuado do novo sistema Industrial”⁹⁰. A história do campo que chega ao século XIX é, na verdade, discernida como uma “consequência”⁹¹. Isto porque, se trata do conglomerado de discursos – literários e históricos – que foram elaborados nos séculos anteriores, e o fundamento para a compreensão do sentido de Natureza para Williams é, portanto, o contraste entre, de um lado, o campo e, de outro, a cidade: a “natureza” campestre e a mundanidade urbana.⁹² Nesse processo, o campo⁹³ em sentido

⁸⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 19

⁸⁸ Menciono que a temática da “estrutura de sentimento” utilizada por Williams já foi objeto de estudo nacional e internacional. Enquanto referência para meu trabalho, cito o Paper “Raymond Williams: História Intelectual Inglesa, Cultura e Educação de Adultos no Pós-Guerra”, elaborado por Alexandro Henrique Paixão.

⁸⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 135.

⁹⁰ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 249.

⁹¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 252.

⁹² Williams ainda continua, nos apresentando que contraste retórico entre a vida urbana e a campestre é certamente tradicional: “[...] os contrastes entre ganância e inocência, com essas localizações características são comuns na literatura grega tardia e na latina”. WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 69.

⁹³ Sob outra perspectiva, Williams nos conta que “Historicamente a palavra (country) é muito curiosa [...] tem dois significados diferentes no inglês moderno: em linhas gerais, a terra nativa [país, pátria] ou suas zonas rurais ou agrícolas [campo]. O uso especializado e generalizado de country em oposição a cidade surgiu no final do século XVI com a crescente urbanização e, em especial, com o crescimento da capital Londres. Em seu uso geral, como terra natal, country tem associações mais positivas do que nação ou Estado. Habitualmente, “Country” inclui as

positivo passou a relacionar-se à ideia de “paz, inocência e virtude simples” e em sentido negativo a “atraso, ignorância e limitação”⁹⁴. A cidade, por outro lado, quando referida positivamente estava associada a “saber, comunicação, luz” e negativamente a “barulho, mundanidade e ambição”⁹⁵.

O período sobre o qual Williams volta sua atenção no livro – entre os séculos XVI, XVII e XVIII – corresponde a reorganização econômica da Inglaterra rural. Período este em que a propriedade rural e a produção a ela associada passam a relacionar-se diretamente com a cidade, em uma relação posta pela presença da natureza: a exploração da terra pelo homem. E esse é, seguramente, o fato que escapa de uma grande fração da poesia bucólica, mas que está contida, em alguma medida, nas relações e intenções realistas do século XVIII. Quem nos auxilia nesse debate é Keith Thomas, indicando que a “convenção clássica segundo a qual os moradores do campo eram não apenas mais saudáveis, porém moralmente mais admiráveis que os habitantes da cidade, foi tema literário e recorrente na literatura inglesa dos séculos 17 e 18”⁹⁶. No geral, ainda que esta seja a representação literária, a afirmação tinha pouca justificativa nos fatos sociais, uma vez que a agricultura foi o setor da economia que se desenvolveu de “maneira mais cruel” na Inglaterra.⁹⁷ Isso em razão de, primeiramente, os pequenos agricultores declinarem em número por todo país – mesmo antes do século XVIII – em função dos grandes agricultores, e, secundariamente, a ascensão do trabalho assalariado, em suma, os “vícios da avareza, a opressão e a hipocrisia eram pelo menos tão destacados no campo quanto na cidade”.⁹⁸

Keith Thomas identifica que os lucros rurais eram consumidos na cidade e que era no espaço citadino que pairava a concepção de ali encontrava-se “a sociedade mais sofisticada, as últimas modas e os vícios mais caros”, enquanto no campo, a vida rural favorecia a “carência do anonimato” o que fazia da cidade um cenário melhor para a “intriga clandestina”, ou seja, os mencionado vícios citadinos.⁹⁹ E é exatamente nessa relação de “lucros” que Williams situa

peças que moram nele, enquanto nação é mais abstrato e Estado contém um sentido de estrutura de poder. A rigor, em contextos políticos *country* pode substituir povo.”. Ver: WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. *Op. cit.* pp. 293-2999.

⁹⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 11.

⁹⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 11.

⁹⁶ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 349.

⁹⁷ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* p. 350.

⁹⁸ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* p. 350.

⁹⁹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* p. 350.

a Natureza como o elemento que, ao mesmo tempo em que media a exploração que tem lugar no campo e que é “concretizada e concentrada”¹⁰⁰ na cidade, também gerencia como os lucros provenientes de outros tipos de exploração – citadinos – “vão penetrar o campo, como se (mas trata-se de uma aparência apenas) fossem um novo fenômeno social”¹⁰¹. Essa é a relação não contada na tradição bucólica sob a qual Williams se debruça.

Foi especialmente nesse processo de interdependência que o contraste entre rural e urbano se cristalizou na Inglaterra. Campo e cidade receberam representações poderosas quando colocadas em situação de coexistência: a vida na cidade era “fervilhante de lisonja e suborno, de sedução organizada, de barulho trágico, com ruas perigosas por causa dos ladrões, com casos frágeis de amontoados”¹⁰², e a forma de refugiar-se desse “inferno” era no campo¹⁰³. Trata-se, no entanto, de uma visão do campo esboçada na cidade, e não de uma construção de uma imagem do campo pelo próprio “homem do campo”.¹⁰⁴ Na cidade, idealiza-se uma natureza “comprada”, o homem da cidade a idealiza na forma de uma casa de campo ou de uma viagem. Esta não é a representação e não é o “sonho rural”, mas sim uma idealização urbana – do homem suburbano. Esta idealização se coloca em relação direta à “corrupção interna da cidade”, vindo a exercer uma importante influência sobre a literatura subsequente, sendo incorporada ao contraste tradicional de campo e cidade por meio de como a natureza aparece no sonho urbano de uma vida campestre.¹⁰⁵ Sonho este que se traduzia em uma “cabana de final de semana” para quem habitualmente estava na cidade, porém, é certo que as casas de campo que “serviram de refúgio à aristocracia não eram cabanas rurais, mas esplêndidas mansões planejadas para trazer a civilização urbana”¹⁰⁶ aos arredores do campo.

Mas, “mesmo quem era pobre demais para se permitir a cabana de fim de semana ainda olhava para o campo em busca de ocasional refrigério”¹⁰⁷. E o uso da expressão “ocasional refrigério” por Keith Thomas nos é interessante, uma vez que após a década de 1640, com a expansão econômica não sendo mais exclusividade dos espaços urbanos, a imagem do

¹⁰⁰ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 71.

¹⁰¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 71.

¹⁰² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, pp. 70-71.

¹⁰³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 72.

¹⁰⁴ Embora a temática do refúgio reapareça nesse momento, sua relação na perspectiva de Natureza de Williams foi previamente na seção anterior. Ver a discussão iniciada na p. 03.

¹⁰⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, pp. 70-71.

¹⁰⁶ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 351.

¹⁰⁷ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 353.

retiro rural já não era uma “simples defesa contra o mundo corrupto”¹⁰⁸, mas retratava uma mudança de mentalidade que iria adentrar o próximo século. Enquanto na vida citadina os homens idealizavam uma natureza campestre – a qual ecoava na literatura que antecedeu o século XVIII e sob representação de um refúgio natural –, a literatura campestre constituía no tecido literário a ideia de “um passado mais feliz”, atrelado a uma noção de natureza não tocada.

Nas palavras de Keith Thomas, o movimento de ressignificação do campo, que transfere a exaltação das belezas campestres intocadas para a exaltação das paisagens rurais de outrora, implicava também na ressignificação para com a interpretação da natureza na Inglaterra, que, apesar de ainda lhe ser conferida a tarefa de aprovisionar matérias à maior parte da economia comum das cidades inglesas, agora ganhava um sentido primeiro de “conservação do que ainda não fora destruído”.¹⁰⁹ Essa afeição pelo campo, real ou imaginária, acrescenta Thomas, não se confinava às classes altas, sendo comum também a muitos indivíduos da primeira nação industrial – situados entre os anos de 1750 e 1780 – de forma que, no final do século XVIII, “à medida que as fábricas se multiplicavam, a nostalgia do morador da cidade refletia-se em seu pequeno jardim, nos animais de estimação [...] no gosto pelas flores silvestres e a observação de pássaros”¹¹⁰. Coincidentemente, nesse período, a afeição inglesa pelo campo em grande parte da literatura e da vida intelectual do país associou-se ao “sentimento de saudade de casa, tão característico dos viajantes ingleses”, e precisamos entender esse motivo.

No tocante desse novo sentimento que emergia junto às fabricas e a reorganização da economia europeia, Williams apreende que a dispersão do mesmo se dá, predominantemente, com o movimento literário romântico que compunha o discurso de fins do século XVII e início do século XVIII. Referente à poesia do século XVIII, Ernest Curtius verifica que, na verdade desde a antiguidade, esta apresenta uma permuta constante não só sobre o encanto da natureza em seu sentido mais amplo – “de uma paisagem ideal com todo repertório típico” – sobre regiões e idades sonhadas, mas também “sobre potências vitais”: os sentimentos, o amor, a amizade, a transitoriedade.¹¹¹ “A perda do ‘velho campo’ é uma perda da poesia”, reproduz Williams sobre a assertiva romântica, e continua: “o cultivo dos sentimentos naturais é empobrecido pelas consequências dos melhoramentos advindos do cultivo da terra”; ou seja, a

¹⁰⁸ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 353.

¹⁰⁹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 17.

¹¹⁰ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 16.

¹¹¹ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. *Op. cit.*, p. 125.

preconização de uma “riqueza insensível”¹¹² implicava na precarização das expressões utilizadas para interpretar e entender os aspectos – emocionais e físicos – da literatura enquanto arte. Em suma, a “estrutura de sentimento na qual se situa pressupõe que o que está mais claramente destruído pela riqueza é a ‘Natureza’: aquele mundo rural tal como era, no passado e na infância, que é destruído tanto pelo tempo quanto pelas mudanças”.¹¹³ O processo de ascensão da sociedade industrial e o desaparecimento gradual do mundo natural, transcrito no crescimento da “riqueza” e na destruição da natureza, carrega um sentido de natureza que se mostra intensificado com os processos que antecedem e coexistem com a Revolução Industrial. Williams percebe como, em virtude do latente sentimento da revolução, a sociedade inglesa se reorganizou em torno do mercado e de novas formas de atividades econômicas, quer fosse na produção industrial, quer fosse na produção agrícola administradas, colocando cidade e campo como partes de uma mesma relação.¹¹⁴ A natureza foi consumida pelos novos processos, pelos novos tempos, e se tornou cada vez mais distante dos indivíduos que com ela se afirmavam. Em poucas palavras, temos a indicação de que o que está em jogo é uma carência de sensibilidade estética para com a natureza e o campo, a qual é substituída pela “riqueza” predominante de um mundo novo. Se continuarmos a leitura de Williams, temos que é preciso, contudo,

questionar o que representa extrapolar essa observação – a de que algo foi perdido em troca de algo que foi ganho – e concluir que o que se perdeu foi a "Natureza". Não se trata apenas da perda do que pode ser chamado – às vezes com razão, às vezes só por afetação – de "natureza intacta". Para qualquer homem particular, há também a perda de uma paisagem especificamente humana e histórica que gera sentimentos por não ser natural, e sim por ser “natal”.¹¹⁵

A primeira grande perda conhecida e demarcada é a da natureza física pelos processos de cercamentos da terra, melhoramentos e da relação comercial estabelecida entre o campo e a cidade que se iniciaram no século XVI e se arrastaram ao longo dos séculos seguintes. A segunda perda, ainda que menos evidente em sua gênese, ganha destaque no discurso da ausência do campo, do apego ao passado mais feliz e se consolida no XVIII. Esta nova sensibilização da natureza tornou-se convincente quando, ao ser difundida àquela comunidade inglesa pela literatura, entregou não um campo real e próximo a cidade, mas um campo distante, acessível pela nostalgia do que é mais “natal” do que “natural” para os indivíduos imersos nos processos de crescimento das cidades – e de “urbanização” do campo. Nesse mesmo sentido,

¹¹² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 192.

¹¹³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 193.

¹¹⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 140.

¹¹⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 193.

temos Schama sintetizando o pensamento de Williams sob uma perspectiva mais próxima a nós, a de que o campo físico e “distante” da cidade, “perderia muito de seu fascínio feroz sem a mística de uma tradição paisagística particular: sua topografia mapeada, elaborada e enriquecida como terra natal”¹¹⁶

Williams atesta que as mudanças que antecederam a revolução industrial ocorreram, na verdade, na camada mais externa do campo e da cidade, em suas relações econômicas e comerciais. O autor nos apresenta ainda que dadas estruturas já existiam antes dessas revoluções e das novas relações estabelecidas, de forma que, em tais estruturas, o campo já apresentava uma função própria, em que, em sua camada mais íntima, sempre o fez operar enquanto um receptor de valores. Valores e representações estas que se cristalizaram no discurso literário do “sentimento” a ser experienciado em relação ao rural. Isto porque, quanto mais as representações se estabeleciam e se faziam presentes ao longo das reinterpretações do campo, mais o emprego da natureza se evidenciava ao longo da história humana. Como destaca Williams, há uma ambiguidade ao serem celebrados, ao mesmo tempo, “melhoramentos e o romantismo das terras incultas”, uma vez que trata-se, na verdade de uma “celebração consciente dos processos industriais de origem rural”¹¹⁷. Tal ambiguidade é localizada na forma em que

há um crescimento real, que é convertido em aluguéis; e em seguida os aluguéis são convertidos no que é encarado como uma sociedade culta. Assim, a “revolução” na verdade consiste nisso: essa qualidade de vida aparentemente atingível. [...] O melhoramento produtivo, que nem sequer é enxergado, é um meio para o melhoramento social, que em seguida é isolado de tal modo que é visto com uma clareza extrema.¹¹⁸

Na passagem apresentada, o autor galês reconhece e contrasta os dois significados de “melhoramento”: o melhoramento da natureza – das terras incultas – para fins econômicos e o melhoramento da natureza “romantizada” – do campo da literatura – para fins da criação de um sentimento comum.¹¹⁹ Esse sentimento associava-se, em um primeiro momento, a noção de que “as matas não cultivadas eram vistas assim como obstáculo ao progresso humano”¹²⁰, ainda que esse progresso fosse interessante a uma dada parcela da comunidade inglesa. E essa dualidade, entre o melhoramento físico e o melhoramento social nos é estimada possamos

¹¹⁶ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 26.

¹¹⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 98.

¹¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 162.

¹¹⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 163.

¹²⁰ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 277.

localizar a mudança de mentalidade para com o sentido de natureza durante o século XVIII. Enquanto a cidade no fim do século XVII idealizava um campo de “belezas naturais” e de “alívio às pressões citadinas” que se perpetuaria ao longo dos relatos literários ingleses, temos no campo, com a chegada do século XVIII, a idealização de um “ideal natural de felicidade” ligado a um “passado mais feliz”, fruto da lógica de melhoramento da terra que, muito além de trazer implicações econômicas, realocou os sentimentos para com o campo, a terra e a natureza. De modo que, como escreve Schama, “todas as nossas paisagens [...] têm a marca de nossas persistentes e inelutáveis obsessões”.¹²¹ Têm as marcas de sentimentos associados e construído. Entretanto, quando falamos de Williams, precisamos analisar um pouco mais.

A perspectiva de natureza na obra de Williams é alocada então como a caracterização de uma sensibilidade comum, um mecanismo para se operar a relação entre campo e cidade à nível sentimental. O que nos interessa é como o autor situa, em meio a sucessão de choques e a conciliações entre as ideias de campo e cidade, um sentido moldável de Natureza. À princípio, de forma extrapolada, temos uma natureza de ordem secundária, associada a uma visão “solitária e profética”¹²² e que passa a existir justamente “nos lugares onde o homem não está”¹²³. Mas isto só era perceptível até a relação entre campo e cidade se estreitar, de modo que a natureza passou a representar, para além da noção de beleza, uma “ordem social, um triunfo da lei e da abundância”¹²⁴. Williams ainda indica que essa mudança no sentido de ordem da natureza “é particularmente interessante porque [...] ambas as atitudes em relação ao campo e a terra estão presentes simultaneamente. Na verdade, o que está em questão é a dialética da mudança”.¹²⁵ Esta dialética carrega, nos termos do autor, dois princípios da natureza que podem ser vistos simultaneamente:

Temos a natureza como princípio de ordem, do qual a mente ordenadora faz parte, e pode ser reordenado e controlado pela atividade humana através de princípios reguladores. Mas temos também a natureza como princípio de criação, do qual a mente criadora faz parte, e com o qual podemos aprender as verdades de nossa própria natureza, harmonizadas com a natureza exterior.¹²⁶

A natureza enquanto princípio da ordem e da criação encontra-se significada entre a separação da posse a separação do espírito. Primeiramente, a separação da posse implica na divisão do “controle de uma terra” e também “daquilo que é visto como suas paisagens” rurais;

¹²¹ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 29.

¹²² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 102.

¹²³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 103.

¹²⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 102.

¹²⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 102.

¹²⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, pp. 177-178.

enquanto a separação do espírito baseia-se no “reconhecimento de forças das quais fazemos parte, mas que podemos sempre esquecer, e com as quais é preciso aprender, em vez de tentar controlá-las”.¹²⁷ Essa diferenciação entre as separações, entre a “posse” e o “espírito” associados a ideia de natureza, é diretriz para uma formulação mais ampla do autor, em que Williams propõe uma perspectiva Natureza a partir da harmonia entre as representações – as intenções bucólicas – e os discursos históricos estudados. A combinação desses dois polos forma o sentido de nação em Williams.

Contudo, é preciso questionar o papel dessa harmonia ativa, que representa a real mudança de sensibilidade apontada por Williams no contraste entre campo e cidade sob a ação da literatura na criação de um sentimento comum nacional a ser dispersado. Essa nova consciência – ainda que restrita – surge justamente na época em que a transformação intencional da natureza iria entrar na fase dos processos industriais. Como apontamos anteriormente, mudam-se os sentimentos humanos com a reorganização dos espaços urbanos e rurais, mas as relações sempre estiveram postas na literatura desde antes do processo da Revolução Industrial e organização do Estado-Nação. Quando isolamos e denominamos o fenômeno literário presente numa sociedade, como fora observado previamente por Curtius ao estudar a literatura europeia, temos a garantia de demarcar ponto de apoio para a construção de uma análise sobre esta mesma sociedade. Conseguimos, ao menos neste ponto determinado, penetrar na estrutura concreta da matéria literária. Podemos dizer assim que a “análise conduz à síntese. Ou: a síntese resulta da análise; e só uma síntese assim obtida é legítima.”¹²⁸ E aqui reside a síntese de Williams. A sociedade é reconhecida como mutável, mas algo permanece: uma noção de Natureza que, ao edificar-se sob uma armação primeiramente literária, mas também histórica e cultural – armação esta que avança no tempo –, pôde ser moldada, ganhando e perdendo significados, mas mantendo a característica central de ordenar as experiências humanas durante as diferentes fases de reorganização das relações entre campo e cidade.

Natureza em *O Campo e a Cidade*, marca a profunda modificação de sensibilidades que ocorreu na Inglaterra entre os séculos XVI e XVIII, em que os usos vão se moldando, tornando-se mais sofisticados, conforme novas estruturas de sentimento são postas. Natureza pode ser inferida assim na obra de Raymond Williams, portanto, como uma lógica localizada entre dois elementos, Natureza destaca-se como entremeio das representações literárias e históricas do mundo rural e do mundo urbano construídas por meio de diferentes experiências humanas igualmente históricas e também sociais.

¹²⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 177.

¹²⁸ CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. Op. cit., p. 468.

Em suma, podemos imaginar o processo sob o qual Williams localiza as relações entre Natureza e o trabalho do campo, de forma análoga, a um homem andando por uma rua iluminada uma série de lâmpadas, ou postes. No ponto zero, debaixo do primeiro ponto luminoso, a sombra desse homem é mais densa, mas também é a menor. E, do mesmo modo, esse é o marco zero da discussão entre natureza para Williams, em que o que temos, nesse primeiro momento, a sombra densa e menor, representando, respectivamente, a observação mais real e local da paisagem. Quando o nosso personagem começa a se mover, em função do primeiro ponto luminoso, sua sombra cresce na frente dele, mas também se torna menos densa, ao passo em que o próximo ponto luminoso começa a criar uma segunda sombra atrás dele, igualmente menos densa que a primeira. Nesse momento histórico, para Williams, a sombra às costas representa agora uma visão histórica mais geral da Natureza que começa a surgir do contexto concreto, porém menos localizada e menos real do que a visão real, como se observa na sombra à frente do personagem, agora já apresentando um traço mais diluído. Por fim, quanto mais o homem se aproxima do segundo foco de luz, a sombra criada pelo primeiro foco mais se torna turva e dispersa, enquanto a sombra desse segundo, às costas do personagem, se torna mais densa. E o mesmo acontece na caracterização de Natureza, conforme a sombra do segundo foco de luz se torna mais densa ao passo que a sombra do primeiro foco se torna dispersa, a visão mais histórica aos poucos se desassocia do discurso real e se condensa no tecido literário, na construção literária. E este é um processo cíclico: o primeiro foco de luz sempre será o marco de uma observação real, que, com o caminhar do tempo, se tornará histórica, e conseqüentemente, literária.

O sentido de natureza presente no conjunto de *O Campo e a Cidade* é um sentido que veio a tornar-se desbravado, construído e reconstruído na história e literatura, exercendo um papel a fim de orientar as experiências humanas localizadas por Williams no contraste entre o contexto e a cultura inglesa na construção do mundo rural e do mundo urbano, sendo esse contraste um assunto que ainda iremos aprofundar, restando agora discutir as relações entre natureza e cultura.

2.2 A perspectiva de natureza e a ideia de cultura

Como apresentamos anteriormente, Simon Schama, em *Paisagem e Memória*, procura apresentar uma associação entre a noção de paisagem e a perspectiva da cultura, “uma

vez que a natureza [observável] só se torna paisagem quando escrita, dita e visibilizada”.¹²⁹ Nesse processo, como já dissemos, “todas as nossas paisagens [...] têm a marca de nossas persistentes e inelutáveis obsessões”¹³⁰, o que implica que ao traduzir a natureza para a paisagem, encontramos sentimentos e percepções, interesses de olhar, além de desejos e devaneios daquele que registra a paisagem. Schama “apela para as construções das paisagens mediante a utilização da natureza, tentando evidenciar os vínculos entre ela natureza e a cultura”¹³¹, e para isso o, o autor procura vincular elementos da natureza e práticas humanas, entendendo a paisagem como cultura. Entretanto, repensar a relação entre Natureza e Cultura é uma discussão que demandaria fôlego e espaço, portanto aqui iremos manter nossa atenção à obra de Raymond Williams, procurando utilizar *O Campo e a Cidade* como meio para esse estudo.

Quando falamos sobre as possíveis relações entre os campos da natureza e da cultura tendo em vista a obra de Williams, comumente encontramos pesquisas que se centram no estudo da obra do autor localizando-o enquanto o precursor dos estudos ecológicos e culturais. A noção cultura, nesses termos, relaciona-se à natureza quando se abordam as temáticas de paisagem, meios de subsistência e trabalho. Em suma, esses estudos indicam que na obra do autor “os meios de subsistência desconstroem a cultura/natureza binária e descolonizam a mercantilização e a estetização da terra como paisagem”.¹³² Sob esta perspectiva, podemos dizer que Williams reinstalou a natureza como “comum, como o material do trabalho e da vida cotidiana. A natureza, como a cultura de Williams, também é comum”.¹³³

Ainda que se trate de uma leitura que situa uma percepção de natureza em caráter espacial e ecológica, temos uma assertiva importante: a natureza classificada como comum na obra de Williams, sendo este o mesmo subjetivo utilizado pelo autor para classificar a categoria de cultura. Ao observarmos assim que a natureza espacial é entendida como campo de estudo atrativo para Williams, recebendo a titulação de “comum” para estudos que averiguam sua obra, precisamos percorrer mais, para além desses primeiros estudos, e entender em que medida o autor constrói uma paridade entre os conceitos de natureza e cultura.

¹²⁹ SANTOS, R. J.; BARRROS, L. F. (2013). A poética do espaço: a escrita e a produção da paisagem dos verdes carnaubais assuenses (1950 - 1970) DOI: 10.5965/2175180305092013102. *Revista Tempo E Argumento*, 5(9), 102 - 133. Recuperado de <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180305092013102>

¹³⁰ SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 29.

¹³¹ Santos, R. J., & Barros, L. F. (2013). A poética do espaço: a escrita e a produção da paisagem dos verdes carnaubais assuenses (1950 - 1970) DOI: 10.5965/2175180305092013102. *Revista Tempo E Argumento*, 5(9), 102 - 133. Recuperado de <https://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180305092013102>

¹³² Ver: GIBLETT, Rod. *Nature is ordinary too*. *Cultural Studies*, v. 26:6, p. 922-933. 2012 – Tradução minha.

¹³³ Ver: GIBLETT, Rod. *Nature is ordinary too*. *Cultural Studies*, v. 26:6, p. 922-933. 2012 – Tradução minha.

“Onde acaba a natureza? Onde começa a cultura?”¹³⁴ O trecho apresentado nos introduz um problema comum ao campo da sociologia: o limite entre as categorias de Natureza e Cultura. Tal problema é comum por localizar dentro de si a discussão das determinações do que pode ser identificado como natural e do que pode ser identificado como cultural segundo o determinado ou não pela ordem biológica. Segundo Levi-Strauss, esta questão é fundamental e negá-la seria abdicar da possibilidade de se estudar a própria cultura humana, uma vez que não seria possível distinguir o que é determinado em sociedade e o que é determinado biologicamente. Para o autor, a ausência de regras é o que define essa distinção, ou seja, para seja possível determinar o limite entre natureza e cultura é preciso buscar primeiro o conjunto de regras que se mostra presente em todas as culturas, pois é o elemento que define o início do processo de formação cultural. Tomaremos assim a assertiva de Levi-Strauss como um incentivo, para com o qual iremos operar para sintetizar sob qual contexto Williams situa a relação entre Natureza e Cultura, localizando a “regra” comum como aquilo que observamos Williams tratar como perene ao estudar as relações entre a cidade e o campo ingleses.

Conforme introduzimos anteriormente, é através do estudo do livro *O Campo e a Cidade* de Raymond Williams que pudemos apresentar nosso entendimento do conceito de natureza para autor, construído para este, simultaneamente, pelos campos da história e da literatura, apresentando uma “complexidade única”¹³⁵. Complexidade esta que deriva, primeiramente, dos diferentes significados atribuídos à palavra natureza ao longo da história humana, os quais foram, ao longo da história inglesa, internalizados e polidos pelos movimentos literários europeus, resultando em um emaranhado de sentidos, tanto análogos quanto contrários, para uma concepção geral de um mundo natural, tido aqui como edulcorado e natal, construído em diálogo a uma realidade cultural e comercial. O que buscaremos expor aqui trata-se, então, de evidenciar o paralelo que parece existir entre a perspectiva de natureza abordada anteriormente em contraste com as formulações elaboradas por Williams para tratar da categoria de cultura.

Para que possamos colocar essa perspectiva do autor em diálogo ao conceito de cultura, nos utilizaremos também de textos presentes em *Cultura e Sociedade* e *Marxismo e Literatura*, além de outras obras que possam ser referenciadas em nosso debate. A escolha das obras citadas sucede o fato de que todas possuem pontos de contato semelhantes para com a forma que Williams elabora um estudo sobre dadas palavras que circulam na sociedade inglesa

¹³⁴ LEVI-STRAUSS, Claude. “Natureza e Cultura”. In: *As estruturas elementares do parentesco*. Ed. Vozes. 1976, p. 42

¹³⁵ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. Op. cit., p. 293.

a partir da presença da literatura. De início, temos que em seu livro *Cultura e Sociedade*, Raymond Williams estabelece a existência de um mapa semântico a partir do qual se torna possível examinar as mudanças sociais e culturais que ocorreram na sociedade inglesa nos séculos XVIII e XIX, a partir dos processos inculcados pela Revolução Industrial e construção do Estado Moderno. Nesse mapa semântico, cinco são as palavras de destaque para o autor: democracia, classe, arte, indústria e cultura.¹³⁶

Como podemos ver, natureza não se faz presente entre as palavras selecionadas, de modo que podemos então perguntar ainda em que medida essa sexta palavra estabelece conexão com esse mapa semântico do autor. Nas palavras de Williams, temos que

a ‘natureza’ possui uma continuidade nominal, por muitos séculos, mas pode ser vista, pela análise, como complexa e em mudança, à medida que outras ideias e experiências se modificaram. Eu já tentei analisar algumas ideias semelhantes crítica e historicamente. Entre elas estavam a cultura, a sociedade, o indivíduo, a arte e a tragédia. Mas devo dizer desde já que, embora essas ideias sejam difíceis, a de natureza faz com pareçam relativamente simples.¹³⁷

Temos assim que para lidar com a análise crítica e histórica de uma ideia – no caso a de natureza – se faz necessário o entendimento das outras ideias que se relacionam com a ela e das experiências envolvidas nesse processo. Para que possamos pensar o lugar teórico da ideia de natureza na obra de Williams, precisaremos então rever também o lugar de cultura. Lembramos aqui que a discussão entre a categoria de cultura e sua relação com demais obras e trabalhos do autor galês é uma discussão bastante ampla, tanto no cenário nacional quanto internacional, de modo que nos atentaremos particularmente aos processos históricos pelos quais Williams identifica qual ou quais sentidos de cultura foram operados em paridade ao desenvolvimento histórico e social do sentido de natureza.

Referente aos sentidos da palavra Cultura, em especial entre o fim do século XVI e início do século XVII, podemos citar a reorganização dos mais variados sentidos presentes nas concepções de “sociedade” e de “economia”, em que ambos passam a afetar indiretamente o conceito de cultura. Ao apontar que não se trata de uma mudança direta, Williams indica que com esta mudança o conceito de cultura não se alterou no mesmo instante que os outros dois, mas que, dadas as novas condições, passou a abarcar em si novos significados, tais quais os de comportamento, progresso, desenvolvimento. Os diferentes empregos atribuídos à palavra cultura, entre o recorte temporal apresentado, acabam por culminar, por volta do século XVIII, em uma interpretação de cultura que representa “um processo geral de progresso intelectual e

¹³⁶ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 15.

¹³⁷ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. Op. cit., pp. 89-90.

espiritual tanto na esfera pessoal como social”¹³⁸, ou seja, cultura, nesses termos, havia ganhado um novo sentido correlacionado as noções de civilidade, erudição, e, em especial para nós, de “civilização”.

Nesses termos, a ideia de "civilização" passa a ser expressa a partir de uma concepção laica e secularizada de mundo, a qual só se tornou possível a partir do momento em que se reconheceu que “Os homens haviam feito a própria história”¹³⁹, abandonando uma concepção relativamente intemporal da história, que dependia de pressupostos religiosos ou metafísicos¹⁴⁰. Essa nova ideia de civilização surge conforme o conceito de cultura, ainda que evidentemente social em sua prática, passa a relacionar-se com a “vida interior” em suas formas mais acessíveis e seculares: “subjetividade”, “a imaginação”, e, nesses termos, com o “indivíduo”, como discutiremos. Nesse contexto, a ênfase religiosa diminuiu, sendo substituída pelo que era na verdade uma metafísica da subjetividade e do processo imaginativo. Cultura, ou mais especificamente arte e literatura, dotadas de uma generalização e uma abstração novas nos termos de Williams, eram consideradas como o registro mais profundo, o impulso mais profundo, e o recurso mais profundo do “espírito humano”.¹⁴¹

Antes de nos concentrarmos nas novas associações estabelecidas entre as definições de cultura e civilização na perspectiva de Williams, é preciso que tenhamos conhecimento do que estava em jogo quando avaliam o desenvolvimento histórico e social que antecede os usos atuais das palavras “cultura” e “civilização”. Se nos abstrairmos da obra de Williams por um instante e voltarmos nossa atenção ao livro *Os Alemães* (1989) de Norbert Elias, podemos encontrar um estudo geral sobre tais palavras, no qual a ênfase localiza-se, primeiro, na finalidade descritiva do par “cultura e civilização”.

Elias identifica que até meados do século XVIII ambos termos se referiam, em larga escala, a processos ativos, ou seja, a ações continuadas, a sequência de operações que se reproduzem com regularidade –; passando a significar, no século XX, “algo quase que inteiramente estático”¹⁴², perdendo a característica processual para referir-se agora a um novo agrupamento de sentidos inertes para o conjunto de cultura e civilização. Isto porque, foi com essa mudança de atitude para com o sentido de cultura, com a transferência de ênfase emocional de progresso e de futuro para um apego ao passado e ao presente, que ocorreu nas sociedades

¹³⁸ Quem elabora preliminarmente essa discussão é Maria Elisa Cevalco em seu livro *Dez lições sobre os estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003. p. 09.

¹³⁹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Op. cit., p. 19.

¹⁴⁰ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Op. cit., p. 20.

¹⁴¹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Op. cit., p. 21.

¹⁴² ELIAS, Norbert. *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Organização de M. Schroeter. Rio de Janeiro, Zahar. 1997. p. 119.

européias desenvolvidas no século XVIII “que conceitos tais como civilização e cultura mudaram de conceitos referentes a processos – desenvolvimentos progressivos – para conceitos relativos à estados e imutáveis”.¹⁴³ Esta “tendência crescente para conceituar processos como se fossem objetos imutáveis representa o padrão mais generalizado de desenvolvimento conceitual que se desenrolou em direção inversa ao da sociedade em seu todo”¹⁴⁴, percebida por Elias é igualmente presente na obra da Williams, ao passo em que o autor nota como, até o século XVIII, o conceito de cultura apresentava-se majoritariamente como parte de um processo objetivo: cultura de animais, plantas, ou da própria mente humana; apresenta-se sempre associado a uma lógica de produção, criação e cultivo.

Essa assertiva relaciona-se aos três sentidos-chave da palavra cultura apresentados por Williams, dos quais o conceito de natureza se mostra fundamental para dois deles: o sentido de cultura como um processo “íntimo”, e o sentido de cultura associado a produção das “artes” ou “humanidades”, conforme tentaremos mostrar.¹⁴⁵ Segundo Williams a complexidade do conceito de “cultura” é, portanto, notável, uma vez que tornou-se “um nome do processo ‘íntimo’, especializado em suas supostas agências de ‘vida intelectual’ e ‘nas artes’.” Tornou-se também, porém, um nome para designar um processo geral mais amplo, especializando configurações de “modos de vida totais”, desempenhando um papel crucial em definições de “artes” e “humanidades”, a partir do primeiro sentido.¹⁴⁶ A formação de uma nova ambientação intelectual, artística e humanística enquadra-se nos requisitos para a construção de uma imagem de civilidade, e o reconhecimento do fim do processo civilizador nas cidades industriais será o fundamental para o entendimento da separação definitiva entre cultura e civilização.

Williams aponta ainda que “civilização” passou a expressar, historicamente, tanto o processo pelos quais os homens haviam realizado o progresso individual e coletivo, como também o resultado final desse processo: a sociedade industrial. Observando esta mesma questão, Elias aprofunda ainda mais a discussão quanto ao sentido de cultura, percebendo que o termo “referiu se outrora a um processo de cultivo, à transformação da natureza por seres humanos, e isso está hoje quase esquecido” [...], de modo a os transpor

Mesmo quando foi gradualmente adotado pelas elites da classe média do século XVIII em ascensão como uma expressão de sua auto-imagem e de seus ideais, o termo representou a imagem que se faziam de si mesmos tal como a viam, ou seja, dentro do contexto mais amplo de desenvolvimento da humanidade.¹⁴⁷

¹⁴³ ELIAS, Norbert. *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Op. cit.* 130.

¹⁴⁴ ELIAS, Norbert. *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Op. cit.* 119.

¹⁴⁵ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura. Op. cit.*, p. 25.

¹⁴⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura. Op. cit.*, p. 23.

¹⁴⁷ ELIAS, Norbert. *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Op. cit.* 119.

Devemos lembrar que, muito embora a análise de Elias se trate da classe média alemã, o autor observa o modo com que este processo assemelha-se da realidade britânica¹⁴⁸ no mesmo espaço de tempo, de modo a reforçar a síntese de Williams de que

‘civilização’ e ‘cultura’ (especialmente em sua forma comum antiga, de ‘cultivo’) eram de fato, em fins do século XVIII, termos intercambiáveis. Cada um deles tinha o problemático sentido duplo de um estado realizado e de um estado de desenvolvimento realizado. Sua divergência final teve várias causas. Primeiro, houve o ataque à ‘civilização’ como superficial, um estado artificial, em contraposição a um estado ‘natural’; um cultivo de propriedades ‘externas’ – polidez e luxo – em contraposição a necessidades e impulsos mais ‘humanos’.¹⁴⁹

Para que fosse possível o afastamento entre os conceitos de cultura e civilização, a ideia de Natureza teve de desempenhar um duplo papel. O primeiro, mais imediato e evidente, está relacionado à crítica a civilização via identificação desta à vida urbana e industrial das cidades.¹⁵⁰ O segundo sentido, é o sentido mais abstrato de Natureza enquanto interlocutora do homem em seus processos íntimos e reflexivos.

Referente ao primeiro sentido e a crítica a civilização, temos este em paralelo ao desenvolvimento do sentido de indústria e cultura, durante os séculos XVIII e XIX, foi que um dos principais sentidos de natureza se fixou, justamente ligado às mudanças comerciais nas relações entre campo e cidade, entre o rural e o urbano. Dentro do contexto do século XVIII, as palavras “campo” e “cidade” passaram a ser “historicamente” associadas, respectivamente, a uma forma natural de vida e a uma noção de mundanidade. Conforme já mencionado neste trabalho, natureza era tida como a qualidade essencial do cenário bucólico do campo, servindo como critério para uma série de contrastes estabelecidos nos discursos históricos e literários entre campo e cidade, nos quais a cidade era tida como “superficial” e “artificial”.

O segundo sentido, derivado diretamente do primeiro movimento comparativo entre campo e cidade, nos indica que, embora em termos econômicos os vínculos funcionais e as relações materiais entre campo e cidade estivessem fortalecidos, a nível retórico permaneciam destacadas “comparações abstratas”¹⁵¹ entre a “virtude rural”¹⁵² e a “ganância

¹⁴⁸ Referente a passagem sobre a *intelligentsia* da classe média alemã muito semelhante à francesa e britânica, ver: ELIAS, Norbert. *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. *Op. cit.* 119.

¹⁴⁹ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. *Op. cit.*, p. 20.

¹⁵⁰ Está discussão encontra-se principiada também no livro de Maria Eliza Cevasco, *As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*, no qual a autora aborda a premissa da distinção de uso que a palavra cultura abarca em seu desenvolvimento histórico, bem como sua aproximação com a temática de civilização nos tempos da revolução industrial.

¹⁵¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 87.

¹⁵² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 85.

urbana”¹⁵³. As representações de campo e de cidade gestadas nesse momento histórico, usualmente opostas, só foram possíveis graças à construção da oposição entre natureza e civilização nesses mesmos termos. Isso porque, ao longo da Revolução Industrial, com o surgimento das cidades e dos grandes centros comerciais, passou a surgir também uma necessidade de se criar, em termos imaginativos, uma contraposição a tudo aquilo que se via de negativo na cidade, e essa criação imagética é o campo: uma natureza criada pela imaginação do homem. O campo passou a ser uma imagem de refúgio para o que se experienciava na cidade, em que a noção de natureza virgem, intocada, com paisagens verdes era justamente o que atribuía esta qualidade de refúgio para o corpo e a alma cidadinas. Natureza, enquanto palavra associada a campo, passou a servir como medida de contraste entre “a pressão agressiva de multidões de desconhecidos”¹⁵⁴ dos centros urbanos e “a felicidade dos vales frescos e isolados”.¹⁵⁵

Ao atentar-se, em especial, ao estudo da lírica romântica, Williams nota que é nela que serão consolidados dois sentidos decisivos de sua análise: o de cultura e o de natureza. Referente ao primeiro, temos o sentido de cultura, em sua gênese, enquanto sinônimo de cultivo, não só da terra, mas também de “cultivo espiritual” ligado a uma “vida interior”¹⁵⁶, ligado ao “processo imaginativo”¹⁵⁷ e a “sensibilidade”¹⁵⁸ do homem. O segundo sentido abordado será o de natureza, em diálogo com o primeiro, de modo a expor sua associação como um princípio essencial dessa mesma “imaginação criadora”¹⁵⁹ comum. Mas esta é uma elaboração construída historicamente e não que necessariamente retrata a realidade do campo – enquanto o espaço da natureza – como não sendo o espaço da civilização. Logo o “campo natural”, enquanto oposto de cidade, é também representado como o oposto de civilização, e, portanto, se opõe a noção de civilidade. Williams entende que aquilo que é natural, em sua gênese, não é entendido como civilizado, e se opõe assim ao conceito de cultura. Ao passo que o contraste retórico entre campo e cidade se torna mais aparente, natureza vai se erguendo como antítese de civilização, esta última identificada por Williams em relação ao industrialismo. Temos assim que, no contraste literário entre campo e cidade, se encontra efetivada uma oposição que, conforme veremos, é essencial para o desenvolvimento da ideia de cultura através da oposição presente entre as

¹⁵³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 85.

¹⁵⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 17.

¹⁵⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 127.

¹⁵⁶ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 21.

¹⁵⁷ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Op. cit., p. 21.

¹⁵⁸ WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e Literatura*. Op. cit., p. 21.

¹⁵⁹ WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 295.

diferentes significações de natureza e civilização. Em fins do século XVIII, “a natureza era, nesse novo sentido, [...] tudo que não fora tocado ou *estragado pelo homem*”¹⁶⁰, de forma a ser representada como “locais solitários, como selvagem”¹⁶¹. Nesse sentido, já era possível identificar de forma estável que “o cenário mais admirado já não era a paisagem fértil e produtiva, porém a selvagem e romântica”¹⁶².

O que estava sendo operado via poesia, nesse final de século, era, não a construção imagética de um espaço onde o homem da cidade pudesse se refugiar, mas, mais do que isso, o que estava em jogo era a construção de um novo tipo de homem. Segundo Williams, “a figura que precisamos procurar não é um tipo de natureza, mas um tipo de homem”¹⁶³. Ora, se os homens da cidade estavam envoltos em mundanidade e sofrendo a pressão de um modo de vida industrial e civilizado, era preciso então se enfatizar um outro tipo personalidade, responsável por preservar os valores de uma comunidade que se julgava perdidos.¹⁶⁴ Todavia, esse “homem” que não estava presente no campo, mas que o referenciava, na verdade, era um tipo de homem bastante específico. Não se tratava do trabalhador rural – que por sua vez já havia sido apagado da literatura do campo –, mas sim do homem citadino, ou para que possamos utilizar o termo característico deste momento histórico, este era o homem “civilizado” – mas também solitário. Esse homem, de acordo com Williams, era

um elemento novo importante: uma nova em fase, correspondente a essa divisão da história, nos desvalidos, o viajante solitário, o Vagabundo. É neste ponto que a observação social se liga às percepções do observador solitário, que é também o poeta. [...] está mais do que nunca desprovido de qualquer vínculo direto com a vida da aldeia e concentra em si próprio, em sua vida de vagabundagem, os impulsos de comunidade e caridade inspirados pela própria natureza. É no ato de dar a ele que o espírito de solidariedade mantém-se viva.¹⁶⁵

A esta nova personalidade competia, através de uma “postura radical de isolamento, silêncio e solidão”¹⁶⁶ tornar-se o “veículo da natureza e da comunidade em contraposição aos rigores, à abstinência fria, à prosperidade egoísta da sociedade normal”¹⁶⁷. Esta figura correspondia, dentro do tecido literário, ao poeta, ou melhor, para usarmos novamente um termo característico desse momento histórico: ao gênio. Se nos debruçarmos sobre o livro *Cultura e*

¹⁶⁰ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 103.

¹⁶¹ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. *Op. cit.*, p. 103.

¹⁶² THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* p. 317.

¹⁶³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 202.

¹⁶⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 203.

¹⁶⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 182.

¹⁶⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 204.

¹⁶⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 204.

Sociedade, podemos perceber uma clara relação entre o ideal do gênio e a sujeição da esfera artística às leis de mercado estabelecidas nesse contexto inglês, no qual esse novo sujeito era apresentado como uma resposta às novas imposições feitas ao trabalho artístico.¹⁶⁸ Em reação a isso, propõe-se um novo sistema de pensamento sobre a arte. Williams identifica em antítese ao mercado, que na arte os elementos mais importantes são: em primeiro lugar, a ênfase na natureza, por ser justamente o local onde o artista poderia se isolar das "deformidades da vida em multidão"¹⁶⁹, e em segundo lugar, a atividade artística como caminho para a "verdade imaginativa"¹⁷⁰.

Em uma análise sobre o processo criativo do poeta, Williams escreve, em *O Campo e a cidade*, sobre o diálogo entre o sentimento de isolamento e a experiência da escrita, de forma que aquilo que se destaca é

A presença é da poesia, falando à humanidade e em nome da humanidade daquele que poda a sebe e debulha o grão, o homem diretamente responsável pela alteração da paisagem de veículo a serviço de outros e para o ganho de outros; porém devido a sua própria solidão, distorcida de modo a se opor ao barulho do mundo que é o barulho da própria exploração e também, ironicamente da reação direta a ela.¹⁷¹

A contrariedade apontada reside na "reação direta a ela", a princípio derivada da situação de um grupo profissional – sobretudo os poetas e escritores – para lidar com a exploração, barulho e sua própria solidão, que torna-se uma abstração, de modo que "os sofrimentos do escritor, em sua situação profissional própria, são identificados com os fatos de uma história social que o transcende"¹⁷², pois

É fugindo dessa aldeia concreta, onde uma comunidade vive sob pressão, que poeta se recolhe à quietude da natureza, onde pode falar em nome de sua humanidade e da dos outros, através de baladas lembradas e cenas completadas; um silêncio falante do qual ele é arrancado, com raiva e desespero, para formular o que escreveu em termos do barulho do mercado: lucro, malícia, inveja; um desprezo por sua simplicidade que é uma afetação; e depois, mais uma vez, porém agora praticamente destruindo seu equilíbrio mental assumindo o silêncio falante do poeta desprezado, o homem a sós com a natureza e a pobreza, recriando um mundo em sua linguagem verde.¹⁷³

E é nesse contexto que a ideia de natureza, até então tida como local de isolamento garantido frente a vida citadina, sofre um processo de abstração e passa a ser entendida "como

¹⁶⁸ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 60-61.

¹⁶⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 206.

¹⁷⁰ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Op. cit., p. 64.

¹⁷¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 196

¹⁷² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 111

¹⁷³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 197

princípio de criação, do qual a mente criadora faz parte, e com o qual podemos aprender as verdades de nossa própria natureza, harmonizadas com as da natureza exterior”¹⁷⁴, uma vez que “a consciência não podia ir além disso, dentro dessa estrutura”.¹⁷⁵

Nesse sentido, natureza passar a ser a expressão da “humanidade”, subsumida ao gênio, de forma que

a figura assim vista é de início o pastor, caminhando trabalhando nas montanhas, mas em seguida passa a ser a ideia da natureza humana – que dá forças ao poeta para resistir às ‘deformidades da vida em multidão’ e às imagens distorcidas dos homens numa sociedade que os pressionam. O trabalhador, agora fundido com a paisagem, uma figura dentro da figura maior da natureza, é visto à distância, de modo que a afirmação da natureza represente a afirmação essencial do Homem.¹⁷⁶

Temos assim que a afirmação da natureza era também a afirmação essencial do homem, lembrando ainda que este não era o homem que em dado momento passou a ser encarado como elemento inerte no campo, mas sim o homem da cidade que contemplava o campo. Tratava-se, pois, de “uma separação mediada por uma projeção do sentimento pessoal numa Natureza subjetivamente particularizada e objetivamente generalizada”¹⁷⁷. Em outras palavras, foi através do isolamento da natureza das relações de trabalho campestres e da ação humana oriunda do campo, que se tornou possível cunhar o termo “natureza” enquanto princípio da atividade imaginativa e de uma mente criadora e, portanto, como um dos princípios mais importantes dentre os valores humanos que se elegeram através da literatura romântica. Uma vez posto que a natureza não mais representava uma descrição de um espaço campestre, mas sim toda afirmação da humanidade, precisamos dar o próximo passo em nossa investigação: entender como essa abstração da ideia de natureza se relaciona ao conceito de cultura.

Na medida em que cultura passa a contrapor, em um sentido positivo, a ideia de civilização, a natureza também passa a ser encontrada nessa nova relação, de tal forma que a cidade é encarada como “uma selva sórdida onde as pessoas tinham uma pele branquicenta e baça”¹⁷⁸, em que a “alternativa para essa vila sórdida ilimitada era muitas vezes concebida em termos do refúgio rural”¹⁷⁹. E será neste contexto em que a figura do homem será reintegrado ao sentido de natureza, preservando o aspecto mais animalesco – selvagem – de sua relação

¹⁷⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 214.

¹⁷⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 197

¹⁷⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 184.

¹⁷⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 226.

¹⁷⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 309.

¹⁷⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 309.

com o mundo natural. Como escreve Williams, “a selva social, a corrida dos ratos, os guardiões de território, os macacos nus; foi assim que amargamente a ideia de homem fez parte novamente de natureza”.¹⁸⁰ A reinserção da natureza animalesca na figura do homem, entretanto, não é algo a ser observado apenas dentro das aglomerações citadinas, de modo que os “mais tristes de todos eram os que se situavam nas margens da sociedade humana: os loucos que pareciam possuídos por bichos selvagens, os vagabundos que não seguiam nenhuma vocação mas viviam no dizer puritano uma vida de bichos”, ou até mesmo a imagem semelhante que “perpassa as acusações da época contra os bandidos que não se associavam em famílias mas se juntavam como animais”.¹⁸¹

Referente a essa aproximação do animalesco nas representações humanas, temos a inquietação de Keith Thomas sobre “o que seriam, por exemplo, a religião e a moral senão tentativas de restringir os aspectos supostamente animais da natureza humana? ”¹⁸² Não obstante, o autor continua: “do mesmo modo que a moral e religião, a educação erudita, a ‘civildade’ e o refinamento também tinham como objetivo elevar os homens acima dos animais”.¹⁸³ O que lemos aqui trata-se da perspectiva de Thomas em evidenciar como, mesmo com a reintegração de um sentido de natureza na figura humana por meio de associações animalescas, ainda se encontrava um sentido de civilidade urbana que procurava tornar turva essa reintegração da natureza, ou ainda de invalidar tal associação através da formação do homem. Porém, ao passo em que esta relação se constrói, uma outra também se evidencia.

O crescimento da cidade era portanto, nas palavras de Thomas, “o preço do aprendizado, das boas maneiras, do gosto e da sofisticação”, tornando-se a “arena da satisfação do homem”.¹⁸⁴ Nesse sentido, a relação entre Natureza e cultura é íntima no cenário europeu que ambos autores, Thomas e Williams, observam. Como é investigado por Keith Thomas, “Adão foi colocado em um jardim e o paraíso terrestre associado as flores e as fontes”, mas quando os homens pensam no “paraíso da salvação”, geralmente, “o visualizavam como uma cidade, a Nova Jerusalém”. Séculos a fio os muros da cidade simbolizaram “tanto segurança quanto o empreendimento propriamente humano”, e, para além disso, enxergá-los tranquilizava

¹⁸⁰ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. *Op. cit.*, p. 110.

¹⁸¹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* pp. 59-60.

¹⁸² THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* p. 48.

¹⁸³ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* p. 48.

¹⁸⁴ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.* p. 345.

o poeta cidadão.¹⁸⁵ Na medida em que a influência religiosa cede espaço para a subjetividade e o processo imaginativo, é justamente a Natureza que irá aparecer como o princípio de reencantamento do campo, mas tendo como centro, não um princípio religioso, mas a possibilidade de desenvolvimento da vida interior, da subjetividade, da imaginação e do próprio indivíduo. Ou em outros termos, a Natureza representava a via de união entre o desenvolvimento "íntimo" do espírito e as atividades imaginativas e de criação artística apresentado anteriormente, ou seja, representava uma via de associação entre o indivíduo e a cultura.

A leitura da natureza no contraste entre campo e cidade demonstra ser então a recuperação de um sentido que passou a ser cunhado no século XVI e que se manteve presente na história da sociedade inglesa. Em conformidade a isso, Williams observa como este sentido de natureza se insere, ainda que resignificado, entre os séculos XVII e XVIII, indicando como o mesmo se intensifica com os processos que antecedem e que coexistem com a Revolução Industrial. O autor percebe na sociedade inglesa, em especial no período que tem início na primeira metade do século XVIII, uma comunidade que se passava a se reorganizar agora em torno do mercado, da atividade econômica, e que por consequência disso, todas as relações, quer fossem na produção industrial, quer fossem na produção agrícola, carregava implicações tanto para a cidade quanto para o campo, como partes de um mesmo processo.¹⁸⁶ A literatura, ainda que apresentasse um movimento síncrono a esse processo de mercantilização, se mostrou dispare em seu sentido e motivação. Na construção literária dos séculos XVII e XVIII o campo só era "campo" quando as relações de trabalho eram subtraídas, de forma a amenizar as relações que se mostravam interdependes com a cidade, exaltando a imagem de um campo natural distante no tempo – quando não perdido –, e que se fazia acessível apenas pelo sentimento de nostalgia.¹⁸⁷ Se mostrou fundamental então, nesse processo de remodelamento do campo, a construção de uma ideia de natureza separada do trabalho humano. As representações do campo natural não se tratavam, portanto, daquele "mundo vivo, e sim de um mundo edulcorado"¹⁸⁸.

Ainda que o progresso urbano e industrial colocasse como necessidade o uso da natureza, em seu sentido mais disseminado havia um "interesse crescente em preservar a natureza inculta como uma indispensável fonte de riqueza espiritual"¹⁸⁹ nas correntes

¹⁸⁵ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Op. cit. p. 345.

¹⁸⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 140.

¹⁸⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., pp. 84-85.

¹⁸⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 37.

¹⁸⁹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Op. cit. p. 355.

românticas, o que levou natureza a descrever a "ausência do homem" e, por consequência, um afastamento da civilidade. Ao passo que o componente descritivo do bucolismo original podia ser isolado, a exaltação da beleza natural, ao ser isolada, passa a retratar a natureza observável – “a do cientista ou do turista – e não a do camponês que trabalha”¹⁹⁰. Isto porque, ainda que sejam nascidas no campo as maiores realizações humanas – entre elas a própria cidade –, estas são desassociadas da forma comum de civilização. Assim, para que fosse possível operar tais descrições sobre a natureza e construir uma imagem bucólica de campo foi necessário operar de forma simultânea um apagamento da figura do trabalhador rural e das relações de exploração no cenário campestre. A imagem que resta do contexto campestre pauta-se, assim, em um tempo desconexo do tempo da cidade. Civilização, civilidade, erudição, todas essas palavras passaram a ser sinônimo de uma visão parcial do contexto em que a cidade e campo se inserem, colocando os avanços urbanos em contrapartida a um falso distanciamento temporal do campo. Por outro lado, natureza, em seus sentidos mais amplos, passou a associar-se a um modo de vida agrário que bastante virá a nos importar. Isto porque, não por acaso, o que se tem em jogo no sentido de natureza para Williams é uma nova perspectiva, trata-se da

‘ideologia da mansão senhorial’. Pois, ainda que descreva um deslocamento em relação ao neobucolismo de seu predecessor, essa perspectiva oferece uma visão igualmente parcial da realidade, portanto, integrando-se também ao movimento de afastamento das condições sociais reais iniciado com as adaptações renascentistas. Também essa perspectiva pouco tem a ver com a vida rural. Nesse aspecto, revela-se aqui um dos pontos mais originais da abordagem de Williams do romance: para ele, é necessário atentar não apenas para a realidade registrada no romance, mas também para a posição assumida pelo narrador (entendido aqui como o observador dessa realidade). Nesse sentido que se trata aqui de ‘ideologia da mansão senhorial’: não apenas porque literatura que foca as terras das famílias proprietárias, mas, sobretudo, porque literatura feita por aqueles que assumem o ponto de vista dessas famílias. O campo que ganha forma nessa perspectiva é simplesmente o campo que se revela para as famílias proprietárias (aquelas que detêm as terras e que ocupam as mansões senhoriais), para as quais o campo é o espaço do lazer, dos passeios e das caçadas. Não o espaço da produção, mas apenas do consumo, destituído do trabalho e dos trabalhadores. Esse é o elemento básico dessa visão: aqui, a ordem social é vista como parte de uma ordem natural mais abrangente, como um mundo de abundância natural (isto é, que não depende do trabalho de muitos) e da caridade espontânea.¹⁹¹

A imagem que Williams opera de natureza, enquanto um sentimento comum que permeia o campo, está intimamente ligada a reorganização das noções de relação de trabalho e de toda uma cultura campestre. Quando nos remetemos a esta cultura e as relações de trabalho que aqui se fazem presentes, remetemos ao mesmo tempo a uma discussão anterior: os

¹⁹⁰ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. Op. cit., p. 40.

¹⁹¹ RIVETTI, Ugo Urbano Casares. *Crítica e modernidade em Raymond Williams*. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo. p. 103-104.

cercamentos de terras inglesas. Como mencionamos, foi durante o século XVIII que a lógica de cercamentos da terra campesina inglesa assumiu sua forma mais agressiva, as áreas rurais inglesas foram postas sob cultivo regular como “terras aráveis ou pastagens”, divididas em campos uniformes por cercamentos aprovados em lei.¹⁹² A imposição de um regime produtivo e de cercamentos, acabou por gerar mudanças econômicas que vieram a tornar mais nítida a transformação da natureza em campo de cultivo – e campo de trabalho – pelo processo de anexação de terras oriundo da ação dos cercamentos. Foi nesse sentido que, também desde o início do século XVIII, o movimento literário procurava enfatizar uma nítida distinção entre o “cultivado e o inculto”¹⁹³, mas sob a forma de uma nova representação de campo.

As “comparações abstratas” entre literatura e realidade tenderam, ao longo de dos séculos XVII e XVIII, a cada vez mais enevoar o vínculo funcional entre campo e cidade. Isto porque os cercamentos não introduziram novas organizações na estrutura do campo, uma vez que a “expropriação do campesinato é anterior a eles”, seja a “expropriação dos pequenos proprietários com a formação das grandes propriedades”, ou a “expropriação dos pequenos arrendatários com a anexação de várias propriedades”.¹⁹⁴ Embora esse tenha sido um processo crucial para nosso entendimento, o que nos importa é como ele dialoga com as demais consequências do movimento de revolução citadino: os cercamentos são parte do processo mais geral de constituição da natureza campestre, de um sistema mais amplo de relações, de uma lógica rural que irá se manter por muito tempo, não só na Inglaterra, em que a figura do trabalhador, do pequeno lavrador, é processualmente apagada ao passo que alguns nomes se destacam como grandes ruralistas. Isto porque, enquanto os “homens da cidade” passavam pelo processo de industrialização e encaravam os problemas da mundanidade, no campo um processo similar de reorganização da vida havia sido principiado com a chegada de uma mentalidade industrializada.

A nova mentalidade industrializada reorganizou a lógica da exploração do campo associando-se diretamente com a classe rural dominante que já estava em processo de diálogo com a cidade, sob o arquétipo do fluxo de lucros entre cidade e campo.¹⁹⁵ Williams reforça o argumento histórico de que, em termos econômicos, nos séculos XVI e XVII houve uma alteração nas relações de poder entre o campo e a cidade que se estendeu para o século

¹⁹² THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 370.

¹⁹³ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 370.

¹⁹⁴ RIVETTI, Ugo Urbano Casares. *Crítica e modernidade em Raymond Williams*. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo. p. 106.

¹⁹⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 78.

XXVIII.¹⁹⁶ Nestes séculos algumas atitudes inglesas, em particular as que se dedicavam a construir um campo ideal – uma imagem rural ideal –, contribuíram de forma decisiva para consolidar um apreço pela natureza campestre do século XVIII. Uma possível explicação tanto para o novo gosto pela paisagem do campo quanto para com a mudança de atitudes em relação a produção rural, encontramos no progresso da própria agricultura inglesa. Durante o século XVIII, as áreas rurais inglesas foram postas sob cultivo regular como “terras aráveis ou pastagens”, divididas em campos uniformes por cercamentos aprovados em lei.¹⁹⁷ A interferência de ações parlamentares no campo inglês, através da imposição de um regime produtivo e de cercamentos, acabou por gerar mudanças econômicas que vieram a tornar mais íntima a relação entre campo e cidade.¹⁹⁸ A transformação do “campo” em pastos pelo processo de anexação de terras oriundo da ação dos cercamentos, bem como os movimentos migratórios para as cidades são fatores importantes para entender a ligação do século XVI com a Revolução Industrial inglesa.

Ao longo desse processo foi característico o confisco das terras “campesinas”, senhores e servos se encontravam na mesma situação de desamparo, obrigados a se deslocarem para os centros citadinos. Isto porque,

à medida que a economia se desenvolve não se pode isolar completamente o processo de cercamento dos melhoramentos que vão ocorrendo rotineiramente no campo, as transformações nos métodos de produção, a oscilação dos preços e aquelas mudanças nas relações de propriedade de caráter mais geral que estavam todas caminhando na mesma direção: aumento da extensão de terras cultivadas, porém ao mesmo tempo a concentração da propriedade nas mãos de uma minoria.¹⁹⁹

Esse processo acarretou uma reorganização do campo e cidade reais, que trouxe mudanças nas representações de ambos os espaços no tecido literário. Para o conjunto de “aprimoradores” agrícolas ingleses essas mudanças eram puro ganho, pois consideravam “os antigos campos comuns muito feios e louvavam a nova e limpa paisagem de cercamentos divididos por sebes”²⁰⁰. Por outro lado, para os representantes do movimento pitoresco, “todo o formalismo dos arbustos, cercas-vivas e divisões retangulares de propriedade, eram, [...] repulsivas no mais alto grau”²⁰¹. As paisagens naturais eram desfiguradas pela atividade do

¹⁹⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 173.

¹⁹⁷ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 370.

¹⁹⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 171.

¹⁹⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 166.

²⁰⁰ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 370.

²⁰¹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 403.

homem: os constantes planos de manufaturas, a regularidade dos cercamentos e recém-chegadas tentativas de melhorias da terra, de forma que foi em reação consciente a esse novo padrão agrícola que, desde o início do século XVIII, o movimento literário procurava enfatizar uma nítida distinção entre o “cultivado e o inculto”²⁰², mas sob a forma de uma nova representação de campo. As “comparações abstratas”²⁰³ entre literatura e realidade tenderam, ao longo de dos séculos XVII e XVIII, a cada vez mais enevoar o vínculo funcional entre campo e cidade. Tais comparações expunham um anseio em obscurecer o papel que o campo passou a estabelecer na produção econômica, de forma que uma visão diferente do campo como “refúgio” da ordem social e econômica que imperava nos centros urbanos começava a ser desenhada com a lógica do “melhoramento da terra”.

O melhoramento, enquanto uma lógica pensada na cidade, significava para cenário rural, em sua teoria, um aumento considerável na produção de alimento e do número de empregos, porém suas vantagens não era exclusivamente materiais.²⁰³ No entanto, não há um contraste unilateral em que o campo e cidade apenas fornecem ou recebem um do outro. Ao observarmos as reais relações estabelecidas, em especial com a chegada do século XVIII, vemos que, embora a premissa para o movimento de cercamento e melhoramento da terra venha da cidade, Williams nos indica que os meios para sua real efetivação ocorrem no campo, sendo por isso, encarada como uma relação em que o campo tem destaque – embora nos lembre que parte considerável do produto da exploração acabe por encontrar seu destino e retorno na cidade. Com a chegada dessa nova lógica de operar o campo, os valores “tradicionais” entraram em crise com os valores trazidos pelas mudanças: a poesia setecentista campestre, não mais era marcada pela “idealização do arrendatário feliz e do refúgio rural”²⁰⁴ do início do século XVII, substituindo-a por “uma consciência acentuada e melancólica das mudanças e perdas, a qual terminou estabelecendo, de uma maneira nova, uma estrutura convencional de retrospectiva”²⁰⁵.

Ao mesmo tempo, o movimento romântico passava a propagar a ideia de que uma natureza melhorada era igualmente uma natureza destruída.²⁰⁶ Em fins do século XVIII, portanto, a antiga preferência por uma paisagem cultivada e dominada pelo homem conhecia

²⁰² THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 370.

²⁰³ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, pp. 361-362.

²⁰⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 88.

²⁰⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 89.

²⁰⁶ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. *Op. cit.*, p. 376.

uma contestação radical. Ainda que as classes educadas se encontrassem encorajadas pela “facilidade em viajar e por não estarem diretamente envolvidas no processo agrícola”, estas vieram a atribuir importância sem precedentes à contemplação da natureza do passado e à apreciação do cenário rural remoto.²⁰⁷ Essa construção do sentimento de retrospecto, conforme indica Keith Thomas, é uma resposta a todas “falsidades”²⁰⁸ que se intensificaram no campo com a expansão das cidades e o crescimento das indústrias, de modo que

Um elemento essencial dessa nostalgia é que os objetos naturais – árvores, flores, animais criados pelo homem e pássaros – são valorizados por suas associações primeiras: eles trazem de volta lembranças da infância de uma maneira mais vivida e imediata do que é capaz qualquer ser humano; os objetos naturais que, ao contrário dos humanos, são percebidos enquanto classes não como indivíduos; uma primavera pode ser instantaneamente reconhecida como a mesma planta que vimos na infância ao passo que uma pessoa não.²⁰⁹

Essa nostalgia, para além de ser uma resposta às novas mediações que colocavam o campo em evidência, também encontrava argumentos na crescente repugnância pela aparência física da cidade. Desde o século XVII, “quem amava o campo não odiava necessariamente a cidade. Mas era cada vez mais frequente de sustentar que a cidade mais bela seria a de maior aparência rural” e a desruralização da cidade levou a uma crescente insatisfação com o ambiente urbano que favorecia uma imagem mais favorável do campo.²¹⁰ As “virtudes campestres” ganhavam, gradativamente, um tom abstrato e idealizador na medida em que a relação do campo com a cidade não era mais descritiva em função de seu real vínculo. Desde antes do século XVIII, “a devoção às atividades rurais era uma característica das classes altas inglesas”, uma vez que durante séculos, a aristocracia inglesa teve bases rurais, por ser uma agricultura altamente capitalizada o fundamento de sua riqueza. E, exatamente por isso “seus membros tinham apego aos esportes campestres; eram, muitas vezes, bons conhecedores de história natural, e idearam conscientemente uma paisagem rural que tanto forneceria lucro como recreação”²¹¹.

Para esses homens era interessante que o ideal de um passado feliz – marcado pela natureza idealizada – viesse a interromper os processos de mudança por meio da dispersão de

²⁰⁷ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Op. cit., p. 377.

²⁰⁸ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Op. cit., p. 358.

²⁰⁹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Op. cit., p. 359.

²¹⁰ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Op. cit., p. 359.

²¹¹ THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Op. cit., pp. 15-16.

um sentimento de desilusão²¹². Ao tratar da prática do passado feliz e da retrospectão a um “ideal de natureza e de passado mais feliz”, Williams identifica um motivo semelhante a Thomas, o de que existiam interesses de uma dada classe rural aristocrata, tal que “esses homens [do campo], tendo subido na vida graças às mudanças no campo, rapidamente passavam a reclamar das novas mudanças, ou da continuação do processo de mudança interior”²¹³. A “confiança agrária” do século XVIII era, portanto, acompanhada desse sentimento de melancolia e de um sentimento de arrependimento. Essa é a verdadeira mudança de mentalidade, a construção por uma minoria de uma nova consciência sobre a natureza, surgida justamente na época em que a transformação intencional da natureza – não apenas da água e da terra, mas também das matérias-primas e dos elementos essenciais – iria entrar numa nova fase: a dos processos que hoje denominamos industriais.²¹⁴

Neste sentido, o capitalismo sempre foi um processo ambíguo: promove um aumento real da riqueza, mas a distribui de modo desigual; permite o surgimento e a sobrevivência de populações maiores, porém dentro delas encara os indivíduos apenas como produtores e consumidores, como seres que nada podem pedir à sociedade senão dentro desses papéis abstratos.²¹⁵ Trata-se, portanto, de um mundo francamente comercial, que quase nada oferecia de bucólico em sua prática, mas que a todo momento remete ao bucólico para manter-se, uma vez que, naturalmente, à medida que aumentavam o sucesso, o alcance e a autoconfiança do novo sistema social, aumentava a probabilidade de haver motivos locais para alguma forma de nostalgia. Era possível assim lembrar outras épocas e outros costumes, mas, sob a pressão das contradições gerais do sistema emergente, as possíveis observações locais realistas deram origem a uma visão histórica geral e, por fim, a uma fantasia tecida na literatura. A classe dos proprietários rurais da Inglaterra, que havia modificado a si mesma ao modificar seu mundo, foi idealizada e deslocada de modo a formar um contraste histórico com suas próprias atividades reais.²¹⁶

Com o processo de desenvolvimento que partiu dessa reorganização econômica, a nova ideologia apareceu de forma decisiva: “ao mesmo tempo em que organizou a reação à pobreza [...], a nova ideologia, por outro lado, vinculou a pobreza ao trabalho de novas

²¹² Optamos aqui por utilizar o termo desilusão e não melancolia uma vez que, embora algumas traduções carreguem este segundo termo, ele tende a remeter significativamente a uma perda que não foi aceita; mas o que notamos ao observar o uso de *Natureza* em Williams, é que remete, na verdade, a um sentimento de tristeza, frustração, desapontamento, ou até decepção com mudança de panorama do mundo natural ou rural.

²¹³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 66.

²¹⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 177.

²¹⁵ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 118.

²¹⁶ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 118.

maneiras”²¹⁷, de modo que a repressão à chamada “vadiagem” – ela própria a consequência de uma mobilidade socialmente incitada –, tornou-se foco. O objetivo da legislação contra a vadiagem era, em grande parte, obrigar os sem-terra a aceitar o trabalho assalariado, no contexto da nova organização da economia.²¹⁸ Esta é uma nova organização também da paisagem com inclusão do trabalho, e, portanto, de trabalhadores, em que ocorre uma mudança consciente na especificidade do trabalho. Williams observa aqui a distinção entre dois campos rurais distintos: “os campos encantadores dos ‘que lavram [...] ou pastoreiam’ e a realidade dos ‘lavradores míseros a trabalhar’.”²¹⁹ Encontramos aqui a distinção entre o proprietário que “lavra” a terra, e os trabalhadores que apenas “trabalham” nela, ou seja, esses indivíduos que desempenham apenas parte do processo de trabalho, mas nunca sua totalidade, da qual o proprietário e empregador se apropriou, não têm direito a terra, uma vez que sendo esta atribuída aos empregadores, não pertence aos trabalhadores sob uma perspectiva comercial.²²⁰ Torna-se bastante perceptível, portanto, que aqueles sem-terra em decorrência dos melhoramentos e cercamentos tornaram-se, sem outra opção, membros da classe trabalhadora das novas cidades industriais, dando prosseguimento ao fluxo de trabalhadores assalariados para as cidades.

No entanto,

em certo sentido a questão dos cercamentos, situados no período específico da eclosão da Revolução Industrial, pode ter o efeito de desviar nossa atenção da verdadeira história e tornar-se um elemento de uma visão mítica muito sedutora da Inglaterra moderna, segundo a qual a transição da sociedade rural para a industrial é encarada como uma espécie de decadência, a verdadeira causa e origem de nossos problemas e convulsões sociais.²²¹

Sendo esta uma das fontes principais da estrutura de sentimento inglesa que procuramos discutir para averiguar o lugar da Natureza. Isto porque, a literatura passa evoluiu, da “extensão de areias escaldantes” e áridas, para outro cenário, preocupado agora em retratar “a crise específica do capitalismo rural e do industrial.”²²²

Entretanto, relembramos que “nas terras áridas, a culpa era da Natureza; mas, aqui, quem será o culpado?”²²³ E é sob tal contexto que examinamos um perpétuo recuo a uma sociedade “orgânica” ou “natural”. Aqui, se relembrarmos o apresentado no início desta

²¹⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 119.

²¹⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 119-120. Aqui poderíamos também discorrer sobre a ideia do sedentarismo e do trabalho assalariado, mas como não há espaço para tal discussão, indicamos que Williams também a discute no capítulo e utilizamos nessa seção do texto. Sobre essa temática consultar: WILLIAMS, Raymond. “Criado para ser lavrador”. In: WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*

²¹⁹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 129

²²⁰ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 129

²²¹ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 137

²²² WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 130-131.

²²³ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. *Op. cit.*, p. 131.

discussão, temos Norbert Elias nos contando como determinadas culturais, tais como natureza e cultura “mudaram de conceitos referentes a processos – desenvolvimentos progressivos – para conceitos relativos à estados e imutáveis”; o que, em alguma medida, dialoga também com o exposto brevemente por Levi-Strauss ao indagar “Onde acaba a natureza? Onde começa a cultura? ” E localizar como resposta que aquilo que diferente o estado natural de algo de seu estado cultural (social) é a existência de uma “regra”, que aqui entenderemos como uma especificação, uma disposição, ou ainda um princípio comum. Entretanto, não foi Goethe quem escreveu que “Toda regra destrói o verdadeiro sentimento e a verdadeira expressão da natureza”?

E esse sentido é contínuo, em Williams, é encontrado quando o autor galês coloca em evidência um elemento bastante específico: a questão do trabalho do campo, ou ainda, o trabalho como um elemento que se mantém presente na história do campo. Uma regra consistente de presença, que coloca a natureza em segundo plano quando observamos o campo e sua relação com a cidade. Ao passo em que a sociedade se torna mais civilizada com o movimento de industrialização, torna-se perceptível que a ideia comum de natureza e exploração da natureza não mudam, não são superadas, uma vez que sempre é mantida uma lógica de relações de poder, trabalho, esforço, interesse, e de “aluguéis e juros”. Trabalho, cultura, processos modernizadores, revolução industrial, as sínteses de Williams sobre a natureza introduzem novas palavras-chave e torna necessária a discussão da nação, dos nacionalismos, da modernização, que são também caros a uma perspectiva brasileira de compreensão do sentido de natureza e parece estar interessada naquilo que Raymond Williams tematizou.

CAPÍTULO III

A recepção de O Campo e a Cidade no Brasil

Em *O Campo e a Cidade*, Raymond Williams apresenta como o registro das mais diversas experiências humanas leva a toda uma compreensão sobre as diferentes relações entre campo e cidade na Inglaterra. Franco Moretti, sobre o problema do uso de registros, enfatiza que situar uma produção escrita em um espaço nacional específico não é a conclusão de um trabalho geográfico, mas o início de um trabalho de história sobre um determinado pensamento, no nosso caso, seria o trabalho de identificar o pensamento comum de Raymond Williams no Brasil, difundido no território brasileiro através de seus variados livros que circularam por diferentes localidades do país, aqui representadas por universidades públicas e privadas brasileiras. Quando pensamos na atualidade dos estudos centrados no pensamento de Raymond Williams no Brasil podemos encontrar, em certa medida, uma variedade de trabalhos e produções nacionais e internacionais que se ocupam de repensar a temática da “natureza” em diálogo às elaborações teóricas do autor.²²⁴ Especificamente sobre tais estudos derivados do pensamento do autor galês ligados à natureza, encontramos na produção nacional ensaios que procuram mobilizar o modelo de análise da representação da paisagem rural na literatura inglesa apresentado em *O Campo e a Cidade* para a construção de uma discussão semelhante aplicada ao contexto brasileiro, contrastando o rural e o citadino em estudos locais.²²⁵

Ainda que tais estudos se pautem na produção de Williams, podemos questionar sob quais princípios reside a perspectiva de natureza do autor e sob qual contexto a mesma foi recebida no Brasil, uma vez que esta não circula apenas internacionalmente, mas se mostra

²²⁴ Vale ressaltar que uma vertente bastante presente, composta em sua maioria por estudos internacionais, abarca a categoria de natureza ao situar Raymond Williams enquanto figura central na fundação dos estudos “ecoculturais”, procurando identificar como o autor galês estabelecia relação entre atitudes culturais – em relação à natureza – e as ameaças ao meio ambiente. Referente a esse debate internacional cito principalmente dois artigos: LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Raymond Williams, Romanticism and Nature*. *Capitalism Nature Socialism*. v. 29. p. 1-17. 2018. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/10455752.2017.1407070?scroll=top&needAccess=true>; GIBLETT, Rod. *Nature is ordinary too*. *Cultural Studies*, v. 26:6, p. 922-933. 2012. Disponível em: <https://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1486&context=ecuworks2012>.

²²⁵ Como exemplos gerais de estudos que incorporam o modelo de *O Campo e a Cidade* na análise de questões brasileiras podem ser encontrados em: SOARES, Mariana Baierle. *O campo e a cidade: na história e na literatura (Raymond Williams) e uma possível aproximação ao regionalismo gaúcho*. REVELLI v. 3 n. 1. 2011.; CASTRO, Ana Claudia Veiga de. *Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana*. *An. mus. paul.*, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 99-120, Dec. 2016. PAIXÃO, Alexandre Henrique. *A fusão dos contrários na poesia romântica brasileira: estudo sobre o contraste entre o campo e a cidade na obra de Fagundes Varela*. 2005. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

bastante presente no cenário nacional. Contudo, neste capítulo, não trataremos das formas de representação da realidade nas tintas e nos papéis da ficção brasileira ou britânica, mas procuraremos evidenciar, primeiramente, a existência de uma ambiência cultural e intelectual fundada por expoentes do pensamento social brasileiro que favoreceu a construção de uma ambiência necessária a qualquer tradução e/ou recepção de parte da obra de Raymond Williams no Brasil.

Para trabalharmos sob a hipótese da existência de uma aproximação entre a produção de Williams e o contexto nacional em que *O Campo e a Cidade* foi recepcionado no Brasil, procuramos introduzir aqui como os estudos brasileiros que tratam dos cenários rurais e urbanos têm uma geografia própria que nos ajuda a construir um mapa da cultura intelectual no país. Para localizarmos esta experiência intelectual ou cultural que estamos anunciando, por uma questão de ênfase, vamos realizar um estudo síntese sobre os previamente citados intérpretes da discussão do rural e do urbano no Brasil, responsáveis por construir a ambiência que mencionamos. Cabe ainda mencionar que iremos demasiadamente enfatizar o rural em nosso debate, porque somos na origem (e talvez sempre) um país agrário, onde permanecem “estruturas de sentimento” – para nos utilizarmos de um termo de Williams –, arcaicas e progressistas oriundas do mundo rural, mas que tomam conta da vida em nas nossas grandes cidades e performam a vida do espírito em solo nacional.

Antes de introduzirmos as evidências empíricas que sustentam esta explicação provisória, é importante dizer que mapear o pensamento de um autor galês, como Raymond Williams (1921-1988), e o uso de um dos seus livros principais, *The Country and the city*, escrito e editado em inglês, em 1973, e traduzido para o vernáculo em 1989, pela editora Companhia das Letras, apresenta, de saída, um problema relacionado à questão das “fronteiras”: fronteiras linguísticas, que são ultrapassadas pela tradução; fronteiras territoriais, atenuadas pelos sistemas de transporte e correio, que garantiam à época o comércio do livro e a circulação de edições originais encurtando as distância entre os continentes Sul e Norte do globo; fronteiras ambientais, pois há lugares em que a comunicação não se estabelece, pois um autor e um livro estrangeiro podem se passar às vezes por um “corpo estranho”. Mas esse não é o caso de Raymond Williams e sua obra no Brasil, pois seus livros no vernáculo parecem ter encontrado um ambiente favorável para circular entre nós e ajudar a compor nosso “corpo acadêmico”.²²⁶ O termo é de Antonio Candido, quem nos ajuda a compreender que um ambiente intelectual é uma ação de grupos acadêmicos que fundam tradições, ideias e sentimentos comuns, como a

²²⁶ Conferir Antonio Candido em seu magnífico ensaio: “A literatura na evolução de uma comunidade”. In: *literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.

de campo e cidade, onde reconhecemos as contribuições do próprio autor, mas também as de Oliveira Vianna, Raimundo Faoro, Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Maria Isaura Pereira de Queiroz, Élide Rugai Bastos, dentre outras e outros intelectuais dedicados ao mesmo tema.²²⁷

Mas como as tradições, suas ideias e seus sentimentos postos no papel, não têm controle, limite ou fronteira, chega-se àquele momento decisivo em que os temas tornados grupais ou coletivos, como a discussão do rural e urbano, do campo e da cidade, desprendem-se do grupo fundador e passam a ser criados pelos seus herdeiros, seu público leitor, normalmente um público universitário. Mas não apenas por eles. Porque temas em comum, vem e vão de outros lugares e tradições intelectuais distintas, de dentro e de fora do Brasil, tornando-se parte de nossas vidas acadêmicas, não dependendo mais do grupo formador para funcionar. Aquilo, portanto, que foi conduzido e preformado antes por gerações de intelectuais no país, permite reconhecer a existência de um ambiente favorável, dotado de uma consciência intelectual coletiva e própria, com condições para acolher novos problemas da relação entre campo e cidade, tais como os que são apresentados por Raymond Williams. O autor galês havia escrito sobre a natureza e a cultura inglesas, algo estranho ao cenário nacional. Mas ainda assim encontrou terreno fértil entre nós, tornando-se parte de nossa experiência cultural universitária, localizado em nossas bibliotecas espalhadas pelo país, onde também encontramos livros de Candido, Faoro, Freyre e de todos aqueles que compreendiam que o campo e a cidade evocavam problemas de perspectiva e fatos históricos, perspectiva e fatos literários. O que era um corpo estranho ou estrangeiro, tornou-se parte do nosso corpo acadêmico.

3.1 O ambiente cultural e intelectual brasileiro que antecede 1989

Sobre este corpo acadêmico que forma tradições que queremos tratar nesta seção, oferecendo primeiramente uma caracterização de um ambiente intelectual fértil para a recepção de várias obras de Williams, dentre elas a que aqui nos é interessante, *O campo e a cidade*. Em outras palavras, quando o assunto é Raymond Williams e seu livro *O campo e a cidade*, a

²²⁷ A armação deste problema foi apresentada pela primeira vez em um estudo-síntese no GT32 - Pensamento Social no Brasil do 44º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. PAIXÃO, Alexandro Henrique. MALANDRIN, Hiago Vaccaro. Cartografar o pensamento social britânico: Raymond Williams no espaço nacional brasileiro entre 1989 e 2019. 44º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 2020. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt32-10/12358-cartografar-o-pensamento-social-britanico-raymond-williams-no-espaco-nacional-brasileiro/file>>

fronteira é puramente convencional,²²⁸ pois não há “barreira para os estranhos”, pelo menos é isso que os mapas de circulação de sua obra pelas universidades denotam: existe aqui um ambiente intelectual favorável e versado sobre a temática de o campo e a cidade, assentado por autores consagrados.

Para elaborar esse estudo, iremos, a princípio, mobilizar um novo referencial teórico, Silviano Santiago será aquele que nos ajudará nessa etapa. Em *Uma literatura nos trópicos* (1978), Santiago intermedia pensamento social brasileiro, crítica literária e sociologia da literatura, e aqui utilizaremos as concepções do autor para intermediar também nosso problema referente ao estudo da recepção do livro de Williams no contexto do Brasil.

O livro de Santiago é importante nesse estudo por discutir o “entre-lugar do discurso latino-americano”, que não por coincidência também é o nome do primeiro capítulo do livro.²²⁹ O autor discute como a produção impressa, ficcional ou não, e em especial a circulação dessa – a difusão, nos termos do autor – é marcada por diferentes notações de tempo de acordo com o modo que esta é interpretada, analisada, comentada, referenciada, enfim, de acordo com sua leitura. E aqui nos perguntamos: não seria esta a finalidade de uma produção? A difusão, presença e circulação de uma literatura apresenta por finalidade ser o objeto de leitura. E isso é que queremos observar em *O Campo e a Cidade*. Observar como este livro, que apresenta um tempo literário próprio, adentrou “os trópicos” e espaço universitário brasileiro, que apresentava um outro tempo cultural, mas que, de algum modo, encontraram uma harmonia.²³⁰ O que faremos, portanto, é um estudo preliminar desse tempo cultural brasileiro que perpassa a primeira tradução para o vernáculo de *O Campo e a Cidade* em 1989, mas que aparenta ter início muito antes e, posteriormente, iremos checar essa possível “leitura” do livro ao apurar as produções acadêmicas que se apreendem a mesma temática e que apresentam seu título como referencial. O termo “tempo cultural”²³¹ é emprestado de Edward Thompson, no estudo “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial”, apresentado livro *Costumes em comum* (1998), de modo que esse tempo cultural não faz menção somente à cronologia das

²²⁸ Estamos nos baseando na discussão de “fronteira” posta por Sigmund Freud em *Obras psicológicas Completas* (1893-1895). Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 314. O termo também tem outro valor, quando se trata de Williams, porque a fronteira é um *topos* em seus romances produzidos ao longo da vida, merecendo destaque o primeiro deles e intitulado *Border Country*. Sobre os romances de Williams e os territórios e sentimentos fronteiriços, conferir Alexandro Henrique Paixão et. al. “Cultura e experiência nos romances de Raymond Williams”. In: *Revista Leitura: Teoria e Prática*. Vol. 37, nº 77, 2019.

²²⁹ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 11.

²³⁰ A discussão referente a temporalidade da obra dentro e fora do tecido literário é elaborada por Silviano Santiago em: SANTIAGO, Silviano. “O Ateneu: contradições e perquirições”. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. *Op. cit.* p. 66.

²³¹ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528 p. 270.

obras literárias, mas também à circulação transnacional dessas produções, graças a processos de apropriação, tradução e recepção, eles mesmos movimentados por diferentes mediadores culturais, perfazendo a chamada circulação transnacional de um livro inglês no Brasil.

Mas a discussão dos tempos e espaços na literatura é algo que vai além de *Uma literatura nos trópicos*. Se por um lado temos Silviano Santiago elaborando um tempo temporal em Raul Pompeia, por outro nos encontramos novamente com Franco Moretti efetuando um estudo similar do tempo cultural na Inglaterra de Jane Austen. Enquanto Santiago contrapõe diferentes estudos do tempo literário, seja em um “passado distante e inofensivo [...] não deixando de modo algum que viesse aflorar nas águas do presente”, seja quando “o passado é a única razão de ser para que continue a viver o presente”,²³² temos Moretti elaborando um estudo do espaço, em que observa de “um lado, a ‘Grã’-Bretanha em processos de industrialização da época de Jane Austen; de outro, a Inglaterra pequena e homogênea dos romances de Austen”.²³³ Temos assim dois grandes nomes elaborando grandes estudos que nos ajudam a repensar nosso objeto e nossa hipótese, porém, antes de continuarmos, gostaria lembrar uma passagem em que Franco Moretti, ao abrir o primeiro capítulo de *Atlas do Romance Europeu*, se utiliza de Williams para representar o tempo cultural de Jane Austen:

Em Jane Austen, os vizinhos não são as pessoas que moram mais perto; são pessoas que moram a uma distância um pouco maior e que, em termos de reconhecimento social, podem ser visitadas. O que ela vê em todo o campo é uma rede de casas e famílias de proprietários, e nos buracos dessa rede fechada situa-se a maioria das pessoas concretas, que simplesmente não são vistas. Estar face a face nesse mundo já implica pertencer a uma determinada classe. [...] o campo [...] só se torna real na medida em que está relacionado às casas que constituem nódulos verdadeiros.²³⁴

Se observamos atentamente, entre as supressões de textos no recorte apresentado por Moretti, temos “[...] o campo [...]”, e referente a esse mesmo campo Williams, ao analisar a representação da natureza campestre, em especial de Jane Austen, concluí que “não são descrições da vida rural, e sim elogios sociais, as hipérboles tão familiares da aristocracia e seus agregados”.²³⁵ Esta afirmação condiz com o que apresentamos referente a como um sentido de natureza é construído em paridade a um sentido de cultura no pensamento de Williams, sob um relação que coloca em evidência as relações de poder na construção dos sentido citados. Como

²³² SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Op. cit. p. 76.

²³³ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 24.

²³⁴ Franco Moretti apresenta o trecho de Raymond Williams como apoio ao primeiro mapa de romances dos lugares onde começam e terminam os enredos de Jane Austen. Como não há referência à página ou edição do livro usado, matemos aqui a nota com a referência ao livro de Moretti. MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 22.

²³⁵ WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. Op. cit., p. 62.

discutimos, por volta do final do século XVIII, começa a haver na Inglaterra uma quantidade de processos que rearranja a realidade agrária: “a onda final de cercamentos rurais; o surto de industrialização; a ampla melhoria das comunicações; a unificação do mercado nacional; e o recrutamento das massas”.²³⁶ Se combinarmos essa premissa com a referência feita aos textos de Jane Austen podemos finalmente começar a pensar porque o livro *O Campo e a Cidade* atende algumas necessidades editoriais e universitárias no Brasil em um dado tempo cultural. Lembramos aqui que este tempo, emprestado de Thompson, quando aplicado a literatura, é orientado e organizado pela crítica, mas também pelos editores, tradutores, autores, o público em geral; trata-se, portanto, de uma dinâmica que envolve os diferentes mediadores culturais e os diferentes meios técnicos da imprensa em um mesmo “entre-lugar”.

Embora a tríade apresentada entre literatura inglesa, recepção de um impresso no Brasil e o debate de tempo cultural pareça desconexa, estamos de volta a Moretti, que novamente parece nos ajudar ao repensar a análise literária e a circulação de impressos, afirmando que

Há muito tempo a sociologia literária insiste, como sabemos, na relação entre o romance e o capitalismo. Mas o espaço de Austen sugere uma afinidade igualmente forte (apontada pela primeira vez por Benedict Anderson, em *Imagined Communities*) entre o romance e a realidade geopolítica do Estado-nação. Uma realidade moderna, o estado-nação – e curiosamente esquiva. Porque os seres humanos podem compreender diretamente a maior parte de seus habitats podem abarcar seu vilarejo, ou vale, com um único olhar; o mesmo ocorre com a corte, ou a cidade (especialmente no início, quando as cidades são pequenas e têm muros); ou até mesmo o universo – um céu estrelado, afinal de contas, não é uma imagem ruim dele. Mas o estado-nação? “Onde” fica? Com o que se parece? Como pode vê-lo? E ainda: o vilarejo, a corte, a cidade, o vale, o universo podem todos ser representados visualmente – nos quadros, por exemplo. Mas o Estado-nação? Bem, o Estado-nação... encontrou o romance. E vice-versa: o romance encontrou o Estado-nação. E, sendo a única forma simbólica que poderia representa-lo, tornou-se um componente essencial de nossa cultura.²³⁷

Assim, a construção de uma noção de nação em paridade a uma imagem literária não é algo novo. É um fato observado por Franco Moretti, Benedict Anderson e Raymond Williams. Os três autores escrevem em momentos diferentes, mas carregam premissas que nos ajudam a repensar o sentido que o livro do autor galês ganha ao adentrar os espaços universitários brasileiros a partir de sua primeira tradução em 1989. Em um panorama geral, Williams nos apresenta que, por volta do final do século XVIII, começa a haver na Inglaterra uma quantidade de processos que rearranjam a realidade agrária: “a onda final de cercamentos rurais; o surto de industrialização; a ampla melhoria das comunicações; a unificação do

²³⁶ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 26.

²³⁷ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit., p. 27.

mercado nacional; e o recrutamento das massas”.²³⁸ Esse processo de reorganização da vida do campo e da cidade e, sobretudo, da perspectiva agrária também é vista no Brasil.

Aqui, para pensarmos nessa questão, guardaremos as devidas proporções em relação ao que viemos tratando sobre a literatura e história europeia mas precisamos abarcar mais e, para isso, utilizaremos como ponto de partida o primeiro capítulo de *Sobrados e Mucambos* (1936), livro de Gilberto Freyre, no qual o autor faz uma descrição do trajeto que será percorrido ao longo da obra. Freyre trata, entre outras coisas, da paisagem social brasileira, mediante uma descrição de como, desde o século XVI, encaramos no Brasil um processo que veio a favorecer o início da modernidade, a urbanização, o surgimento de novos valores e instituições. Por outro lado, temos também o declínio gradual do patriarcalismo no cenário nacional amparado pelas mudanças estruturais da época, as quais viriam a dar uma nova dimensão ao Brasil rural na primeira metade do século XIX.²³⁹ Nos termos de Freyre, encaramos no Brasil, ao longo do séculos compreendidos no livro, uma diferenciação gradual entre o meio rural e urbano, em que “a influência mais inglesa que portuguesa” se evidencia, acompanhada da abertura dos portos dando espaço ao capitalismo comercial, o que provoca primeiro uma mudança física no campo e na cidade brasileiros, e depois dos valores associados a eles.²⁴⁰

Perante o processo de desenvolvimento das cidades no Brasil, Freyre enfatiza também como ocorreu a hierarquização das relações sociais no campo, principalmente aquelas relativas às transformações do estilo de vida campestre na sociedade brasileira, que vieram integrar-se ao perfil do caráter nacional, criando-se espaço de debate e uma sociabilidade até então não existentes.²⁴¹ Em contrapartida a formulação deste sentimento de caráter nacional que se formava, percebemos com o processo de declínio do poder patriarcal familiar que estamos falando, na verdade, de uma grande transformação social quando o autor nos indica como esse declínio é um marco na passagem de uma sociedade ruralizada para uma outra cidadina, processo esse que não se deu, nos termos do autor, de modo natural.²⁴² Como observado, a decadência do sistema patriarcal brasileiro ocorre quando os valores dessa estrutura social começam a se desagregar em virtude do surgimento de novos valores culturais eminentemente urbanos, “cultivados pelos novos bacharéis de formação cosmopolita”, isto é, europeia. Com efeito, Freyre acentua que a decadência do patriarcado rural não se deve somente

²³⁸ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. *Op. cit.*, p. 27.

²³⁹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. *Op. cit.*, p. 32.

²⁴⁰ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. *Op. cit.*, p. 34.

²⁴¹ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. *Op. cit.*, p. 34.

²⁴² FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. *Op. cit.*, p. 36.

à decadência de um tipo de economia baseada na escravidão, mas também ao crescimento dos centros urbanos e ao surgimento de uma “camada burguesa”, de novas profissões e da ascensão dos bacharéis, muitos deles mulatos, que vieram a corporificar dados valores socioculturais no cenário cultural “brasileiro-europeu” de então.²⁴³

A escolha de citar o nome de Freyre reside na premissa de que o sociólogo brasileiro tem papel fundamental na organização das disciplinas de ciências sociais no país, como nos é indicado por Élide Rugai Bastos no artigo “Gilberto Freyre e as Ciências Sociais no Brasil”, o qual tomaremos como referência inicial para discutir como o autor é central na formação de uma ambiência cultural nacional. Em suma, o estudo procura situar Freyre dentro do processo de sistematização das ciências sociais “no decurso da década de 30, que ocorre independentemente da formação das instituições universitárias”. Nesse contexto, o autor é situado como representante do primeiro momento de sistematização da sociologia em âmbito nacional, com ênfase na produção do auto que se volta “à reinterpretação do passado nacional, aos estudos sobre as questões racial e cultural”²⁴⁴. E será a partir desse ponto no tempo cultural brasileiro que passaremos a imaginar sob qual cenário nacional *O Campo e a Cidade* é recepcionado no Brasil.

Nesta perspectiva e ainda pautados em estudos de Élide Rugai Bastos e Mariana Miggiolaro Chaguri, se avançarmos duas décadas a partir das produções mencionadas de Freyre, por volta da década de 1950, encontramos um contexto nacional de profunda “articulação entre processos de mudança social e sua reinterpretação reflexiva pelas ideias”.²⁴⁵ Reinterpretações essas que levam a teses que procuravam interpretar de que maneira os estudos nacionais e “o dualismo estrutural que marcaria a sociedade brasileira ganharam destaque e concorreram para promover associações explicativas entre o rural e o arcaísmo que lhe seria inerente”.²⁴⁶ Nesse período se organizaram também novos estudos sobre o papel e a representação do rural no país “a partir das pesquisas sobre a sociedade camponesa ou ‘mundo rústico’, para utilizar nomenclatura formulada por Antonio Candido (1964)”, que procura indicar como houve por parte das produções brasileiras “uma inversão metodológica chave que, pouco a pouco, permitiu estudar o rural numa perspectiva menos comportamental e mais política.”²⁴⁷

²⁴³ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. *Op. cit.*, p. 37.

²⁴⁴ BASTOS, Élide Rugai. “Gilberto Freyre e as Ciências Sociais no Brasil”. *Op. cit.*

²⁴⁵ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.*, p. 17.

²⁴⁶ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.*, pp. 17-18.

²⁴⁷ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.*, p. 18.

Precisamos aqui fazer um receso no processo de “escada-rolante” que estamos fazendo no tempo cultural brasileiro e nos atentarmos, brevemente, a dois nomes que citamos: Gilberto Freyre e Antonio Candido. Se tomarmos como referência a trajetória de produção dos dois autores nacionais que aqui estamos mobilizando, podemos observar uma questão importante: ambos publicaram, previamente à tradução de *O Campo e a Cidade*, livros capitais sobre a temática do mundo rural – ou agrário – no cenário brasileiro. Gilberto Freyre publicou sua conhecida trilogia *Casa-Grande e Senzala* (1933), *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1945), além do *Vida Social no Brasil* (1964), enquanto temos Antonio Candido publicando neste mesmo ano *Os parceiros do Rio Bonito* (1964) e, ano seguinte, *Literatura e Sociedade* (1965). Curioso ainda comentar sobre a coleção “Presença da Literatura Brasileira”, de Antonio Candido e Aderaldo Castello, publicada pela primeira vez também na década de 1960. Composta por três volumes, essa muito se aproxima da discussão elaborada por Williams em *The country and the city* (1973). Nesta coleção, Candido e Castello iniciam os estudos a partir de grandes nomes da literatura brasileira do século XVI, e preocupam-se em observar o nascer do fato literário nacional: uma trajetória com sucessos e falhas de validar uma forma literária expressivamente brasileira ao longo dos quatro séculos compreendidos no livro. A aproximação entre a coleção e o livro de Williams que aqui estudamos não é somente temática: ambos livros colocam em evidência um método similar de conceber a observação e registro dos fatos literários observados. É perceptível que diferenças existem em relação às características de cada autor em elaborar a exposição dos dados, sendo Williams pela trajetória histórica e literária da Inglaterra em paralelo aos fatos históricos, sociais e políticos, enquanto Candido e Castello o fazem pela trajetória dos autores tidos como brasileiros, alocando-os de acordo com os movimentos que lhes cabem, partindo do estudo das obras desses para a construção do entendimento da formação de uma literatura nacional. De todo modo, é inegável a semelhança entre tais obras escritas em momentos tão próximos, mas geograficamente tão distantes.

Entretanto, podemos nos questionar sobre a relação entre os tempos e espaços quando discutimos a obra de Candido. Se apresentamos previamente Gilberto Freyre como um autor que discute o contexto social e político e cultural da relação campo e cidade, temos, agora, Candido como um autor que também o faz, mas que vai além, operando também a formação da literatura brasileira em seus estudos. Antecedendo a coleção “Presença da Literatura Brasileira” temos a *Formação da literatura brasileira* (1959), em que, nas primeiras páginas do segundo volume, encontramos algumas passagens em que o autor toca sobre o papel da natureza no contexto da formação da literatura brasileira. Para a celebração de algo que “nos exprimisse” enquanto nação, diz o autor, temos as características pessoas e materiais: “inteligência culta,

imaginação viva, sentimento e linguagem expressiva, eis os requisitos subjetivos do poeta; tradições, costumes, instituições, história, natureza, eis, os materiais”.²⁴⁸ “Quanto à natureza”, continua Candido, “onde busca-la mais cheia de vida, beleza e poesia [...] do que sob os trópicos?”²⁴⁹

Candido nos conta, na verdade, de uma discussão datada da década de 1830, principiada longe de nossos trópicos físicos, em uma revista publicada em Paris no ano, a “Nitheroy, Revista Brasiliense de Ciências, Letras e Artes”. Na passagem, Candido mobiliza o ensaio “Considerações sobre a atualidade de nossa literatura” de Macedo Soares para localizar uma autonomia da literatura brasileira, a qual arriscamos até nomear de uma desobrigação de seguir os modelos europeus, tendo em vista a análise do poema “Voz da Natureza” feita por Candido. Entendido como “talvez o primeiro poema decididamente romântico publicado em nossa literatura”, nesse pequeno poema “o entusiasta de Garret, Manuel de Araújo Porto-Alegre, [...] definia a sua separação da literatura anterior”, de influência portuguesa.²⁵⁰

Isso nos auxilia para que possamos pensar como uma literatura propriamente brasileira, que levou décadas para se afirmar como tal, continuou sendo “da natureza” e veio a compor em alguma medida nosso corpo acadêmico mais de um século depois sob a forma de uma sociologia rural. Especificamente sobre essa temática mais geral de um estudo de Natureza e vida rural e urbana no Brasil, temos um texto estritamente sociológico de 1955 de Candido, intitulado “L’État actuel et les problèmes les plus importants ” publicado nos Anais do 31º Congresso Internacional de Americanistas, o qual parece servir também de apoio a outras sociologias rurais que viríamos a encontrar no Brasil décadas após a publicação.

Quando observamos os autores e pesquisadores citados, seja no contexto nacional mais amplo presente na produção de Gilberto Freyre e Antonio Candido, seja nos trabalhos sobre a questão rural no Brasil em que nos utilizamos dos estudos de Élide Rugai e Mariana Chaguri, passando também por passando por Maria Isaura Pereira de Queiroz – que citaremos a seguir –, podemos encontrar um ambiente cultural já construído relacionado ao debate que aqui procuraremos aquilatar e trazer novas contribuições, coincidindo este com a tradução de *O Campo e a Cidade* no Brasil.

Mas, primeiro, precisamos evocar outro livro do autor, *Os parceiros do Rio Bonito* (1964), no qual nos é apresentado o universo das culturas rústicas. Perante esse contexto,

²⁴⁸ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6. ed. Vol. 2. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000. pp. 11-12

²⁴⁹ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. *Op. cit.* p. 12.

²⁵⁰ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. *Op. cit.* p. 14.

Candido faz a distinção entre as definições de rural e rústico. Enquanto rural “exprime sobretudo localização”, rústico “pretende exprimir um tipo social e cultural, indicando que é, no Brasil, o universo das culturas tradicionais do homem do campo”.²⁵¹

Nesse contexto, Candido estuda com mais afinco a imagem do caipira, associando-o ao homem rústico do Sudeste, em especial da área que corresponde à colonização paulista. Ao estudar o caipira, sob uma visão da cultura rústica, Candido acaba por principiar uma sociologia do rural, principalmente após “L'état actuel et les problèmes les plus importants”, que somado aos conceitos cunhados em *Os parceiros do Rio Bonito* parece culminar na sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz, autora que, assim como Candido, ancora seus estudos no debate do “rústico” no Brasil, para estudar a questão o rural e o urbano, principalmente no Sudeste, uma vez que a pesquisadora se associa à Universidade de São Paulo. Para que possamos assim repensar como essa questão ganha espaço entre o intervalo de 1950 a 1978, de Freyre e Candido a Queiroz, teremos como referencial o debate contido no texto *Maria Isaura Pereira de Queiroz, a socióloga que tentou decifrar o Brasil* em diálogo ao estudo já citado “A atualidade do rural” de Mariana Chaguri e Élide Rugai Bastos.²⁵²

Entre as várias transformações a datar da década de 1930, as autoras indicam “a relação entre o rural e o urbano compreendida na base do argumento” e do pensamento brasileiro, porque, muito embora “o objetivo da análise seja a construção do Estado” ao observamos o “alinhamento do financiamento, da produção, da circulação comercial do café”, temos que esses “dois espaços não podem ser vistos de modo independente”.²⁵³

estando a relação Estado-sociedade inserida num processo simultâneo de construção, faz-se necessário analisar o sentido que a articulação rural-urbano ganha em cada fase desse desenrolar. Em outros termos, o perfil e a importância que as relações mútuas entre rural e urbano ganham no quadro da definição da questão nacional são dinâmicos e seu sentido sociopolítico deve ser pensado a cada passo do contexto histórico. Para investigar tais dinamismos, bem como compreender seus sentidos sociopolíticos, um importante recurso analítico está na recuperação do acúmulo teórico em torno de argumentos mais ou menos disjuntivos entre o rural e o urbano que, em articulação com o contexto histórico, acabaram por promover associações entre rural, arcaico e atraso, em oposição a urbano, moderno, progresso.²⁵⁴

Se nos atentarmos a passagem apresentada, temos pontos de contato que nos possibilitam principiar um paralelo preliminar entre a organização das ciências humanas no Brasil em torno da problemática dos estudos referentes ao rural e ao urbano no contexto do

²⁵¹ CANDIDO, Antonio. *Parceiros do Rio Bonito*. 11ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987. 25p.

²⁵² CAMPOS, M. C. Maria Isaura Pereira de Queiroz, a socióloga que tentou decifrar o Brasil. *Cadernos CERU*, v. 30, n. 1, p. 395-442, 5 jun. 2019; CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.*

²⁵³ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.*, p. 17.

²⁵⁴ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.*, p. 17.

século XX e a tradução de *O Campo e a Cidade: na história e na literatura* de Williams no Brasil, afinal a circulação de Williams no país estaria inscrita dentro daquilo que as autoras enunciam como “recuperação do acúmulo teórico em torno de argumentos mais ou menos disjuntivos entre o rural e o urbano”.²⁵⁵ Aqui, precisamos recuperar o nome de Maria Isaura Pereira de Queiroz, em especial o livro *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*, no qual a autora procura compreender o contexto brasileiro de efervescentes transformações na relação entre o rural e urbano. A autora reconhece, de partida, que nem sempre teria havido heterogeneidade marcada entre campo e a cidade, ou melhor, “de que as relações entre ambos não teriam sido sempre as mesmas.”²⁵⁶ E, para a construção desse argumento, nos é apresentado pela pesquisadora que, a partir do momento que nem sempre existiu na história brasileira a designação de “cidade” para referir-se a agrupamentos, primeiro preciso entender como os agrupamentos podiam ser reconhecidos.

Assim,

a primeira forma é a da “sociedade tribal”, em que inexiste a divergência rural-urbana, em que os grupos sociais são de pequena envergadura, em que a divisão social do trabalho é fraca e em que não existe a concentração urbana. Numa outra configuração, a da “sociedade agrária”, existe já a cidade como centro político-administrativo que organiza e domina o meio rural, porém por outro lado é inteiramente dominada e delimitada por este, já que dele depende estreitamente no que toca ao abastecimento; não podendo ultrapassar demograficamente os limites por estes impostos, a cidade é essencialmente consumidora dos produtos do campo, e este é verdadeiramente o setor produtor. A terceira configuração, a da “sociedade urbana”, é aquela em que, devido ao desenvolvimento cada vez maior da tecnologia, a cidade se liberou do meio rural no que toca à produção em geral e se tornou produtora por excelência, reorganizando o trabalho agrário através das máquinas, impondo ao meio rural seu gênero de vida e sua estratificação social de base econômica; a cidade pode então crescer demograficamente de maneira por assim dizer ilimitada, por seu abastecimento depende antes de mais nada do desenvolvimento tecnológico.²⁵⁷

Queiroz busca nos indicar, através da definição destes tipos de sociedade apresentados, que os três tipos podem coexistir no tempo e no espaço em uma sociedade como a brasileira. E essa assertiva nos é significativa quando colocada em paridade a afirmação de que em “sociedade como as europeias, entretanto, a perspectiva mais própria para apreendê-las é a histórica”.²⁵⁸ Ou seja, nas sociedades europeias, as sociedades tribais existiram no passado, dando espaço a sociedade agrária que foi dominante até o século XVII, quando a importância

²⁵⁵ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.*, p. 17.

²⁵⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. São Paulo, LCT/EDUSP, 1978, p. 47.

²⁵⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. *Op. cit.*, pp. 47-48.

²⁵⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. *Op. cit.*, p. 48.

da produção agrícola começou a recuar diante das produções artesanal e industrial urbanas, para firmar-se definitivamente a sociedade urbana no século XIX, em consequência da Revolução Industrial.²⁵⁹ Podemos perguntar então como esse processo é encarado no Brasil, uma vez que a própria pesquisadora faz essa comparação preliminar entre sociedades brasileiras e europeias.

Isto porque,

na medida em que permite reposicionar não apenas a causalidade associada ao nexo rural/arcaico, urbano/moderno, como também possibilitou a reinterpretção dos processos de mudança social então em curso, dando vazão à variabilidade dos diferentes processos de transformação social e concorrendo para a reavaliação crítica do contexto à luz do debate, por exemplo, sobre as bases sociais da dominação política. Nessa direção, destacamos a proposição de Maria Isaura Pereira de Queiroz, para quem o estudo dos processos de mudança social depende tanto da análise das variações mais amplas de estrutura social quanto do conhecimento específico do lugar ocupado pelos diferentes atores.²⁶⁰

Deste modo, referir-se a questão do rural e do urbano no contexto brasileiro carrega a necessidade de entendermos que, para além de outros variados sentidos, estes cenários passam a ser indispensáveis para o debate acerca da organização social nacional. Isto é, nas décadas de 1950 e 1960 o estudo do campestre e do urbano – iniciados na produção de Gilberto Freyre – ganha uma nova força com os processos de reorganização políticas, financeiras e educacionais nacionais. Como já comentado pelo estudo de Élide Rugai e Mariana Chaguri, Queiroz principiou a discussão de que a “riqueza crescente da região cafeeicultora, de que a cidade de São Paulo se tornara o fulcro, elegeru-se como o meio mais adequado para implantação industrial”²⁶¹ em nossos dias. O que levou, pouco a pouco, a “ambivalência dialética” ser substituída por uma “dialética da complementaridade”, que “mais e mais foi se afirmando entre produção agrária e industrialização”. Isto é, a dialética da complementaridade, que definira as relações, no Brasil, entre o meio agrário e meio urbano, passou finalmente a definir também as relações entre industrialização e desenvolvimento agrário, dois fluxos aparentemente contrário, mas que na verdade se firmaram um em função do outro, do ponto de vista econômico, a este se agregando os outros aspectos como o político e o cultural.²⁶²

Nestes termos, o primeiro ponto de contato interessante para nossa pesquisa se dá na observação de nosso problema, ou seja, enquanto Williams observa como a literatura e história dialogam no contexto inglês, temos, no Brasil, a observação do contexto histórico em paralelo à reorganização do cenário nacional. Como dito anteriormente por Mariana Chaguri e

²⁵⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., p. 49.

²⁶⁰ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. Op. cit., p. 18.

²⁶¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit. p. 288

²⁶² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit. p. 288-289.

Élide Rugai Bastos, “o perfil e a importância que as relações mútuas entre rural e urbano ganham no quadro da definição da questão nacional são dinâmicos e seu sentido sociopolítico deve ser pensado a cada passo do contexto histórico”²⁶³, do mesmo modo que no livro de Williams, essa temática, guardadas as devidas proporções, é central quando nosso autor percebe na sociedade inglesa, em meados dos séculos XVIII, passa a se reorganizar sob a forma de uma sociedade em que campo e a cidade caminham lado a lado quando pensamos na relação comercial e financeira estabelecida entre ambos, situando o estudo das representações do rural e do urbano como uma mesma face do contexto histórico inglês.²⁶⁴ Disso, podemos perceber que em ambos os casos o que está em destaque é como grandes mudanças – a revolução industrial europeia e a modernização do cenário brasileiro – carregam implicações para a forma como o entendimento do espaço social e do sentimento de um “espaço nacional” são reformulados. Williams reconstitui, em seu livro, três séculos desse processo na história da Inglaterra.

Porém, precisamos saber que no Brasil, o destaque do contraste entre um cenário rural e um cenário urbano se dá em fins do século XIX e, historicamente, não podemos falar somente em coincidência com a industrialização, que tem lugar muito mais tarde no contexto nacional”.²⁶⁵ Assim, se tivermos como parâmetro outros campos de observamos, podemos lembrar que, ao fim da citação apresentada anteriormente das pesquisadoras Mariana Chaguri e Élide Rugai Bastos, podemos ler como, “em articulação com o contexto histórico” nacional, criaram-se “associações entre rural, arcaico e atraso, em oposição a urbano, moderno, progresso”²⁶⁶, nesta mesma medida, Williams observa que o campo, na literatura inglesa, em sentido negativo passou a relacionar-se à ideia de “atraso, ignorância e limitação”²⁶⁷ em contraposição às representações de cidade, que, por outro lado, quando referida positivamente estava associada a “saber, comunicação, luz”.²⁶⁸

Quando encaramos a relação rural-urbana brasileira sob a perspectiva acima exposta, saímos daquela visão comum de duas realidades distintas, colocando agora campo e cidade como realidades paralelas, interligadas, que residem em um mesmo contexto nacional, que pode reunir em arranjos variados ao mesmo tempo até os três tipos de sociedades apresentados por Maria Isaura Pereira de Queiroz, variando o grau de dominação de cada um.

²⁶³ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.* p. 17.

²⁶⁴ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura.* *Op. cit.*, p. 140.

²⁶⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil.* *Op. cit.*, p. 47.

²⁶⁶ CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. *Op. cit.* p. 17.

²⁶⁷ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura.* *Op. cit.*, p. 11.

²⁶⁸ WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura.* *Op. cit.*, p. 11.

Desta maneira, o problema de construir um estudo que reside sobre o rural e o urbano no Brasil adquire nova dimensão: o meio rural e o meio urbano não podem ser estudados em si mesmos, demandando assim que sejam encarados como parte de um conjunto social mais amplo, do qual a cidade faz parte do campo e vice e versa.²⁶⁹

Isto porque, como observa Queiroz, as metrópoles paulistas, à caráter de exemplo, passaram a ser encaradas como grandes centros de produção por excelência, mas nos perguntamos assim como destes grandes centros se dá a reorganização da produção no meio rural? Materialmente os grandes centros urbanos exigem “tanto uma canalização para elas de importante matéria-prima a ser tratada industrialmente” quanto “uma quantidade de víveres que não podem mais ser fornecidos por sitiantes de agricultura rudimentar”.²⁷⁰ Ainda que nosso debate empírico nos leve para uma questão além desse debate material, temos aqui algo que nos remete a um conceito discutido anteriormente. Quando pensamos na indagação de como algo se dará o movimento dos centros urbanos para outras áreas, recuperamos a discussão referente a como pensamos na difusão de *O Campo e a Cidade* no Brasil, tendo em vista justamente as metrópoles paulistas. Se unirmos ambas as noções de movimento e distribuição do livro, podemos pensar, conjuntamente a Queiroz, que

primeiramente se difundiu no Brasil um gênero de vida, o da sociedade burguesa, a partir de mais ou menos 1820, e antes de entrar o país em verdadeiro processo de industrialização. O novo gênero de vida diferencia a população urbana não apenas segundo níveis econômicos, porém muito mais ainda culturalmente, sendo que as camadas superiores adotam como sinal distintivo o requinte e um arremedo de cultura intelectual. O que é mais, a partir deste momento – julgamos – vida na cidade e vida no campo também passam a diferenciar-se muito em qualquer nível social.²⁷¹

Em primeiro lugar, assim como podemos imaginar, a pesquisadora nos indica que o que está subentendido na sociedade brasileira trata-se de um “gênero de vida” – que em um de seus sentidos associa-se ao entendimento como um produto cultural. Este parece “difundir-se fora do centro social em que se originou, desprendido dos fatores que o fizeram nascer – no caso, o processo de industrialização”, assim o gênero de vida pode emigrar de um tipo de sociedade para outro, adquirindo, por assim dizer, “independência com relação aos fatores que o fizeram surgir”.²⁷² Em segundo lugar, o processo de difusão determina uma transformação das relações entre o campo e a cidade, oriunda da “disparidade de gênero de vida que passa a

²⁶⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., p. 51.

²⁷⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., p. 53.

²⁷¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., p. 57.

²⁷² QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., p. 60.

existir”.²⁷³ Uma separação se opera entre ambos e, no Brasil, emerge “uma ‘civilização citadina’ diretamente influenciada pelas maneiras de ser europeias e distanciadas da ‘civilização rustica’,” ou seja, as cidades de vida metropolitana parecem assumir uma posição de nítida superioridade em relação às outras cidades e ao campo e, os citadinos, passam a se considerar superiores aos homens do campo, mesmo que estes pertençam a níveis econômicos mais elevados.²⁷⁴ O que nos interessa aqui, portanto, é a construção de uma ideia de civilização nacional e o processo de afastamento do campo – ainda que este seja apenas a demarcação de uma divisão entre os dois cenários e não uma afastamento real. Todavia, Queiroz ainda localiza um terceiro fator, sob o qual, com o tardio processo de industrialização no Brasil, o processo de aburguesamento das cidades se torna efetivo, o que faz com que entre os grandes centros citadinos e sua contraparte rural seja estabelecida uma ruptura de valores, ainda que se seja verificável a introdução de transformações técnicas e estruturais no campo e que este esteja ligado a cidade por meios de comunicação modernos e rápidos. É o paradoxo de “isolamento” e do atraso que se constrói em conjunto a uma noção urbanidade nacional, assunto este que não trataremos aqui com afinco, mas que encerram o processo de contraste entre o mundo rural e urbano na década apontado por Queiroz que aqui nos é central.²⁷⁵

Queiroz remonta, por fim, como Gilberto Freyre, muito antes de outros estudiosos, foi atraído pelo estudo deste processo, mostrando como no Brasil, toda produção que envolve o entendimento do rural e o do urbano não foi uma transformação de pensamento, mas sim que “houve uma adaptação”. Isto porque, mesmo com a sociedade processualmente tornando-se urbana, não ocorreram mudanças da forma, da estrutura ou dos valores, e, sobretudo, não tivemos uma identidade sociocultural substituída por outra, pelo contrário, presenciamos que os “valores, as instituições, os costumes não se modificam, mas se ajustam ao novo habitat” de mudanças na organização do universo urbano, em que “da leitura de seu segundo trabalho, *Sobrados e Mucambos*, depreende-se que não está analisando uma transformação, e sim uma adaptação de modo de vida”.²⁷⁶ Localizado em fins do século XVIII e início do século XIX esta adaptação indica, para Freyre, que há, então, uma continuidade entre o meio rural e o meio urbano no processo de “urbanização” brasileiro, do ponto de vista socioeconômico. Não estamos diante de realidades culturais opostas que se destroem mutuamente, porém de realidades ligadas por uma dialética da imanência recíproca.²⁷⁷

²⁷³ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., p. 60.

²⁷⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., pp. 60-61.

²⁷⁵ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit., p. 61.

²⁷⁶ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit. p. 294

²⁷⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit. p. 295

A constatação da existência de uma “dialética dos contrários” entre produção rural e a incipiente industrialização brasileira, no século XVIII e início do século XIX, indica “a variação dos processos dialéticos através do tempo”, tempos este não somente social e econômico, mas também cultural. Sabendo assim que Maria Isaura muito aproxima-se da produção conceitual de Candido e que opera por Gilberto Freyre, entre outros autores, nos resta entender mais sobre a autora. Queiroz, em sinergia a Candido e Freyre, localiza o início da “sociologia rural no momento em que o campo se despoeva em benefício das cidades, estas adquirindo então uma importância numérica crescente que acompanha a complexidade interna crescente dos empregos”.²⁷⁸ Mas, continua a autora, a “industrialização em curso em São Paulo e adjacências, a partir de 1950, mais ou menos, não se estaria instalando um novo tipo de relacionamento entre cidade e campo?”²⁷⁹ De modo que a região industrializada, aqui entendida como o Sudeste, age então como centro integrado que vai progressivamente articulando as outras regiões do país, sendo possível ver seus frutos, desde o fim do século XIX.²⁸⁰

Com a retomada de Freyre por Queiroz temos assim um recorte temporal bastante significativo e concluímos um ciclo referente ao ambiente cultural e intelectual que antecede a tradução de *O Campo e a Cidade*. Conseguimos percorrer desde a década de 1930, objeto de observação de Gilberto Freyre que culminaram em livros do autor nas décadas de 1950 e 1960, passando pelas produções de Antonio Candido ao longo desse mesmo período até chegarmos, finalmente, a Maria Isaura Pereira de Queiroz com seus estudos e a fundação do Centro de Estudos Rurais e Urbanos – CERU da Universidade de São Paulo, em 1964, que têm por finalidade o livro *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*, em 1978.

Procuramos evidenciar, deste modo, que em solo brasileiro as discussões referentes ao campo e à cidade sempre estiveram presentes como uma característica, como uma cicatriz de nossos processos mais antigos de formação daquilo que podemos chamar de sociedade brasileira, criando assim um ambiente intelectual que favoreceu o momento oportuno da tradução de *O campo e a Cidade*, após uma longa trajetória de produções centradas na temática que dá título ao livro.

²⁷⁸ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit. p. 264.

²⁷⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit. p. 289.

²⁸⁰ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. Op. cit. p. 293.

3.2 *O Campo e a Cidade* no Sudeste e o processo de difusão do livro

Novamente iremos evocar o nome de Franco Moretti para tratarmos de nosso problema. Ao estudar o caso brasileiro, nas últimas páginas de *Atlas do romance europeu*, Moretti se utiliza de Schwarz para descrever como nosso processo de elaboração e circulação de impressos apresenta uma característica de “ ‘molde europeu’ e ‘matéria local’.”²⁸¹ Em relação ao romance, “a forma vem do centro e permanece inalterada; enquanto os detalhes são deixados livres para variar de lugar para lugar”, ou seja, “à medida que um romance histórico se difunde pela Europa e depois pelo mundo, seu *enredo* permanece constante (e ‘britânico’) – enquanto suas personagens mudam (e se tornam locais)”. Temos ciência de que não tratamos aqui de um romance histórico, mas gostaríamos, ainda assim, de partir da assertiva de Moretti e, em alguma medida de Schwarz para ficarmos próximos de nosso contexto brasileiro.

Quando pensamos em *O Campo e a Cidade* sob a chave que Moretti nos apresenta até poderíamos pensar em sua temática com a “solidez da hegemonia simbólica (uma forma inalterada que se difunde pelo globo)”, acompanhada de uma estrutura com mais “flexibilidade (detalhes, que mudam com cada lugar diferente, tornam a forma reconhecível e atraente para cada público nacional).”²⁸² Nesses termos, ainda utilizando-se de Schwarz, Moretti continua a falar sobre o contexto brasileiro: “Eis o nosso problema que torna: importávamos um molde, cujo efeito involuntário é dar às idéias estatuto e horizonte [...] em desacordo com o que a vida brasileira lhes conferia”²⁸³

Poderíamos então pensar e entender a circulação de *O Campo e a Cidade* no Brasil por esses termos, mas, tendo em vista o apreendido até aqui quanto ao ambiente cultural brasileiro preformado sobre o debate em torno do problema do rural e do urbano, sabemos que não se trata de um “molde europeu” a ser introduzido no Brasil, mas sim de um livro que encontrou um ambiente propício à sua tradução, recepção e circulação. Quando citamos anteriormente a existência de uma aproximação comparativa entre a produção de Williams e as produções brasileiras das décadas centrais do século XX apresentadas por estudiosos e pesquisadores brasileiros, procuramos introduzir como os cenários rurais e urbanos têm uma geografia literária que nos ajuda a pensar um mapa imagético da cultura intelectual no país. Para a construção desse mapa imagético precisamos, de partida, retomar alguns enunciados que trouxemos na discussão referente à ambiência cultural brasileira.

²⁸¹ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 203.

²⁸² MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 203.

²⁸³ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 204.

Partindo das conclusões de Maria Isaura Pereira de Queiroz, temos uma centralidade apontada em São Paulo e “suas adjacências” para o entendimento e estudo do rural no Brasil, raciocínio esse que parece ser similar ao de Antonio Candido sobre o estudo do caipira, enquanto uma representação do homem rústico da colonização paulista; a mesma centralidade no Sudeste é observada também por Élide Rugai e Mariana Chaguri ao situar Gilberto Freyre como um expoente de um pensamento social brasileiro que se encontrou difundido principalmente a partir da região Sudeste para todo o país.²⁸⁴

Figura 08 – Distribuição dos exemplares de *O Campo e a Cidade*: região Sudeste



Partindo dos dados provenientes da imagem, podemos então repensar a presença do nosso objeto de estudo. Se observarmos o conjunto da figura, podemos pensar no processo de dispersão dos exemplares de Williams que mencionamos previamente, reimaginando-os agora sob um processo de difusão de uma localidade específica, a do Estado de São Paulo, que detém um número massivo de exemplares de *O Campo e a Cidade*, distribuídos igualmente em um número massivo de acervos. Este estado merece destaque na proporção de livros mapeados, bem como na questão quantitativa de obras de Williams mapeadas, porque existem algumas variáveis que ajudam a explicar a concentração regional do autor: 1) as principais editoras

²⁸⁴ Conferir Élide Rugai Bastos. “Gilberto Freyre e as ciências sociais no Brasil”, In: *Estudos de Sociologia. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE*. Vol. 1 (I), pp. 63-72, 1995.

brasileiras que publicam o autor galês estão localizadas neste estado, com destaque para Editora Unesp e Companhia das Letras; 2) dentre as universidades pesquisadas, a Unesp, Unicamp e USP, mas principalmente esta última, conta com uma das principais referências de estudos sobre Williams no Brasil, a professora Maria Elisa Cevasco; 3) temos também que os acervos de universidades públicas localizados na região sudeste contabilizam sempre um montante superior de exemplares a 35% dos principais livros mapeados de Williams, de modo a deter a maior concentração de livros do autor no cenário brasileiro; 4) no âmbito das universidades públicas mapeadas, as pertencentes ao Sudeste compreendem o conjunto com o maior número de universidades com pelo menos 50 anos de existência.

Sabemos então que o Sudeste se destaca como um possível referencial geográfico para a difusão da obra de Raymond Williams pelo país, mas precisamos avaliar se o mesmo vale pontualmente para *O Campo e a Cidade*. Orientados assim pelos intérpretes dos estudos das ruralidades e urbanidades, temos a premissa de que o Sudeste se apresenta, numericamente, como a região responsável também por centralizar e difundir a temática que aqui mobilizamos. Deste modo, iremos operar, enfim, com as edições de *O Campo e a Cidade* localizadas nessa região. Dos 589 exemplares mapeados em acervos universitários brasileiros, a região Sudeste retém 246 exemplares, que numericamente correspondem a quase metade de todo o volume mapeado nacionalmente.

Tabela 05 – Exemplares de o <i>Campo e a Cidade</i> em Acervos universitários da região Sudeste (1989 – 2019)				
Livro	Idioma	Universidades Públicas	Universidades Privadas	Total
1973	Inglês	4	-	4
1975	Inglês	5	1	6
1989	Português	47	33	80
1990	Português	47	23	70
1993	Inglês	-	-	1
2000	Português	10	1	11
2001	Espanhol	-	-	3
2011	Português	61	8	69
S/I	Português	-	6	6
Total		174	72	246

Quando observamos o mapa da figura 08 precisamos nos lembrar que, visualmente, estamos localizando a distribuição de exemplares por município. Numericamente, isso não é capaz de nos informar quantos acervos estão em cada um dos municípios mapeados, mas

gostaríamos de relembrar os dados referentes a estes acervos. Dos 214 acervos consultados, 89 estão no Sudeste, além de que, dentre os 158 acervos que apresentam obras de Williams, 61 também estão nessa região, e se continuarmos ainda podemos dizer que desses 158 acervos, 149 possuem especificamente exemplares de *O Campo e a Cidade*. Temos que, entre os 246 exemplares de *O Campo e a Cidade*, algumas edições se destacam, localizando-se dados momentos. A primeira situação compreende as edições publicadas em 1989 e 1990, que juntas compreendem 150 exemplares, enquanto a segunda corresponde à edição de bolso lançada em 2011, com 69 exemplares. Quando pensamos nos fatores que aproximam estas edições, temos que estas três são exatamente aquelas publicadas no vernáculo – com exceção da edição de 2000, que parece circular pouco nos acervos consultados, e, portanto, escapa de nosso panorama de observação, tanto no recorte nacional, quanto naquele referente à região Sudeste. Por fim, a despeito da concentração do Sudeste, cabe mencionar que a região Nordeste é a segunda mais expressiva em termos da presença dos livros de Williams no Brasil, e, portanto, iremos apresenta-la conjuntamente aos mapas que iremos introduzir.

Figura 09 – Distribuição dos exemplares das edições de 1989 e 1990 de *O Campo e a Cidade* nas regiões Sudeste e Nordeste

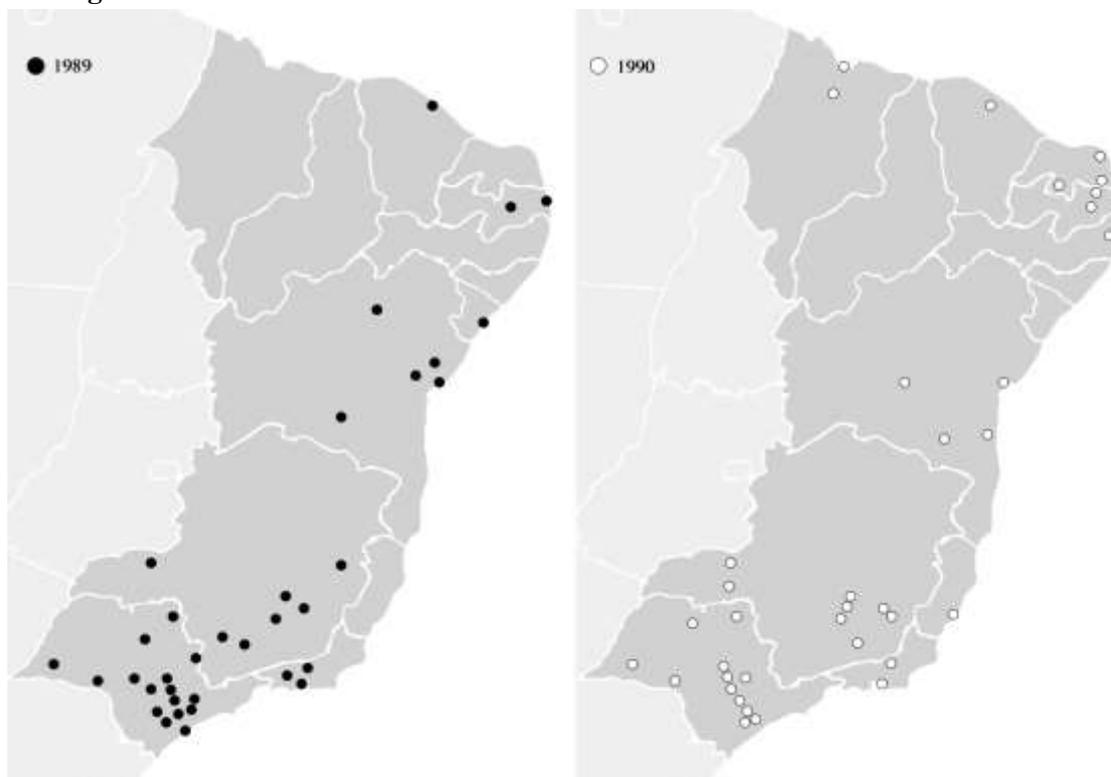
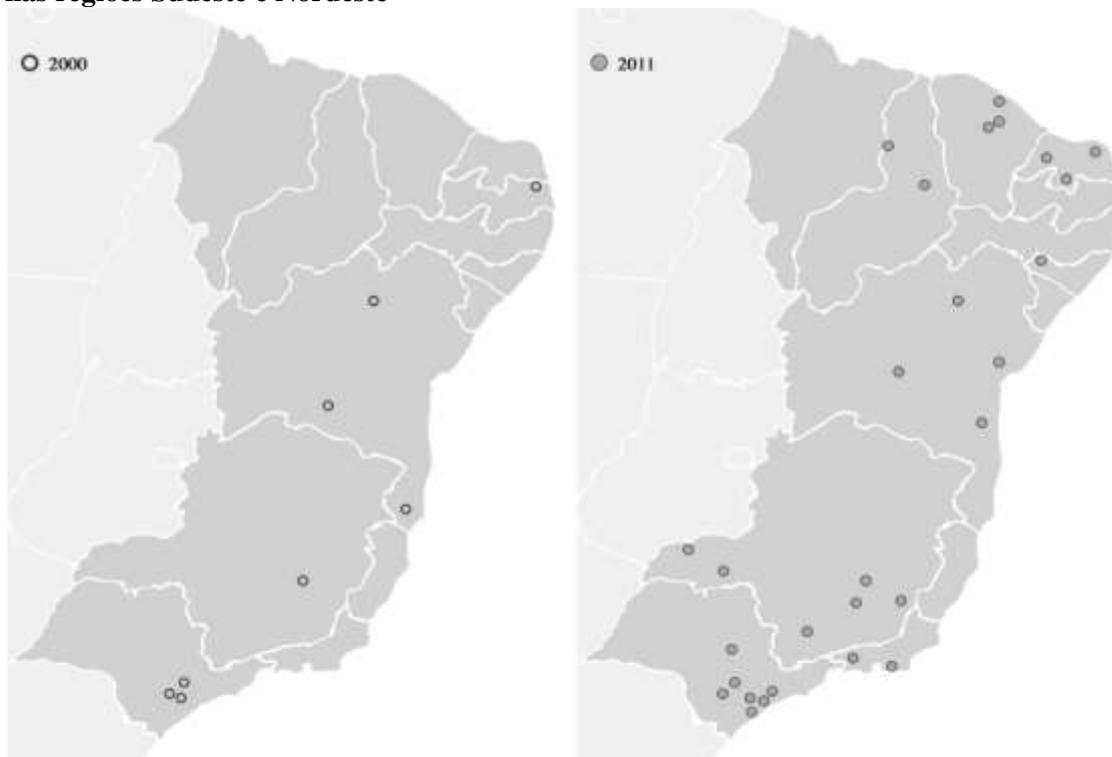


Figura 10 – Distribuição dos exemplares das edições de 2000 e 2011 de *O Campo e a Cidade* nas regiões Sudeste e Nordeste



Através dos mapas podemos notar a evidência de que São Paulo e suas “adjacências” apresentam uma centralidade proposta quando tratamos da concentração de diferentes edições de *O Campo e a Cidade*. Tendo em vista as três edições destacadas, podemos retomar a assertiva de Anderson de que aquilo que é lido por uns, outros também podem ler, numa relação mútua. Podemos assim começar a inferir que a disposição histórica dos livros em dois momentos com cerca de vinte anos de diferença pode ter uma implicação importante no debate referente ao tempo cultural que sugerimos anteriormente. Se nos voltarmos aos dados apresentados, em primeira instância, um número massivo das edições de 1989 e 1990 de *O Campo e a Cidade*. Historicamente, estas edições localizam-se posteriormente cerca de quatro ou cinco décadas das primeiras discussões nacionais sobre o rural e o urbano, porém, encontram-se inseridas em um contexto muito mais amplo: o da reorganização das humanidades em um país basicamente agrário. A dada relação entre as questões nacionais com o campo, em âmbitos políticos, comerciais e emocionais antecede as discussões teóricas das décadas de 1940 e 1950, como observa Gilberto Freyre ao caracterizar as relações sociais e culturais nacionais nos impressos *Casa-Grande e Senzala* e, principalmente, em *Sobrados e Mucambos*, ou ainda com os estudos presentes na coleção “Presença da Literatura Brasileira” e em *Os parceiros do*

Rio Bonito, de Antonio Candido. Esses livros, bem como outros que localizamos na trajetória dos estudos rurais e urbanos no Brasil, avançam no tempo e criam um esboço geral de como os estudos nacionais se organizar, de modo que, o livro de Williams parece chegar até nós quando essa discussão se consolida, de modo que *O Campo e a Cidade* situa-se em nosso tempo cultural como um livro que trata – muito além do contraste entre campo e cidade – de natureza, relações de trabalho, espaços e representações, e que é acolhido no Brasil em um momento de reorganização do pensamento social brasileiro e das humanidades no país, derivados do movimento iniciado por Anísio Teixeira e seus associados em 1960, que trouxe procurou, simultaneamente, estimular produção de um saber para “as humanidades no país” e em alargar o comércio de livros com o enfoque no público universitário.²⁸⁵

Uma vez apresentado um possível panorama para a presença das primeiras edições do livro no Brasil, precisamos ainda discutir sobre a edição de 2011. Teoricamente, a presença desse livro poderia facilmente ser associada a crescente presença de Williams no mercado editorial brasileiro que ocorreu na década de 1970, em especial com a publicação de livros do autor por editoras universitárias. Precisamos, porém, abarcar mais, uma vez que entre a ascensão da editoração de Williams no Brasil em 1970 e a publicação em 2011 de *O Campo e a Cidade* em uma edição de bolso temos quatro décadas de distanciamento temporal. Podemos introduzir um argumento pautado na teoria de que aqueles que tiveram acesso às primeiras edições do livro em português, também foram os primeiros a lê-lo e a estabelecer trabalhos e produções que colocassem *O Campo e a Cidade* em diálogo a autores brasileiros. De modo que, três décadas depois, estes primeiros leitores, somados aos intérpretes daqueles que foram responsáveis por principiar os estudos rurais e urbanos no país, vieram a compor uma linhagem interpretativa de Williams no Brasil, que faz circular a obra do autor galês nos acervos universitários, em especial de *O Campo e a Cidade*, como importante para esses estudos. E, quando pensamos sobre essa circulação, não deveria ela gerar resultados? Esperamos que sim, e os resultados da presença de uma obra associada a uma linhagem interpretativa nos espaços universitários pode ser vista através de sua presença em produções acadêmicas. Deste modo, uma vez que mostramos como Williams se faz presente no cenário acadêmico do Sudeste, nos resta avaliar sua presença nas produções acadêmicas.

O que parecia, então, um caminho, veio a se tornar um novo problema de percurso. Temos, no Brasil, 112 acervos contendo *O Campo e a Cidade*, e no Sudeste, 46. A escolha de efetuarmos o recorte por uma amostragem do Sudeste parecia a mais sensata, mas encontramos

²⁸⁵ PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. Op. cit., p. 09

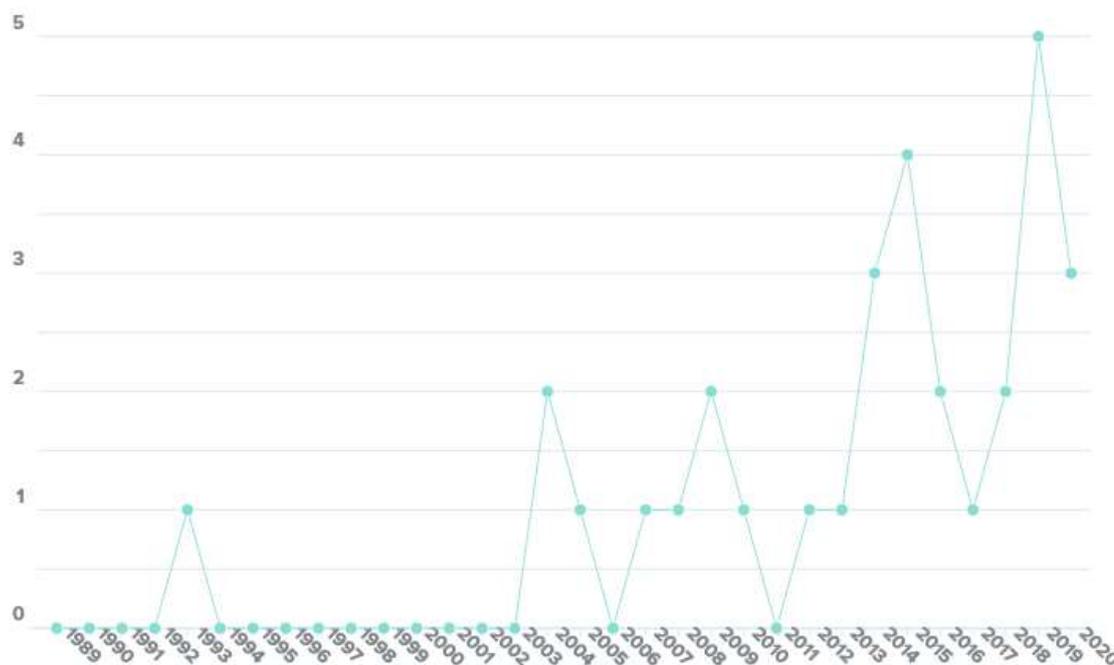
uma incógnita: para a seleção dos acervos, deveríamos escolher aqueles com mais obras de Williams ou somente aqueles com o maior número de *O Campo e a Cidade*? Se escolhêssemos o primeiro, poderíamos acabar por um recorte quantitativamente expressivo, mas qualitativamente pobre; se escolhêssemos o segundo, poderíamos ter uma amostra com menos variação em relação as obras contidas ali, mas mais concentrada. Com o impasse posto, optamos por intermediá-lo procurando um equilíbrio entre o qualitativamente melhor, e o quantitativamente expressivo. Por fim, a escolha foi de operarmos com os acervos que, concomitantemente, apresentavam, ao menos, 100 exemplares de livros de Raymond Williams, mas que também possuísem, no mínimo, 20 exemplares de *O Campo e a Cidade*.

Tabela 06 – Produções acadêmicas que apresentam Raymond Williams nas referências bibliográficas – UNICAMP, USP e UNESP (1989-2020)			
Produção Acadêmica	Obra de Williams nas ref. Bibliog.	Obra de Williams como objeto central	<i>O Campo e a Cidade</i> nas ref. Bibliog.
Trabalho de conclusão de curso	10	1	4
Dissertação	81	2	12
Tese	47	3	16
Artigo	41	7	5
Outros	2	1	-
TOTAL	181	14	37

Referente às produções acadêmicas em que pudemos confirmar a presença de *O Campo e a Cidade* presente no texto ou nas referências bibliográficas, nos é interesse também checar de quais lugares tais produções são expedidas.²⁸⁶ Deste modo não precisamos aqui de outra tabela ou gráfico ou representação visual para afirmar que as produções mapeadas correspondem, majoritariamente, aos programas de história, ciências sociais, geografia, filosofia, letras, educação. Enfim, as produções estão localizadas nos institutos que sediam disciplinas de humanidades, como já havíamos imaginado quando discutimos as linhagens interpretativas sob as quais as obras e o pensamento de Raymond Williams passaram a circular nos espaços brasileiros.

²⁸⁶ Foram averiguadas as produções acadêmicas disponibilizadas nos bancos de dados online das universidades consultadas. 1) UNICAMP: <http://acervus.unicamp.br/>; www.sbu.unicamp.br 2) USP: <https://teses.usp.br/>; <http://www.tcc.sc.usp.br/>; <https://www5.usp.br/>; 3) UNESP: <https://repositorio.unesp.br>.

Figura 11 – Distribuição temporal de produções acadêmicas que apresentam *O Campo e a Cidade* nas referências bibliográficas – UNICAMP, USP e UNESP (1989-2020)



Graficamente, com exceção de um artigo em 1993, temos os primeiros trabalhos começando no ano de 2003, progredindo gradualmente, até termos, coincidentemente, um pico em 2019, três décadas após a tradução do livro no Brasil. Os dados apresentados seguem dois caminhos: são constantes a partir de 2003, mas por outro lado, são modestos. E por “modestos” queremos dizer que, entre os 181 trabalhos identificados e mapeados, apenas 37 apresentam usos de *O Campo e a Cidade*, mas não apenas isso, sendo que apenas dois têm o livro como principal no debate apresentado. Dado assim nosso número constante e modesto de produções encontradas, podemos nos perguntar se “isto é tudo? Réplicas ‘mal-resolvidas’ de alguns modelos bem-sucedidos em todo o mundo?”²⁸⁷ Fazendo de Moretti nossas indagações referentes aos dados, uma vez que essa passagem também faz menção a produção brasileira. E, felizmente podemos afirmar que, na realidade estas não são réplicas de um modelo, e, ao contrário do que questiona Moretti, muito menos são “mal-resolvidas”. O número de produções não muito expressivo também nos conta algo: a autonomia brasileira nas produções acadêmicas em relação ao uso de influências, em particular, de *O Campo e a Cidade*. Isto porque, mesmo com a formação de uma tradição que comunica sobre o campo e a cidade no Brasil, o livro *O*

²⁸⁷ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 206.

Campo e a Cidade aparece não como central no debate, mas sim inserido numa perspectiva ligada às universidades e humanidades no Brasil.

“Até agora, é o cenário que já conhecemos”, diria Moretti operando novamente os textos de Roberto Schwarz sobre o romance no Brasil, mas “a dissonância entre a realidade brasileira e as idéias europeias [...] é o modo, também, de indicar o alcance mundial que têm e podem ter nossas esquisitices nacionais”²⁸⁸, e conclui que “dentro de seu próprio atraso histórico, o país impunha ao romance burguês um quadro mais complexo”²⁸⁹. Aqui Moretti repete o trecho “dentro de seu próprio atraso histórico” e o enfatiza, para referir-se a como as produções brasileiras – que aqui entendemos como sendo não exclusivamente produções literárias – possuem um padrão de “atraso”. E a ideia de atraso está associada sempre a uma ideia de tempo. Aqui, como tratamos de um atraso associado ao tempo cultural brasileiro, trataremos também um outro autor brasileiro, novamente Silviano Santiago para discutir essa ideia. Sob a visão de Santiago o atraso é algo inerente à discussão da história nos trópicos. Entretanto, precisamos contrastar os dois autores e suas visões de atraso: enquanto Schwarz situa o atraso em seu texto “Ideias fora do lugar”, Santiago localiza o mesmo em “Os abutres”; ambos tratam discutem o lugar das produções e do discurso latino-americano na história e no tempo, mas encontramos ressalvas bastante pessoais de cada autor. Na transcrição de Moretti, temos em Schwarz que o atraso existe, e em alguma medida é desgostoso reconhecer esse atraso, porque temos o direcionamento que esse atraso em relação à cultura estrangeira é o que confere alguma identidade à literatura brasileira e seus impressos; por outro lado, em Santiago encontramos uma outra nação de atraso do tempo que, em nossa leitura, muito se parece com o que gostaríamos de chamar de um delongar do tempo cultural. e aqui, gostaríamos de caminhar para o encerramento de nossa discussão relacionando esse “delongar” também a nosso entendimento da presença de *O Campo e a Cidade* nos acervos universitário brasileiros.

O que podemos observar referente à presença das obras de Raymond Williams no cenário nacional, em especial das bibliotecas consultadas e dos usos de *O Campo e a Cidade* no Brasil aproxima-se, assim, da ação de “delongar” nosso tempo cultural. Quando remontamos a trajetória da recepção de Williams no Brasil, temos, cronologicamente grandes nomes dos estudos da sociedade rural brasileira destacados, como Gilberto Freyre, Antonio Candido Sergio Buarque de Holanda publicando entre os anos de 1940, 190 e 1960. Após esse período, e diretamente relacionado a ele, temos então uma bifurcação: situamos primeiro Maria Isaura Pereira de Queiroz e seus estudos associados a uma sociologia do rural – ligada a Antonio

²⁸⁸ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 206.

²⁸⁹ MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. Op. cit. p. 206.

Candido – e a fundação do Centro de Estudos Rurais e Urbanos na Universidade de São Paulo em 1964; enquanto isso, nesta mesma década, temos também a formação de uma linhagem interpretativa de Williams no Brasil por Anísio Teixeira em 1969, com a tradução de *Cultura e Sociedade*. Esses dois movimentos culminam por fim na formação de uma tradição editorial que já comunicava sobre o rural e o urbano, derivada dos primeiros estudos sobre essa temática, e que encontram, felizmente, uma tradição editorial focada em Williams decorrente das ações de Anísio Teixeira e seus associados. E aqui evidenciamos em nosso estudo um destaque à região Sudeste já na virada do século, em especial à São Paulo e suas adjacências, ao a encarmos como um ponto de difusão ao demonstrar como esta acaba por fazer circular nacionalmente os estudos de Freyre a Candido, os impressos oriundos das editoras universitárias paulistas, os estudos centrados em Williams, e, principalmente, por reter um número massivo de exemplares de *O Campo e a Cidade*.

“O texto fala a linguagem de nosso tempo”²⁹⁰, diria Silviano Santiago. E esse nosso tempo é o que dissemos que se “delonga”. As discussões referentes a campo e cidade surgiram no corpo acadêmico brasileiro há muito tempo, datam de quase cem anos, e continuam contemporâneos, e por isso falamos em “delongar”, uma vez que em quase um século temos no Brasil a construção, consolidação e manutenção de uma estrutura que continua ativa no corpo acadêmico brasileiro. Como poderíamos assim falar em um atraso, se o mesmo debate elaborado por Raymond Williams em *O Campo e a Cidade* também é encontrado no Brasil em um período de tempo similar? Sem dúvida reconhecemos a genialidade e o esforço presentes em *O Campo e a Cidade*, e a capacidade do livro de circular para além-mar, mas, ao cruzar a “fronteira brasileira” o livro passou a compor nosso tempo cultural, bastante característico. Quando o assunto é Raymond Williams e seu livro *O campo e a cidade*, a fronteira é puramente convencional, pois não há “barreira para os estranhos”, pelo menos é isso que os mapas de circulação de sua obra pelas universidades denotam: sempre existiu aqui um ambiente intelectual favorável e versado sobre a temática de o campo e a cidade, assentado em uma estrutura composta por autores consagrados que continua presente por seus intérpretes e novos nomes.

²⁹⁰ SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Op. cit. p. 21

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a pesquisa, foram consultados 214 acervos públicos e privados. O objetivo foi verificar se havia uma confirmação inicial da presença de produções de Williams no Brasil, e como se dava a disposição dessas. Numericamente, encontramos 2846 livros do autor divididos entre diferentes edições e idiomas. Particularmente sobre nosso objeto de pesquisa, o livro *O Campo e Cidade*, foram encontrados 586 exemplares, sendo 516 em português. Ao introduzirmos os livros que se destacam pelo volume encontrado, pudemos construir uma análise desses títulos e foi possível indicar sob qual configuração *O Campo e a Cidade* se faz presente nos acervos consultados, de forma a compor uma possível tradição interpretativa do autor. Para discutir essa possível formação, apresentamos como as ideias de Williams passaram a integrar diferentes tradições interpretativas que, de forma direta ou indireta, convergiram para os espaços universitários nacionais. Se, por um lado, a recepção das primeiras obras de Williams no Brasil foram decisivas para a formação de uma fração de um mercado editorial preocupado com a publicação do autor, por outro, esse movimento foi o responsável pela entrada do livro *O Campo e a Cidade* nos espaços universitários.

A presença massiva de exemplares de *O Campo e a Cidade* nos acervos consultados nos permitiu inferir que a mesma configura uma tradição interpretativa do autor em que esse livro ocupa papel central no acordo das questões de rural e urbano em trabalhos nacionais. Para isso, nos atentamos, inicialmente, na produção conceitual de Williams em *O Campo e a cidade*, de modo que a pesquisa proveniente das produções intelectuais do autor forneceu argumentos para elaboração textual de um panorama geral sobre a discussão acerca da análise de como o campo e a ideia de Natureza tem papel de destaque na produção do autor e de relação direta com a noção de cultura. Apresentamos como Williams, ao mobilizar questões históricas e literárias, evidencia uma “tradição seletiva” literária e uma “estrutura de sentimento” que têm com um dos eixos centrais o sentido de natureza. Feito isso, procuramos estabelecer um vínculo entre os significados de natureza trabalhados por Williams e as experiências históricas as quais se referem, bem como também procuramos colocar em evidência como estes significados dialogam com outras ideias que são centrais na obra do autor, tais como “industrialização”, “civilização” e “cultura”. Especialmente sobre a relação entre Natureza e cultura, elaboramos uma analogia para discutir como essa é observada na obra de Williams, o que nos permitiu operar por meio da construção de uma imagem cíclica, a qual coloca em evidência como o fato real e observável – a realidade, com a ação de discussão e registro – ação de indivíduos – se

torna um fato histórico e, posteriormente, temos o residual do fato inicial mantido no tecido literário sob a forma palavras e representações.

Tal analogia não se limita apenas ao estudo de Williams sobre o sentido de Natureza e suas abstrações na Inglaterra como mostramos ao discorrer a trajetória dos estudos nacionais que se focam na temática de campo e cidade que vieram a compor um ambiente intelectual favorável para a tradução de *O Campo e a Cidade* no Brasil. Essa mesma analogia é aplicável também a nosso contexto no Brasil, guardadas as devidas proporções. Quando tratamos da temática que toca no estudo do conceito de Natureza ou de campo e cidade, encontramos nos estudos brasileiros um modo de fazê-lo que é particularmente nosso, colocando em evidência a passagem da centralidade rural para a urbano, mas reconhecendo que nossa sociedade se mantém sob influência do mundo rural, sendo agrária mesmo após a transição de foco. Para isso, passamos de Gilberto Freyre a Antonio Candido, de Candido à Maria Isaura Pereira de Queiroz e caminhamos até Élide Rugai Bastos. Quando o livro é traduzido em 1989, já tínhamos aqui um debate e um campo de estudo constituído em torno da temática do rural e do urbano, de modo que Raymond Williams e *O Campo e a Cidade* encontraram no contexto universitário nacional um debate conveniente em um ambiente preformado, do mesmo que, já nas décadas de 2000 e 2010 o que havia no cenário brasileiro eram os intérpretes e estudiosos dessa temática, mantendo a mesma estrutura que vimos sendo formada ainda nas décadas de 1950 e 1960, sendo a importância desta não para a apropriação de *O Campo e a Cidade*, mas sim para a construção de ambiente favorável à presença e circulação de Williams no Brasil, tendo em vista a temática de sua obra aqui estudada. Por fim, temos os trabalhos, pesquisas e produções discentes e docentes que se utilizam da obra de Raymond Williams, e nos resta dizer que estas são, muitas vezes, aquelas que se utilizam de *O Campo e a Cidade* como referência, mas que dificilmente o tem como objeto central ou como principal referência.

Como diz Williams, “sempre esteve bem evidente esta ligação entre a terra da qual extraímos nossa subsistência, e as realizações da sociedade humana” e o que encaramos aqui é exatamente isso. Temos a “terra” de qual extraímos nossa subsistência sendo também o “campo” de estudos que recepciona Williams e o insere numa temática mais ampla e já consistente de estudos brasileiros sobre rurais e urbanos. A pesquisa referente a presença e uso de *O Campo e a Cidade* no Brasil nos leva a confirmar que o livro, em alguma medida, circulou e ainda circula nos espaços universitários, mas que não apresenta uma centralidade e tão pouco compôs um campo de estudo em torno de sua temática, uma vez que a mesma já é comum para nós. O que podemos confirmar, portanto, é que *O Campo e a Cidade* se mostra massivamente presente no Brasil por ser traduzido em momento oportuno em que já possuímos um ambiente

intelectual e cultural propício à sua recepção, e encerramos reconhecendo a importância desse autor ao colocar em evidência novas referências para se pensar o problema do rural e do urbano, assunto este tão comum em nossos estudos nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BASTOS, Élide Rugai. “Gilberto Freyre e as Ciências Sociais no Brasil”. In: *Estudos de Sociologia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, Vol 1 (I), pp. 63-72, 1995;
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 6. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CANDIDO, Antonio. *Parceiros do Rio Bonito*. 11ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1987
- CAMPOS, M. C. *Maria Isaura Pereira de Queiroz, a socióloga que tentou decifrar o Brasil*. Cadernos CERU, v. 30, n. 1, p. 395-442, 5 jun. 2019.
- CHAGURI, Mariana; BASTOS, Élide Rugai. “A atualidade do rural”. In: *Lua Nova*, São Paulo, 95:13-26, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ln/n95/0102-6445-ln-95-00013.pdf>
- CEVASCO, Maria Eliza. *As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Leitura: revista da pós-graduação em letras e linguística – UFAL*. n. 22 – Literatura, cultura e sociedade. 1998
- CEVASCO, Maria Elisa. *Para ler Raymond Williams*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina*. São Paulo: Hucitec, Ed. da Universidade de São Paulo, 1996.
- ELIAS, Norbert. *Os alemães. A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Organização de M. Schroeter. Rio de Janeiro, Zahar. 1997.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1996. p. 32
- GIBLETT, Rod. Nature is ordinary too. *Cultural Studies*, v. 26:6, p. 922-933. 2012. Disponível em: https://ro.ecu.edu.au/cgi/viewcontent.cgi?article=1486&context=ecu_works2012.
- LEVI-STRAUSS, Claude. “Natureza e Cultura”. In: *As estruturas elementares do parentesco*. Ed. Vozes. 1976.
- MOLL NETO, Roberto. *A Nação como "comunidade imaginada" nas relações internacionais: o caso das narrativas sobre o papel dos Estados Unidos diante da revolução da Nicarágua e da guerra civil em El Salvador nos anos 1980*. Revista tempo do mundo – rtm, v. 3, n. 1, jan. 2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/7387>
- MORETTI, Franco. *Atlas do romance europeu – 1800-1900*. São Paulo: Editora Boitempo. 2003.

- PAIXÃO, Alexandro Henrique. *Linhagens interpretativas e cesuras epistemológicas no pensamento social brasileiro sobre Raymond Williams*. 42º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS. 2018. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt23-24/11308-linhagens-interpretativas-e-cesuras-epistemologicasno-pensamento-social-brasileiro-sobre-raymond-williams/file>> Acesso em 09 dez. 2018.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil*. São Paulo, LCT/EDUSP, 1978
- RIVETTI, Ugo Urbano Casares. *Crítica e modernidade em Raymond Williams*. 2015. Dissertação de Mestrado - Universidade de São Paulo (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas São Paulo. p. 106.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000
- SANTOS, R. J., & Barros, L. F. (2013). A poética do espaço: a escrita e a produção da paisagem dos verdes carnaubais assuenses (1950 - 1970) DOI: 10.5965/2175180305092013102. *Revista Tempo E Argumento*, 5(9), 102 - 133.
- SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- THOMAS, Keith. *O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500 – 1800)*. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. *A política e as letras*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- WILLIAMS, Raymond. *Communications*. London UK: Pelican Book 2º, 1966.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade: de Coleridge a Orwell*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- WILLIAMS, Raymond. *O Campo e a Cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhias das Letras, 2000.
- WILLIAMS, Raymond. *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança: cultura, democracia, socialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- WILLIAMS, Raymond. Prefácio, In: JORDANOVA. Ludmilla. (ed.) *Languages of Nature. Critical Essays on Science and Literature*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1986.
- WINNICOTT, Donald. “A localização da experiência cultural”. In: *O brincar e a realidade*. Imago: Rio de Janeiro, 1975, p. 138.

APÊNDICE – Dados Provenientes da Pesquisa

a. Acervos universitários consultados

ACERVOS UNIVERSITÁRIOS PÚBLICOS CONSULTADOS

NORDESTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	FUND.
Universidade Federal de Alagoas	UFAL	Alagoas	1961
Universidade Federal da Bahia	UFBA	Bahia	1946
* Universidade Federal do Oeste da Bahia	UFOB	Bahia	2014
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia	UFRB	Bahia	2006
* Universidade Federal do Sul da Bahia	UFSB	Bahia	2011
Universidade Federal do Cariri	UFCA	Ceará	2013
Universidade Federal do Ceará	UFC	Ceará	1954
Universidade Federal da Lusofonia Afro-Brasileira	UNILAB	Ceará Bahia	2010
Universidade Federal do Maranhão	UFMA	Maranhão	1956
Universidade Federal da Paraíba	UFPB	Paraíba	1955
Universidade Federal de Campina Grande	UFCG	Paraíba	2002
Universidade Federal de Pernambuco	UFPE	Pernambuco	1946
* Universidade Federal Rural de Pernambuco	UFRPE	Pernambuco	1947
Universidade Federal do Vale do São Francisco	UNIVASF	PE / BA / PI	2002
Universidade Federal do Piauí	UFPI	Piauí	1971
Universidade Federal do Rio Grande do Norte	UFRN	Rio Grande do Norte	1958
Universidade Federal Rural do Semi-Árido	UFERSA	RN	1968
Universidade Federal de Sergipe	UFS	Sergipe	1963
* Universidade Estadual de Alagoas	UNEAL	Alagoas	1970
* Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas	UNCISAL	Alagoas	1975
Universidade do Estado da Bahia	UNEB	Bahia	1983
Universidade Estadual de Feira de Santana	UEFS	Bahia	1968/1976
Universidade Estadual de Santa Cruz	UESC	Bahia	1991
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia	UESB	Bahia	1980
Universidade Estadual do Ceará	UECE	Ceará	1975
Universidade Estadual Vale do Acaraú	UVA	Ceará	1968
* Universidade Regional do Cariri	URCA	Ceará	1986

Universidade Estadual do Maranhão	UEMA	Maranhão	1987
* Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão	UEMASUL	Maranhão	2016
Universidade Estadual da Paraíba	UEPB	Paraíba	1966
* Universidade de Pernambuco	UPE	Pernambuco	1966
* Universidade Estadual do Piauí	UESPI	Piauí	1985
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte	UERN	Rio Grande do Norte	1968

NORTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	FUND.
Universidade Federal do Acre	UFAC	Acre	1970
Universidade Federal do Amapá	UNIFAP	Amapá	1990
Universidade Federal do Amazonas	UFAM	Amazonas	1909
Universidade Federal do Oeste do Pará	UFOPA	Pará	2009
Universidade Federal do Pará	UFPA	Pará	1957
* Universidade Federal Rural da Amazônia	UFRA	Pará	2002
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará	UNIFESSPA	Pará	2013
Universidade Federal de Rondônia	UNIR	Rondônia	1982
Universidade Federal de Roraima	UFRR	Roraima	1989
Universidade Federal do Tocantins	UFT	Tocantins	1984
* Universidade do Estado do Amapá	UEAP	Amapá	2006
Universidade do Estado do Amazonas	UEA	Amazonas	1973
* Universidade do Estado do Pará	UEPA	Pará	1993
Universidade Estadual de Roraima	UERR	Roraima	2005
* Universidade do Tocantins	UNITINS	Tocantins	1990

CENTRO-OESTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	FUND.
Universidade de Brasília	UnB	Distrito Federal	1962
Universidade Federal de Goiás	UFG	Goiás	1960
Universidade Federal de Catalão ²⁹¹	UFCat	Goiás	2018
Universidade Federal de Jataí ²⁹²	UFJ	Goiás	2018
Universidade Federal de Mato Grosso	UFMT	Mato Grosso	1970
Universidade Federal de Rondonópolis ²⁹³	UFR	Mato Grosso	2018
Universidade Federal da Grande Dourados	UFGD	Mato Grosso do Sul	2005
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul	UFMS	Mato Grosso do Sul	1979

²⁹¹ Desmembramento da UFG - Ainda sem acervo próprio/atualizado

²⁹² Desmembramento da UFG - Ainda sem acervo próprio/atualizado

²⁹³ Acervo compartilhado UFMT

* Universidade Aberta do Distrito Federal	FUNAB/UnADF	Distrito Federal	1992/2013
Universidade Estadual de Goiás	UEG	Goiás	1999
Universidade do Estado de Mato Grosso	UNEMAT	Mato Grosso	1978
* Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul	UEMS	Mato Grosso do Sul	1990

SUL			
NOME	SIGLA	UN. FED.	FUND.
Universidade Federal da Integração Latino-Americana	UNILA	Paraná	2010
Universidade Federal do Paraná	UFPR	Paraná	1912
Universidade Tecnológica Federal do Paraná	UTFPR	Paraná	2005
* Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre	UFCSPA	Rio Grande do Sul	1953
Universidade Federal de Pelotas	UFPEl	Rio Grande do Sul	1969
Universidade Federal de Santa Maria	UFSM	Rio Grande do Sul	1960
* Universidade Federal do Pampa	UNIPAMPA	Rio Grande do Sul	2008
Universidade Federal do Rio Grande	FURG	Rio Grande do Sul	1969
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	UFRGS	Rio Grande do Sul	1934
Universidade Federal de Santa Catarina	UFSC	Santa Catarina	1956
Universidade Federal da Fronteira Sul	UFFS	SC / RP / RS	2009
Universidade Estadual de Londrina	UEL	Paraná	1970
Universidade Estadual de Maringá	UEM	Paraná	1969
Universidade Estadual do Paraná	UNESPAR	Paraná	2001
Universidade Estadual de Ponta Grossa	UEPG	Paraná	1969
Universidade Estadual do Centro-Oeste	UNICENTRO	Paraná	1990
Universidade Estadual do Norte do Paraná	UENP	Paraná	2006
Universidade Estadual do Oeste do Paraná	UNIOESTE	Paraná	1987
* Universidade Estadual do Rio Grande do Sul	UERGS	Rio Grande do Sul	2001
Universidade do Estado de Santa Catarina	UDESC	Santa Catarina	1965

SUDESTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	FUND.
Universidade Federal do Espírito Santo	UFES	Espírito Santo	1954
Universidade Federal de Alfenas	UNIFAL	Minas Gerais	2005
* Universidade Federal de Itajubá	UNIFEI	Minas Gerais	2002
Universidade Federal de Juiz de Fora	UFJF	Minas Gerais	1960
Universidade Federal de Lavras	UFLA	Minas Gerais	1908

Universidade Federal de Minas Gerais	UFMG	Minas Gerais	1927
Universidade Federal de Ouro Preto	UFOP	Minas Gerais	1969
Universidade Federal de São João del-Rei	UFSJ	Minas Gerais	1953
Universidade Federal de Uberlândia	UFU	Minas Gerais	1957
Universidade Federal de Viçosa	UFV	Minas Gerais	1926
Universidade Federal do Triângulo Mineiro	UFTM	Minas Gerais	1953
* Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri	UFVJM	Minas Gerais	2005
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro	UNIRIO	Rio de Janeiro	1979
Universidade Federal do Rio de Janeiro	UFRJ	Rio de Janeiro	1920
Universidade Federal Fluminense	UFF	Rio de Janeiro	1960
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	UFRRJ	Rio de Janeiro	1943
Universidade Federal de São Carlos	UFSCar	São Paulo	1968
Universidade Federal de São Paulo	UNIFESP	São Paulo	1994
Universidade Federal do ABC	UFABC	São Paulo	2005
Universidade do Estado de Minas Gerais	UEMG	Minas Gerais	1989
Universidade Estadual de Montes Claros	UNIMONTES	Minas Gerais	1962
Universidade do Estado do Rio de Janeiro	UERJ	Rio de Janeiro	1950
* Universidade Estadual da Zona Oeste	UEZO	Rio de Janeiro	2005
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro	UENF	Rio de Janeiro	1991
Universidade de São Paulo	USP	São Paulo	1934
Universidade Estadual de Campinas	UNICAMP	São Paulo	1962
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"	UNESP	São Paulo	1976
Universidade Virtual do Estado de São Paulo ²⁹⁴	UNIVESP	São Paulo	2012
* Faculdade de Medicina de Marília	FAMEMA	São Paulo	1966
* Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto	FAMERP	São Paulo	1968
Faculdade de Tecnologia de São Paulo	FATEC	São Paulo	1969

* acervos que não possuem livros de Raymond Williams em sua base *online* ou não possuem acesso online ao acervo temporariamente.

²⁹⁴ Acervo compartilhado da UNESP

ACERVOS UNIVERSITÁRIOS PRIVADOS CONSULTADOS

NORDESTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	CATEGORIA
Universidade Católica do Salvador	UCSAL	BA	Sem Fins Lucrativos
Universidade Salvador	UNIFACS	BA	Com Fins Lucrativos
Universidade de Fortaleza	UNIFOR	CE	Sem Fins Lucrativos
* Universidade CEUMA	CEUMA	MA	Sem Fins Lucrativos
Universidade Católica de Pernambuco	UNICAP	PE	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Potiguar	UNP	RN	Com Fins Lucrativos
Universidade Tiradentes	UNIT	SE	Com Fins Lucrativos

NORTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	CATEGORIA
* Universidade Nilton Lins	UNILTONLINS	AM	Sem fins lucrativos
* Universidade da Amazônia	UNAMA	PA	Com Fins Lucrativos
Universidade Luterana do Brasil	ULBRA	RS	Sem Fins Lucrativos

CENTRO-OESTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	CATEGORIA
Universidade Católica de Brasília	UCB	DF	Sem Fins Lucrativos
Pontifícia Universidade Católica de Goiás	PUC Goiás	GO	Sem Fins Lucrativos
Universidade Católica Dom Bosco	UCDB	MS	Sem Fins Lucrativos
Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal	UNIDERP	MS	Com Fins Lucrativos
Universidade de Cuiabá	UNIC	MT	Com Fins Lucrativos

SUL			
NOME	SIGLA	UN. FED.	CATEGORIA
Pontifícia Universidade Católica do Paraná	PUCPR	PR	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Norte do Paraná	UNOPAR	PR	Com Fins Lucrativos
Universidade Paranaense	UNIPAR	PR	Sem Fins Lucrativos
Universidade Positivo	UP	PR	Com Fins Lucrativos
Universidade Tuiuti do Paraná	UTP	PR	Com Fins Lucrativos
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	PUCRS	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Católica de Pelotas	UCPEL	RS	Sem Fins Lucrativos
* Universidade da Região da Campanha	URCAMP	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Caxias do Sul	UCS	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Cruz Alta	UNICRUZ	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Passo Fundo	UPF	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Santa Cruz do Sul	UNISC	RS	Sem Fins Lucrativos

Universidade do Vale do Rio dos Sinos	UNISINOS	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Feevale	FEEVALE	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Franciscana	UFN	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Luterana do Brasil	ULBRA	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul	UNIJUI	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões	URI	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade La Salle	UNILASALLE	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Vale do Taquari	UNIVATES	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Franciscana	UNIFRA	RS	Sem Fins Lucrativos
Universidade Comunitária Regional de Chapecó	UNOCHAPECÓ	SC	Sem Fins Lucrativos
Universidade da Região de Joinville	UNIVILLE	SC	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Contestado	UNC	SC	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Oeste de Santa Catarina	UNOESC	SC	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Planalto Catarinense	UNIPLAC	SC	Sem Fins Lucrativos
* Universidade do Extremo Sul Catarinense	UNESC	SC	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Sul de Santa Catarina	UNISUL	SC	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Vale do Itajaí	UNIVALI	SC	Sem Fins Lucrativos
* Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí	UNIDAVI	SC	Sem Fins Lucrativos

SUDESTE			
NOME	SIGLA	UN. FED.	CATEGORIA
* Universidade Vila Velha	UVV	ES	Sem Fins Lucrativos
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	PUC MINAS	MG	Sem Fins Lucrativos
* Universidade de Itaúna	UI	MG	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Uberaba	UNIUBE	MG	Sem Fins Lucrativos
* Universidade do Vale do Sapucaí	UNIVÁS	MG	Sem Fins Lucrativos
Universidade FUMEC	FUMEC	MG	Sem Fins Lucrativos
* Universidade José do Rosário Vellano	UNIFENAS	MG	Sem Fins Lucrativos
Universidade Presidente Antônio Carlos	UNIPAC	MG	Sem Fins Lucrativos
Universidade Vale do Rio Doce	UNIVALE	MG	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Vale do Rio Verde	UNINCOR	MG	Sem Fins Lucrativos
* Universidade José do Rosário Vellano	UNIFENAS	MG	Sem Fins Lucrativos
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro	PUC-RIO	RJ	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Cândido Mendes	UCAM	RJ	Sem Fins Lucrativos
Universidade Castelo Branco	UCB	RJ	Sem Fins Lucrativos
Universidade Católica de Petrópolis	UCP	RJ	Sem Fins Lucrativos

* Universidade Celso Lisboa	UCL	RJ	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Grande Rio	UNIGRANRIO	RJ	Sem Fins Lucrativos
Universidade Estácio de Sá	UNESA	RJ	Com Fins Lucrativos
* Universidade Iguaçú	UNIG	RJ	Sem Fins Lucrativos
Universidade Salgado de Oliveira	UNIVERSO	RJ	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Santa Úrsula	USU	RJ	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Veiga de Almeida	UVA	RJ	Com Fins Lucrativos
Anhanguera Educacional	ANHAN	SP	Com Fins Lucrativos
Pontifícia Universidade Católica de Campinas	PUC-Campinas	SP	Sem Fins Lucrativos
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	PUCSP	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade Anhembi Morumbi	UAM	SP	Com Fins Lucrativos
* Universidade Braz Cubas	UBC	SP	Com Fins Lucrativos
* Universidade Camilo Castelo Branco	UNICASTELO	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade Bandeirante de São Paulo ²⁹⁵	UNIBAN	SP	Com Fins Lucrativos
Universidade Católica de Santos	UNISANTOS	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade Central Paulista	UNICEP	SP	Com Fins Lucrativos
Universidade Cidade de São Paulo ²⁹⁶	UNICID	SP	Com Fins Lucrativos
Universidade Cruzeiro do Sul	UNICSUL	SP	Com Fins Lucrativos
* Universidade de Araraquara	UNIARA	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Franca ²⁹⁷	UNIFRAN	SP	Com Fins Lucrativos
* Universidade de Marília	UNIMAR	SP	Com Fins Lucrativos
* Universidade de Mogi das Cruzes	UMC	SP	Com Fins Lucrativos
Universidade de Ribeirão Preto	UNAERP	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Rio Preto	UNIRP	SP	Com Fins Lucrativos
Universidade de Santo Amaro	UNISA	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade de Sorocaba	UNISO	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Grande ABC ²⁹⁸	UNIABC	SP	Com Fins Lucrativos
* Universidade do Oeste Paulista	UNOESTE	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Sagrado Coração	USC	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade do Vale do Paraíba	UNIVAP	SP	Sem Fins Lucrativos
* Universidade dos Grandes Lagos	UNILAGO	SP	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Guarulhos	UNG	SP	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Ibirapuera	UNIB	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade Metodista de Piracicaba	UNIMEP	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade Metodista de São Paulo	UMESP	SP	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Metropolitana de Santos	UNIMES	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade Nove de Julho	UNINOVE	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade Paulista	UNIP	SP	Sem Fins Lucrativos

²⁹⁵ Acervo compartilhado da ANHANGUERA

²⁹⁶ Acervo compartilhado UNICSUL

²⁹⁷ Acervo compartilhado UNICSUL

²⁹⁸ Acervo compartilhado da ANHANGUERA

Universidade Presbiteriana Mackenzie	MACKENZIE	SP	Sem Fins Lucrativos
* Universidade Santa Cecília	UNISANTA	SP	Sem Fins Lucrativos
* Universidade São Francisco	USF	SP	Sem Fins Lucrativos
Universidade São Judas Tadeu	USJT	SP	Com Fins Lucrativos
Universidade Severino Sombra	USS	SP	Sem Fins Lucrativos

* acervos que não possuem livros de Raymond Williams em sua base *online* ou não possuem acesso online ao acervo temporariamente.

b. Títulos do grupo “Estudos culturais e literários” presentes nos acervos universitários consultados

Livro	Universidades Públicas					Universidades Privadas					TOTAL
	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE _F	SUDESTE	SUL	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE _F	
<i>Campo e a Cidade, O</i>	165	58	37	24	162	71	41	2	2	7	569
<i>Campo y la ciudad, El</i>	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3
<i>Cobbet</i>	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>Communications</i>	4	-	-	-	-	3	-	-	-	-	7
<i>Contact</i>	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
<i>Country and the City, The</i>	9	2	1	-	4	1	-	-	-	-	17
<i>Cultura</i>	111	72	58	69	107	97	58	3	5	14	594
<i>Cultura (esp)</i>	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	3
<i>Cultura e Materialismo</i>	78	15	9	13	27	32	10	-	-	-	184
<i>Cultura e Sociedade</i>	86	28	17	8	51	39	17	2	-	13	261
<i>Culture</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>Culture and Materialism</i>	6	1	-	-	3	-	-	-	-	-	10
<i>Culture and Society</i>	20	7	5	1	2	2	-	-	-	-	37
<i>Drama em Cena</i>	62	15	10	1	30	4	2	-	-	-	124
<i>Drama from Ibsen to Brecht</i>	5	3	-	-	1	-	-	-	-	-	9
<i>Drama from Ibsen to Eliot</i>	8	1	-	-	-	-	-	-	-	-	9
<i>Drama in Performance</i>	7	-	1	-	-	-	-	-	-	-	8
<i>El Teatro de Ibsen a Brecht</i>	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>English drama</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>English Novel from Dickens to Lawrence</i>	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>George Orwell</i>	3	-	-	-	2	-	-	-	-	-	5
<i>Hacia el año 2000</i>	5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5
<i>História de la Comunicación</i>	3	2	-	2	-	-	8	-	-	-	15
<i>Keywords</i>	8	1	-	-	-	2	-	-	-	-	11
<i>Larga Revolution, La</i>	2	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3
<i>Long Revolution, The</i>	10	1	1	-	-	2	-	-	-	-	14
<i>Marxism and Literature</i>	17	4	1	-	-	-	-	-	-	-	22
<i>Marxism y Literatura</i>	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
<i>Marxismo e Literatura</i>	20	5	3	2	17	24	1	2	-	1	75
<i>Médios de Comunicación Social, Los</i>	2	1	1	-	-	3	3	-	-	-	10
<i>Modern Tragedy</i>	4	2	1	-	1	-	-	-	-	-	8
<i>Palabras-clave</i>	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	4
<i>Palavras-chave</i>	101	37	9	23	56	17	13	-	-	-	256

<i>Pelican Book of English Prose.Vol.2</i>	1	2	-	-	-	2	-	-	-	-	5
<i>Politica del Modernismo, La</i>	3	1	-	-	-	1	-	-	-	-	5
<i>Política do modernismo</i>	43	12	7	2	17	3	1	-	-	-	85
<i>Política e as letras, A</i>	12	-	4	1	6	1	-	-	-	-	24
<i>Politics and Letters</i>	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	3
<i>Politics of the Modernism, The</i>	14	-	2	-	5	2	-	-	-	-	23
<i>Preface to film</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
<i>Problems in Materialism and Culture</i>	4	-	1	-	-	1	-	-	-	-	6
<i>Produção Social da Escrita, A</i>	9	4	2	2	-	1	-	2	-	-	20
<i>Raymond Williams on television</i>	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>Raymond Williams reader, The</i>	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>Reading and Criticism</i>	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>Recursos da Esperança</i>	30	4	6	-	-	2	1	-	-	-	43
<i>Resources of Hope</i>	4	-	-	-	-	1	-	-	-	-	5
<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	1	-	-	-	-	2	-	-	-	3
<i>Sociology of culture, The</i>	6	1	-	-	-	1	-	-	-	-	8
<i>Televisão</i>	16	-	-	-	10	38	-	-	-	-	64
<i>Television</i>	19	3	2	1	4	8	3	-	-	-	40
<i>Televisión</i>	-	2	-	-	-	-	1	-	-	-	3
<i>Tragédia Moderna</i>	61	40	20	18	11	14	7	-	-	-	171
<i>What I come to say</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
<i>Writing in Society</i>	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
TOTAL	977	335	199	168	516	373	173	11	7	35	2794

c. Lista dos acervos universitários que sediam uma ou mais exemplares de *O Campo e a Cidade*

ACERVOS UNIVERSITÁRIOS PÚBLICOS CONSULTADOS:

NORDESTE			
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
UFRB	1989	1	Biblioteca de Cruz das Almas
UFBA	1989	1	Escola de administração
		2	Faculdade de Arquitetura
	2	Biblioteca universitária de Ciências e Tecnologia	
	5	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas	
	1975	1	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Unilab	2011	12	Campus das Palmeiras
		4	Campus dos Males
		4	Campus dos Aurores
UFPB	1989	7	Biblioteca Central
		1	CCAEMM
UFAL	2011	6	Campus Delmiro Gouveia
UFMG	1989	2	Acervo geral
UEPE	1990	3	Biblioteca Filosofia e Ciências Humanas
		2	Biblioteca Central
		1	Biblioteca Central
		3	Biblioteca Central
UFC	1989	2	Biblioteca de Ciências Humanas
		1	Biblioteca de Pici
		6	Biblioteca de Ciências Humanas
UFMA	1990	2	Biblioteca Central
		3	Biblioteca do Centro de Ciências Humanas
		5	Biblioteca do Bacabal
UFPI	2011	2	Biblioteca Jornalista Carlos CB
		3	Biblioteca Setorial Campus Senador Helvídio
UFRN	1990	1	Central Zilda Mamede
		4	Biblioteca Setorial Professora Marialucia
		1	Biblioteca Setorial do núcleo de ensino superior do agreste NESSA
	2011	1	CERES - Caicó
		1	Central Zilda Mamede
		4	CERES - Caicó
UNEB	2000	5	Caetitê
		1	Jacobina
		1	Teixeira Freitas
		3	Alagoinhas
	1989	1	Brumado
		5	Jacobina
		1	Santo Antonio de Jesus
2011	5	Juazeiro	
UEFS	1990	13	Biblioteca Central Julieta Carteadó

		1	Biblioteca Setorial Renato Galvão
UESC	1990	3	Biblioteca Central
	2000	8	Biblioteca Central
UESB	1990	7	Biblioteca Central de Vitória da Conquista
UEMA	1990	1	Biblioteca Setorial de História
UEPB	1990	5	CIA2
		6	BSC3
	1989	2	Biblioteca Central
	2000	1	BSC3
UFERSA	2011	5	Biblioteca Campus Caraúbas
UFRB	1989	1	Biblioteca de Cruz das Almas

NORTE

UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
	2011	1	Biblioteca Central
UFAC		1	Biblioteca do Cruzeiro do Sul
	1990	1	Biblioteca Central
UFAM	1990	1	Biblioteca Setorial do Setor Norte
	2011	1	Biblioteca Setorial do Setor Norte
UFOPA	2011	1	Amazônia
UFT	2000	3	UFT/ Biblioteca de Porto Nacional
UNIFESSPA	2011	7	Biblioteca Josineide da Silva Tavares
UEA	1989	1	Biblioteca Setorial do Proj. de Pós-graduação em Letras e Artes
	1989	1	I-IFCH
UFBA		1	Núcleo de Altos Estudos Amazônicos
	2011	1	Campus Ananindeua

CENTRO-OESTE

UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
UNB	2011	5	Biblioteca Central
		1	Biblioteca Planaltina
UFGD	1990	3	Biblioteca Central
	2011	2	Biblioteca Central
UFG	1990	2	Campus Catalão
		2	Biblioteca Letras/Linguística
		2	Biblioteca Central - Campus II
		1	Biblioteca Regional de Rondonópolis
UFMT	1990	5	Biblioteca Regional de Rondonópolis
		2	Biblioteca de Campo Grande
UFMS	2011	1	Biblioteca de Corumbá
		1	Campus Formosa
UEG	1989	1	Campus Morrinhos
		3	Campus Itapuranga
		2	Campus Uruaçu
		1	Campus Anápolis de Ciências Socioeconômicas e Humanas
		1	Campus Formosa

Unimat	1989	2	Alto Araguaia
		1	Pontes e Lacerda
	s/i	1	Sinop

SUL			
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
UEL	1975	1	Biblioteca Central
	1989	2	Biblioteca Central
		2	Biblioteca Setorial/Ciências Humanas
UFPR	1989	5	Humanas
		1	Ed. Proj. e Tec.
		1	Ciências e tecnologia
UFFS	2011	3	Biblioteca Chapecó
		1	Biblioteca Erechim
Unila	2011	5	Biblioteca Latino Americana
		5	Biblioteca Latino Americana/ Jardim univ.
UFPEl	1990	2	Campus Porto
UFSC	1990	1	Biblioteca Central
	1993	1	Biblioteca Central
	1989	6	Biblioteca Central
UFSM	2011	1	Biblioteca Central
	1989	1	Biblioteca Central
FURG	1990	1	Biblioteca Central - Campus Carreiros
	2011	1	CSH
UFRGS	1990	2	FBC
		1	EDU
		1	CHS
		1	Biblioteca Central
UNESPAR	2011	2	Campus Campo Mourão
UNICENTRO	1990	1	Santa Cruz
	2011	2	Santa Cruz
		1	Irati
UNIOESTE	1989	1	Campus Foz do Iguaçu
	2000	1	Campus Toledo
UDESC	2011	7	Biblioteca Central

SUDESTE				
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO	
UNICAMP	2011	1	Faculdade de Educação	
		1	Faculdade de Educação Física	
		1	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas	
		1	Instituto de Estudos Literários	
		2000	3	Faculdade de Educação
		1989	1	Faculdade de Educação
			1	Biblioteca central
		1	Instituto de Economia	

		2	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
		1	Instituto de geociências
	1990	6	Institutos de Estudos Literários
		1	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
	1975	2	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
	1973	1	Institutos de Estudos Literários
		1	NUDECRI
USP	1975	1	FAU
		1	FFLCH
		1	IEB
	1989	2	EESC
		1	ESALQ
		3	FFLCH
		2	IEB
		1	MP
	1990	1	EACH
		1	FE
		1	FFLCH
	2000	1	FFLCH
	2011	2	EACH
		1	FAU
	1	IEB	
UFMG	1989	2	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
		1	Faculdade de Ciências Econômicas
		1	Faculdade de Educação
	1990	1	Faculdade de Arquitetura
		1	Faculdade de Letras
	2011	3	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
1973	1	Faculdade de Ciências Econômicas	
UNESP	1990	4	Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara
		1	Faculdade de Ciências e Letras - Assis
		2	Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - Franca
		1	Faculdade de Ciências e Tecnologia - Presidente Prudente
		1	Campus Rio Claro
		1	Instituto São José do Rio Preto
		1	Campus São Vicente
	2011	2	Faculdade de Ciências e Letras - Araraquara
		1	Franca
	1989	2	Assis
		3	Campus Bauru
		1	Franca
		1	Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias
	4	Presidente Prudente	
UFSCar	1990	1	Biblioteca Comunitária
UFF	2011	4	FINEP - Biblioteca do Gragoatá
	1973	1	Economia

	2011	10	Biblioteca Central
		5	Biblioteca IMNI
UFRRJ		1	Biblioteca ICHS
	1989	2	Biblioteca ICHS
UFTM	2011	2	Biblioteca Central
UFES	1990	2	Biblioteca Central
UNIFESP	1989	1	Biblioteca do Guarulhos
	2011	1	Biblioteca do Guarulhos
UNIRIO	2011	3	Biblioteca de Letras e Artes
UFABC	2011	2	Biblioteca São Bernardo do Campo
UFU	1989	2	Mon. Santa Mônica
	2011	2	Pon. Pontal
	1989	1	BCDB
UFSJ	1990	1	BCDB
	2011	2	BCDB
	1990	2	ICHS – Bibliot.
UFOP		1	ORAR – bibliot.
	1989	1	ICHS – Bibliot.
UFLA	1989	1	Biblioteca universitária da UFLA
UFJF	1990	1	Letras
UNIFAL	2011	3	BVEII
		2	BSV
	2011	2	CCS/D - IESP
		1	CEH/B
	1990	2	CEH/D
UERJ	1989	3	CCS/A
		1	CEH/A
		1	CEH/B
		1	CEH/D
		1	CTC/C
	1990	1	Biblioteca Central - BBT
UFV		1	Biblioteca Central do DER
	2011	1	Biblioteca Central - BBT
UEMG	2000	6	Biblioteca Unidade Passos
	2011	5	Biblioteca da Faculdade de Educação
	2011	1	FL
	1990	1	CFCH
UFRJ		1	IPPUR
	1989	1	PPGG
		1	FCC

ACERVOS UNIVERSITÁRIOS PÚBLICOS CONSULTADOS

NORDESTE			
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
UCSAL	1990	5	Biblioteca de Pitaçu
UNIFOR	1990	1	Fortaleza
Unit	1989	1	Biblioteca Instituto Luiz Antonio Barreto

NORTE			
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
ULBRA	1990	1	Palmas
		1	Santarém
		s/i	São Jerônimo
	1989	2	Canoas
		2	Canoas
		s/i	Santa Concórdia

CENTRO OESTE			
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
PUC GO	2000	1	Biblioteca Central
UNIDERP	1990	1	Campo Grande/MS

SUL			
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
PUC-PR	2000	3	Biblioteca Central
	1990	1	Biblioteca Central
	1969	1	Biblioteca Central
PUC - RS	2001	1	Biblioteca Central
	1989	1	Biblioteca Central
UCPEL	1989	1	Biblioteca UCPEL
Unichapecó	1990	4	Campus Chapecó
UCST	1989	1	Covi/Bento Gonçalves
UNICRUZ	2000	2	Biblioteca Visconde de Mauá
UNISINOS	2001	2	Biblioteca São Leopoldo
	1990	5	Biblioteca São Leopoldo
UPF	2000	2	Biblioteca Central
	1990	1	Biblioteca Central
UNOESC	2011	3	Biblioteca Central Xanxerê
	1990	2	Biblioteca Joaçaba
UNIJUI	2000	2	Campus Ijuí
		2	Campus Santa
URI	2011	1	Biblioteca Central
UTP	1989	1	Biblioteca Birigui

SUDESTE			
UNIVERSIDADE	ANO	Nº	INSTITUTO
UNIP	s/i	5	
PUC-SP	1990	1	Campus I
	1989	4	Belo Horizonte
PUC-MG		3	Poços de Caldas
		1	São Gabriel
		2	Praça da Liberdade
PUC-SP	1989	1	Campus Perdizes
		4	Campus Perdizes
PUC-Rio	1975	1	Biblioteca Setorial do CTCH
	1989	3	Biblioteca Central
Anhembi/Morumbi	1989	2	Olímpia
		2	Centro
UCB	1989	2	Biblioteca Central
UCP	1989	1	Biblioteca Central
UNISANTOS	1989	1	Biblioteca Liceu Santista
	2011	1	Biblioteca do Campus Dom Idílio José Campos
UNICID/CSUL/FAN	1989	1	Biblioteca Central da Universidade de Franca
	1990	1	Biblioteca Professor Lúcio de Sousa
UNIRP	1990	8	Unidade Sede
	1989	1	Trujillo
Uniso		1	Cidade Universitária
	2011	1	Trujillo
		1	Cidade Universitária
UNIUBE	1990	1	Biblioteca Central
UNIVAPP	1989	2	Biblioteca Central - Urbanova
Estácio	2011	2	SP-Santo Amaro
Anhanguera	1990	1	Vila Maria - SP
	2011	1	MG/Afonso Pena
UNISA	1989	1	Campus II - Metro Afonso Pena
	1990	1	Campus II - Metro Afonso Pena
	1989	1	SOB
UNIMEP		1	Taquaral
	1990	1	SOB
	2011	1	Taquaral
UMESP	1990	1	Biblioteca Economia
	1989	1	Biblioteca Central
Mackenzie	2000	1	Central Alphaville
	2011	1	Biblioteca FAU/CCL
ASOEC (universo)	1990	1	Sede
USJT	1990	1	Biblioteca Central
USS	1990	1	Biblioteca Central
Univale	1989	4	Biblioteca Central

		SUDESTE															TOTAL										
		UFES	UNIFAL	UFJF	UFLA	UFMG	UFOP	UFSJ	UFU	UFV	UFTM	UNIRIO	UFRJ	UFF	UFRRJ	UNIFESP		UFscar	UFABC	UEMG	UNIMONTES	UERJ	UENF	USP	Unicamp	UNESP	FATEC
ESTUDOS CULTURAIS	<i>English Novel from Dickens to Lawrence</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>George Orwell</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3
	<i>Hacia el año 2000</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	-	-	5
	<i>História de la Comunicación</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	3
	<i>Keywords</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	4	1	-	-	8
	<i>Larga Revolution, La</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
	<i>Long Revolution, The</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5	3	-	10
	<i>Marxism and Literature</i>	-	-	-	-	2	-	-	1	1	-	-	1	-	2	2	-	-	-	-	-	-	-	5	2	1	17
	<i>Marxism y Literatura</i>	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3
	<i>Marxismo e Literatura</i>	2	-	-	-	2	-	1	1	-	-	-	2	-	1	1	1	-	-	-	-	3	-	1	1	4	20
	<i>Medios de Comunicación Social, Los</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2
	<i>Modern Tragedy</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	4
	<i>Palabras-clave</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Palavras-chave</i>	2	-	2	-	10	5	3	9	5	-	1	7	8	4	3	3	-	-	-	3	1	-	14	10	11	101
	<i>Pelican Book of English Prose. Vol. 2</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Politica del Modernismo, La</i>	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	3
	<i>Política do modernismo</i>	2	2	1	-	3	-	2	6	-	2	-	7	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3	9	-	43
	<i>Política e as letras, A</i>	-	-	-	-	5	-	1	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	12
	<i>Politics and Letters</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
	<i>Politics of the Modernism, The</i>	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	6	2	1	14
<i>Problems in Materialism and Culture</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	4	
<i>Produção Social da Escrita, A</i>	-	2	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	2	-	9	
<i>Raymond Williams on television</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	
<i>Raymond Williams reader, The</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2	

		SUDESTE																				TOTAL					
		UFES	UNFAL	UFJF	UFLA	UFMG	UFOP	UFSJ	UFU	UFV	UFTM	UNIRIO	UFRJ	UFF	UFRRJ	UNIFESP	UFscar	UFABC	UEMG	UNIMONTES	UERJ		UENF	USP	Unicamp	UNESP	FATEC
ESTUDOS CULTURAIS	<i>Reading and Criticism</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	<i>Recursos da Esperança</i>	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	1	3	22	-	30
	<i>Resources of Hope</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2	-	-	4
	<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Sociology of culture, The</i>	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	6
	<i>Televisão</i>	-	2	4	-	-	-	-	2	-	-	-	2	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	-	16
	<i>Television</i>	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	7	4	5	-	19
	<i>Televisión</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Towards 2000</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Tragédia Moderna</i>	-	-	-	-	8	8	12	5	1	2	1	4	3	-	4	1	1	-	-	-	-	6	-	5	-	61
<i>Writing in Society</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	
TOTAL		19	19	12	3	87	22	37	45	13	12	27	58	48	34	28	15	16	22	5	39	4	162	100	145	5	977
OUTROS	<i>Cultural Studies Reader, The (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Dombey & son/ Dickens (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Languages of Nature (pref)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
	<i>Literature In The Modern World: Critical Essays and Documents (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	<i>Modernism and metropolis (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Riverrun: ensaios sobre James Joyce (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Three plays / by D.H. Lawrence (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
TOTAL		0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	3								
GERAL		21	19	12	3	89	22	37	45	13	12	28	59	48	34	28	15	16	22	5	39	4	167	106	148	5	997

		NORDESTE																				TOTAL				
		UFAL	UFBA	UFRB	UFCA	UFC	Unilab	UFMA	UFPB	UFCG	UFPE	Univasf	UFPI	UFRN	UFERSA	UFS	UNEB	UEFS	UESC	UESB	UECE		UVA	UEMA	UEPB	UERN
ESTUDOS CULTURAIS	<i>Reading and Criticism</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Recursos da Esperança</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Resources of Hope</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Sociology of culture, The</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Televisão</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	10
	<i>Television</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
	<i>Televisión</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Towards 2000</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Tragédia Moderna</i>	-	5	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	11
<i>Writing in Society</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	
	TOTAL	16	36	10	6	32	30	38	26	6	12	1	17	96	5	77	31	21	18	8	3	1	5	17	4	516
OUTROS	<i>Cultural Studies Reader, The (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Dombey & son/ Dickens (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Languages of Nature (pref)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Literature In The Modern World: Critical Essays and Documents (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Modernism and metropolis (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Riverrun: ensaios sobre James Joyce (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Three plays / by D.H. Lawrence (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	GERAL	16	36	10	6	32	30	38	26	6	12	1	17	96	5	77	31	25	21	8	3	1	5	17	4	523

		SUL / CENTRO-OESTE																										
		Unila	UFPR	UTFPR	UFPeI	UFSM	FURG	UFRGS	UFSC	UFFS	UEL	UEM	UNESPAR	UEPG	Unicentro	UENP	Unioeste	UDESC	TOTAL	UNB	UFG	UFMT	UFGD	UFMS	UEG	UneMat	TOTAL	
ESTUDOS CULTURAIS	<i>Reading and Criticism</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Recursos da Esperança</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	6	-	-	-	6
	<i>Resources of Hope</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Sociology of culture, The</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Televisão</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Television</i>	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	1	-	1	-	-	-	2
	<i>Television</i>	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Towards 2000</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Tragédia Moderna</i>	6	-	1	5	1	-	6	-	-	1	6	6	-	4	-	-	4	40	2	12	5	-	-	1	-	-	20
<i>Writing in Society</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	0	
	TOTAL	32	29	14	15	13	8	39	42	4	23	29	13	4	14	1	29	26	335	29	43	42	11	45	18	11	199	
OUTROS	<i>Cultural Studies Reader, The (part)</i>	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	0	
	<i>Dombey & son/ Dickens (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	1	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Languages of Nature (pref)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Literature In The Modern World: Critical Essays and Documents (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Modernism and metropolis (part)</i>	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Riverrun: ensaios sobre James Joyce (part)</i>	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Three plays / by D.H. Lawrence (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	TOTAL	0	0	0	0	0	4	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	5	0	1	0	0	0	0	0	0	1	
	GERAL	32	30	14	15	13	8	45	43	4	23	30	13	4	14	1	29	26	344	30	45	42	11	45	19	11	203	

		UFAC	UNIFAP	UFAM	UFOPA	UFPA	UNIFESSP	UNIR	UFRR	UFT	UEA	UERR	TOTAL		
ESTUDOS CULTURAI	<i>Reading and Criticism</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	2	
	<i>Recursos da Esperança</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	40	
	<i>Resources of Hope</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	4	
	<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	
	<i>Sociology of culture, The</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	7	
	<i>Televisão</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	26	
	<i>Television</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	29	
	<i>Television</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	2	
	<i>Towards 2000</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0
	<i>Tragédia Moderna</i>	-	-	-	-	16	-	-	-	-	-	1	1	18	150
	<i>Writing in Society</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	2
TOTAL	19	3	30	2	43	16	9	8	10	13	15	168	2195		
OUTROS	<i>Cultural Studies Reader, The (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	
	<i>Dombey & son/ Dickens (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	
	<i>Languages of Nature (pref)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	
	<i>Literature In The Modern World: Critical Essays and Documents (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	
	<i>Modernism and metropolis (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	
	<i>Riverrun: ensaios sobre James Joyce (part)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	2	
	<i>Three plays / by D.H. Lawrence (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	2	
TOTAL	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	9		
GERAL	21	3	30	2	43	16	9	8	10	13	15	170	2237		

Universidades Privadas

SUDESTE

	PUCcps	PUCMG	PUCSP	PUCRio	UAM	UCB	UCP	UNISANTOS	UNICEP	UNIP	UNICSUL **	UNAERP	UNIRP	UNISO	UNIUBE	UNISA	ANHANGUER	UNIGRANRIO	USC	UNIVAP	UNESA/Estácio	FUMEC	UNIMEP	UMESP	UNINOVE	Mackenzie	UNIPAC	UNIVERSO	USJT	USS	UNIVALE	TOTAL
R: <i>Povo das Montranhas Negras, O</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	5
ESTUDOS CULTURAIS																																
<i>Campo e Cidade, O</i>	1	12	5	3	2	2	1	2	-	5	2	-	8	4	1	2	2	-	-	2	2	-	4	1	-	3	-	1	1	1	4	71
<i>Campo y la ciudad, El</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
<i>Communications</i>	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
<i>Country and the city, The</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>Cultura</i>	1	5	7	1	2	-	-	2	5	2	12	-	2	4	3	1	15	1	-	-	6	2	2	1	3	11	4	1	1	-	3	97
<i>Cultura e Materialismo</i>	-	1	1	-	-	-	-	-	-	1	29	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	32
<i>Cultura e Sociedade</i>	3	-	1	1	1	1	-	2	-	1	6	2	-	-	-	-	1	1	1	-	1	1	-	4	2	-	3	-	-	3	4	39
<i>Culture and Society</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>Drama em Cena</i>	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	4
<i>Historia de la comunicación</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
<i>Keywords</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>Long Revolution, The</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
<i>Marxism and Literature</i>	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
<i>Marxismo e Literatura</i>	3	2	-	1	-	-	-	6	-	-	-	5	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	3	-	-	-	2	-	-	-	24
<i>Médios de comunicação social, Los</i>	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3
<i>Palavras-chave</i>	1	5	2	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	-	-	-	-	17
<i>Pelican Book of English Prose. Vol. 2</i>	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2

**compartilhado UNICSUL; UNICID e UNIFRAN

SUDESTE		UNIVERSIDADES																				TOTAL										
		PUCeps	PUCMG	PUCSP	PUCRio	UAM	UCB	UCP	UNISANTOS	UNICEP	UNIP	UNICSUL**	UNAERP	UNIRP	UNISO	UNIUBE	UNISA	ANHANGUER	UNIGRANRIO	USC	UNIVAP		UNESA/Estácio	FUMEC	UNIMEP	UMESP	UNINOVE	Mackenzie	UNIPAC	UNIVERSO	USJT	USS
ESTUDOS CULTURAIS	<i>Politica del Modernismo, La</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Política do Modernismo</i>	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3
	<i>Política e as Letras, A</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Politics of the Modernism, The</i>	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	<i>Preface to film</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Problems in Materialism and Culture</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Produção Social da Escrita, A</i>	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Recursos da Esperança</i>	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	<i>Resources of Hope</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Socioly of Culture</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Televisão</i>	-	36	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	38
	<i>Television</i>	-	2	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	-	8
	<i>Televisión</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Tragédia Moderna</i>	-	-	2	3	2	-	-	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	1	-	14
<i>What I come to say</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	
TOTAL	10	65	32	18	8	3	2	12	5	12	49	7	10	15	4	3	18	2	4	3	9	3	13	9	5	21	8	4	3	5	11	373
OUT.	<i>Three plays / by D.H. Lawrence (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
GERAL	10	65	32	19	8	3	2	12	5	12	51	7	10	16	4	3	18	2	4	3	9	3	14	9	5	21	8	4	3	5	11	378

**compartilhado UNICSUL; UNICID e UNIFRAN

		SUL																			TOTAL						
		PUC PR	PUC RS	UCPEL	UNOCHAPEC	UNIVILE	UCS	UNICRUZ	UNISINOS	UPF	UNISC	UNC	UNOESC	UNISUL	UNIVALI	FEEVALE	UFN/UNIFRA	UNIPAR	UP	UNIJUI		URI	UTP	UNILASALLE	ULBRA	UNIVATES	UNIFRA
ESTUDOS CULTURAIS	<i>Politica del Modernismo, La</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Política do Modernismo</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Política e as Letras, A</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Politics of the Modernism, The</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Preface to film</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Problems in Materialism and Culture</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Produção Social da Escrita, A</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Recursos da Esperança</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
	<i>Resources of Hope</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
	<i>Sociology of Culture</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Televisão</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
	<i>Television</i>	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3
	<i>Televisión</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
	<i>Tragédia Moderna</i>	6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7
<i>What I come to say</i>	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	
	TOTAL	26	18	5	8	2	7	2	13	7	9	1	7	8	2	2	2	22	3	9	3	1	3	7	4	2	173
OUT.	<i>Three plays / by D.H. Lawrence (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	GERAL	26	18	5	9	2	7	2	13	7	9	1	8	9	2	2	2	22	3	9	3	1	3	7	4	2	176

		CENTRO-OESTE / NORTE / NORDESTE					TOTAL	ULBRA	SOUTH						TOTAL	
		PUCGO	UCB	UCDB	UNIC	UNIDERP			Unicap	UCSAL	Unifor	Unifacs	UNI7	Unit		
ESTUDOS CULTURAIS	<i>Politica del Modernismo, La</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1
	<i>Política do Modernismo</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	4
	<i>Política e as Letras, A</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1
	<i>Politics of the Modernism, The</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	2
	<i>Preface to film</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1
	<i>Problems in Materialism and Culture</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1
	<i>Produção Social da Escrita, A</i>	-	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	0	3
	<i>Recursos da Esperança</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	3
	<i>Resources of Hope</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1
	<i>Sociologia de la Cultura</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	2
	<i>Socioly of Culture</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1
	<i>Televisão</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	38
	<i>Television</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	11
	<i>Televisión</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1
	<i>Tragédia Moderna</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	21
<i>What I come to say</i>	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	0	1	
	TOTAL	3	3	3	1	1	11	7	3	9	15	4	0	2	35	599
OUT.	<i>Three plays / by D.H. Lawrence (intro)</i>	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1
	GERAL	3	3	3	1	1	11	7	5	9	15	4	0	2	37	609

e. Dados gerais de presença de *O Campo e a Cidade* no Brasil

Universidades Públicas

	SUDESTE			FEDERAL														ESTADUAL					TOTAL
	UFES	UNIFAL	UFJF	UFLA	UFMG	UFOP	UFSJ	UFU	UFV	UFTM	UNIRIO	UFRJ	UFF	UFRRJ	UNIFESP	UFscar	UFABC	UEMG	UERJ	USP	Unicamp	UNESP	
1973	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2	-	4
1975	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	2	-	5
1989	-	-	-	1	4	1	1	2	-	-	-	2	-	2	1	-	-	-	7	9	6	11	47
1990	2	-	1	-	2	3	1	-	2	-	-	2	-	-	-	1	-	-	2	13	7	11	47
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6	-	1	3	-	10
2001	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2011	-	5	-	-	3	-	2	2	1	2	3	1	4	16	1	-	2	5	3	4	4	3	61
S/I	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
TOTAL	2	5	1	1	10	4	4	4	3	2	3	5	5	18	2	1	2	11	12	30	24	25	174

	NORDESTE												FEDERAL						ESTADUAL						TOTAL
	UFAL	UFBA	UFRB	UFC	Unilab	UFMA	UFPB	UFCE	UFPE	UFPI	UFRN	UFERSA	UFS	UNEB	UEFS	UESC	UESB	UEMA	UEPB						
1973	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0					
1975	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	4					
1989	-	10	1	3	-	-	8	2	-	-	-	-	2	9	-	-	-	-	2	37					
1990	-	-	-	-	-	10	-	-	3	-	6	-	-	1	13	3	7	1	11	55					
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0					
2000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	7	-	8	-	-	1	16					
2001	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0					
2011	6	-	-	6	20	-	-	-	-	5	5	5	1	5	1	-	-	-	-	54					
S/I	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0					
TOTAL	6	11	1	9	20	10	8	2	3	5	11	5	6	22	14	11	7	1	14	166					

TOTAL UNIVERSIDADES PÚBLICAS	
1973	5
1975	10
1989	116
1990	126
1993	1
2000	30
2001	0
2011	170
S/I	1
TOTAL	459

Universidades Particulares

SUDESTE																									
	PUCcps	PUCMG	PUCSP	PUCRio	UAM	UCB	UCP	UNISANTOS	UNIP	UNICSUL **	UNIRP	UNISO	UNIUBE	UNISA	ANHANGUER	UNIVAP	UNESA/Estáci	UNIMEP	UMESP	Mackenzie	UNIVERSO	USJT	USS	UNIVALE	TOTAL
1973	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
1975	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
1989	-	10	1	3	2	2	1	1	-	1	-	2	-	1	-	2	-	2	-	1	-	-	-	4	33
1990	1	2	4	-	-	-	-	-	-	1	8	-	1	-	1	-	-	1	1	-	1	1	1	-	23
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2000	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
2001	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2011	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	1	-	2	1	-	1	-	-	-	-	8
S/I	-	-	-	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	6
TOTAL	1	12	5	4	2	2	1	2	5	2	8	4	1	2	2	2	2	4	1	3	1	1	1	4	72

	NORTE													C.Oeste			N.	NORDESTE				TOTAL UNIVERSIDADES PARTICULARES		
	PUC PR	PUC RS	UCPEL	UNOCHAPEC	UCS	UNICRUZ	UNISINOS	UPF	UNOESC	UNLJUI	URI	UTP	ULBRA	TOTAL	PUCGO	UNIDERP	TOTAL	ULBRA	UCSAL	Unifor	Unit			TOTAL
1973	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	0	-	-	-	-	0	1973	0
1975	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	0	-	-	-	-	0	1975	1
1989	1	5	1	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2	11	-	-	0	-	-	-	1	1	1989	45
1990	1	-	-	4	-	-	5	1	2	-	-	-	2	15	-	1	1	2	5	1	-	6	1990	47
1993	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	0	-	-	-	-	0	1993	0
2000	3	-	-	-	-	2	-	2	-	4	-	-	-	11	1	-	1	-	-	-	-	0	2000	13
2001	-	1	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	3	-	-	0	-	-	-	-	0	2001	3
2011	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	-	-	4	-	-	0	-	-	-	-	0	2011	12
S/I	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	0	-	-	-	-	0	S/I	6
TOTAL	5	6	1	4	1	2	7	3	5	4	1	1	4	44	1	1	2	2	5	1	1	7	TOTAL	127

f. Listagem das produções acadêmicas consultadas que apresentam títulos de Raymond Williams nas referências bibliográficas

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Produção	Título	Autor	Ano	Orientação	Instituto
Artigo	Cinema educativo em cena: Raymond Williams, análise fílmica e produção de um saber	Paixão, Alexandre Henrique; Trevisan, Anderson Ricardo	2019	-	Faculdade de Educação
Dissertação	A construção dos planos de desenvolvimento da unidade no projeto pedagógico de duas creches de Jundiaí	Celante, Licia Gobbi	2005	Vera Lucia Sabongi De Rossi	Faculdade de Educação
Dissertação	Abençoado seja o fruto: uma análise de The Handmaid's Tale e O Conto da Aia à luz dos Estudos Culturais	Mattos, Thamires Ribeiro de	2020	Antonio Carlos Rodrigues de Amorim	Instituto de Estudos da Linguagem
Dissertação	Arte e conflito social	Moya, Cyntia Malaguti	2016	Liliana Rolfsen Petrilli Segnini	Faculdade de Educação
Dissertação	Cinema e sociedade: sobre a ditadura militar no Brasil	Leme, Caroline Gomes	2011	Orientador: Marcelo Siqueira Ridenti	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Dissertação	Democracia nos livros didáticos de Sociologia para o Ensino Médio	Sousa, Raoni Gomes de	2019	Orientador: Márcia Lopes Reis	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Dissertação	Tradição, inovação e historicidade no materialismo cultural de Raymond Williams	Baute, Carla Rocha	2020	Orientador: Silvana Barbosa Rubino	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
E-Book	Raymond Williams & educação: coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino	Paixão, Alexandre Henrique org	2019	-	Campinas, SP : UNICAMP/FE, 2019.
TCC	A natureza e a cultura em Wuthering Heights, de Emily Brontë	Hirayama, Isabela	2012	Orientador: Mário Luiz Frungillo	Instituto de Estudos da Linguagem
TCC	Proposições pedagógicas e socialistas no pós-guerra : a longa revolução de Raymond Williams	Lisboa, Tâmelá Adriani Sousa	2015	Orientador: Alexandre Henrique Paixão	Faculdade de Educação
Tese	Enquanto isso, em São Paulo... : à l'époque do Cinema Novo, um cinema paulista no "entre-lugar"	Leme, Caroline Gomes	2016	Orientador: Marcelo Siqueira Ridenti	Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

USP – Universidade de São Paulo

Produção	Título	Autor	Ano	Orientação	Instituto
Artigo	A fração Bloomsbury, de Raymond Williams	Barros, Marta Cavalcante de; Martins, Rubens de Oliveira	1999	-	
Artigo	Marxismo, estruturalismo e análise literária, de Raymond Williams	Rivetti, Ugo	2014	-	
Artigo	Pierre Bourdieu e Raymond Williams: Correspondência, encontro e referências cruzadas	Jackson, Luiz Carlos; Rivetti, Ugo	2020	-	
Artigo	A televisão como meio híbrido no pensamento de Raymond Williams	Serelle, Marcio	2016	-	
Artigo	“Esquecer Williams?”: materialismo cultural, estruturas de sentimento e pesquisas sobre música popular no Brasil	Diniz, Sheyla Castro	2020	-	
Artigo	Estudo sobre o conceito de mediação e sua validade como categoria de análise para os estudos de Comunicação	Signates, Luiz	2003	-	
Artigo	Helena Solberg: uma cineasta brasileira na televisão norte-americana	França, Ana Claudia Camila Veiga de; Corrêa, Ronaldo de Oliveira	2020	-	
Artigo	Um libelo contra o determinismo tecnológico	Azevedo, Fábio Palácio de	2018	-	
Artigo	São Bernardo: uma tragédia moderna na periferia capitalista	Bustamante, Fernando	2019	-	
Artigo	Recepção: a abordagem dos Estudos Culturais	White, Robert A.	1998	-	
Artigo	Um conceito de ouvinte expandido	Ferraz, Nivaldo	2019	-	
Artigo	Uma análise de reportagem fora da “agenda do dia”: Gibby Zobel é o repórter	Ferraz, Nivaldo	2016	-	
Artigo	A ética da mediação: aspectos da crítica da mídia em Roger Silverstone	Serelle, Marcio	2016	-	
Artigo	Tragédia, destino dos ossos: políticas da cinza e da exumação	Souza, Luiz Paulo Pimentel de	2020	-	

Artigo	Televisão: tecnologia e forma cultural – Dos usos e efeitos planejados aos usos e efeitos imprevistos	Schiavoni, Jaqueline Esther	2016		
Artigo	Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960	Ridenti, Marcelo	2005		
Artigo	Conversa com Carlos Altamirano Cenas da vida intelectual argentina	Marmerolli, Maria Caroline Tresoldi, Flávia Xavier Merlotti Paniz	2018		
Artigo	O jornalismo como forma cultural: uma breve análise histórica dos valores jornalísticos na Globo e na BBC	Silva, Fernanda Mauricio	2011		
Dissertação	Crítica e modernidade em Raymond Williams	Rivetti, Ugo Urbano Casares	2015	Musse, Ricardo	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	A concepção da tragédia moderna em 'The crucible' e 'A view from the bridge' de Arthur Miller	Leme, Viviane Maria	2007	Betti, Maria Silvia	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	Short cuts de Robert Altman: atalhos para as formas de ilusão contemporâneas	Soares, Marcos Cesar de Paula	2007	Soares, Marcos Cesar de Paula	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos	Carvalho, Beatriz Sequeira de	2017	Vergueiro, Waldomiro de Castro Santos	Escola de Comunicações e Artes
Dissertação	De Amélias e Barracões: a noção de saudade na obra de Araulfo Alves	Faria, Amanda Beraldo	2015	Silveira Junior, Walter Garcia da	Instituto de Estudos Brasileiros
Dissertação	Futebol, Cultura e Utopia: uma leitura de <i>À procura de Eric</i> , de Ken Loach	Fernandes, André Luís Reis	2016	Cevasco, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	'Literapalco' em Lygia Bojunga: arte como projeto de vida	Florencio, Cristiane Figueiredo	2019	Mendes, Maria dos Prazeres Santos	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	Mesmo céu, mesmo CEP: produção literária na periferia de São Paulo	Leite, Antonio Eleilson	2014	Mello, Jefferson Agostini	Escola de Comunicações e Artes

Dissertação	As gibitecas como polos fomentadores de cultura e de exercício da cidadania	Marino, Daniela dos Santos Domingues	2018	Vergueiro, Waldomiro de Castro Santos	Escola de Comunicações e Artes
Dissertação	Análise formal de All my sons e de An enemy of the people, de Arthur Miller	Russo, Thiago Pereira	2014	Betti, Maria Silvia	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	Sufrimento, solidão e desordem: a representação trágica como meio político no cinema de Leon Hirszman	Takeda, Anna Carolina Botelho	2017	Carelli, Fabiana Buitor	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	Reafirmando uma nação: a figuração da identidade nacional norte-americana nas obras de Laura Ingalls Wilder	Tavares, Fabiana Valeria da Silva	2007	Cevasco, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Dissertação	Laerte 'vestido de mulher': uma investigação sobre a representação de gênero e sexualidade na mídia	Bucchioni, Tulio Heleno de Aguiar	2016	Almeida, Heloisa Buarque de	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
TCC	A cultura como fator de sucesso financeiro nas organizações, baseado no Competing Values Framework	Gobbi, Gabriel Zamboni	2012	Mateus Cecílio Gerolamo	Escola De Engenharia De São Carlos
TCC	Natureza E Regime Jurídico Da Aplicação De Parcelas Do Imposto Sobre A Renda E Parâmetros De Escolha De Projetos Culturais Na Lei 8313/1991:Análise Contextual e Propostas De Reforma	Leal, Gabriela de Oliveira	2016	Guilherme Adolfo dos Santos Mendes	Faculdade De Direito De Ribeirão Preto
TCC	O Estado brasileiro e algumas suas políticas elétricas – Eletrificação e Naturalização	Gonçalves, Bruno Peres	2016	Anselmo Alfredo	Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
TCC	O GRANDE SERTÃO: Uma investigação geográfica sobre os sertões de Pena Branca e Xavantinho	Sousa, Renato Dias De	2018	Rodrigo Ramos Hospodar Felipe Valverde	Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas
TCC	O impacto de uma ação promocional em uma rede social sobre indicadores-chave de desempenho das compras coletivas: estudo de caso comum site da cidade de Ribeirão Preto	Vinícius Dândolo	2012	Ildberto Aparecido Rodello	Faculdade De Economia, Administração E Contabilidade De Ribeirão Preto

TCC	Estudos hidrológicos aplicados em projetos de urbanismo de impacto reduzido: uma terceira margem de possibilidades para a Bacia Santa Maria do Leme, em São Carlos/SP	Oyama, Augusto Cesar	2019	Rodrigo de Melo Porto	Escola De Engenharia De São Carlos
Tese	Dois modos de ler: o poder de aferição da crítica materialista em Raymond Williams e Roberto Schwarz	Morelli, Adriana Fernandes	2010	Cevasco, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Tese	Marxismo, comunicação e cultura - Raymond Williams e o materialismo cultural	Azevedo, Fábio Palácio de	2014	Frederico, Celso	Escola de Comunicações e Artes
Tese	Materialismo cultural	Glaser, André Luiz	2008	Cevasco, Maria Elisa Burgos Pereira da Silva	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Tese	Direitos culturais e políticas públicas: os marcos normativos do Sistema Nacional da Cultura.	Oliveira, Danilo Júnior de	2015	Oliveira, Dennis de	Faculdade de Direito
Tese	A reinvenção do trabalhismo no 'vulcão do inferno': um estudo sobre metalúrgicos e têxteis de São Paulo. A fábrica, o bairro, o sindicalismo e a política (1950-1964)	Pereira Neto, Murilo Leal	2006	Iokoi, Zilda Marcia Gricoli	Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Tese	Debaixo do 'Pogressio': urbanização, cultura e experiência popular em João Rubinato e outros sambistas paulistanos (1951-1969)	Silva, Marcos Virgílio da	2011	Gitahy, Maria Lucia Caira	Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

UNESP – Universidade Estadual Paulista

Produção	Título	Autor	Ano	Orientação	Instituto
Artigo	Uma poética de contradições: mito e história nas Primeiras estórias de Guimarães Rosa	Liporaci, Vanessa Chiconeli	2009		
Artigo	Cultura, poder e subjetivação	Castro, Ana Lúcia de; Paoliello, Renata Medeiros	2013		
Artigo	O legado de Stuart Hall (1932-2014)	Castro, Ana Lúcia de	2013		
Artigo	O teatro inglês do pós-guerra	Gonçalves, Maria Magaly Trindade	1993		
Artigo	A estrutura do sentimento e das formas sócio-culturais: o sentido de literatura e de experiência para a sociologia da cultura de Raymond Williams	Filmer, Paul; Olivi, Leila Curi Rodrigues	2009		
Artigo	Londres: espaço mitificado na obra de Virginia Woolf?	Camargo, Jeferson Luiz	1992		
Artigo	Linguagem poética e crescimento urbano-industrial	Simon, Iumma Maria	1980		
Artigo	A cidade da flânerie, do vazio e da errância em Estorvo, de Chico Buarque	Ignácio, Ewerton de Freitas	2012		
Artigo	Os acervos históricos: guardar para que e para quem?	Silva, Zélia Lopes da	2006		
Artigo	A dissolução e a reinvenção do sentido de comunidade em Beuningen, Holanda	Frúgoli Jr., Heitor	2013		
Artigo	A hora dos intelectuais : literatura, política e engajamento no Brasil (1964-1967)	Czajka, Rodrigo	2013		
Artigo	As pesquisas no campo da Comunicação e os conceitos de cultura	Bertolli Filho, Claudio	2013		
Artigo	O Comando dos Trabalhadores Intelectuais e a formação das esquerdas culturais na década de 1960	Czajka, Rodrigo	2011		
Artigo	Por uma sociologia da música em Theodor Adorno	Czajka, Rodrigo	2013		
Artigo	Os sentidos da cirurgia estética: utilidade, futilidade, agência e/ou incorporação	Castro, Ana Lúcia de	2012		

Artigo	A revista civilização brasileira: projeto editorial e resistência cultural (1965-1968)	Czajka, Rodrigo	2010		
Artigo	Itinerários do bovarismo	Souza, Eliana Maria de Melo	2013		
Artigo	Identidade e estudos organizacionais: em direção a um novo paradigma?	Martins, Fernando Ramalho	2013		
Artigo	Produção e estética dos conteúdos televisivos em ambiente de convergência: o caso da TV Unesp	Médola, Ana Sílvia Lopes Davi	2012		
Artigo	Intelectuais, literatura e imprensa no pós-golpe	Czajka, Rodrigo	2014		
Artigo	Em busca de trajetórias intelectuais	Daufenback, Vanessa	2008		
Artigo	Cultura e tecnologia: a constituição do serviço telegráfico no Brasil	Maciel, Laura Antunes	2001		
Cap.	Jogos digitais enquanto tecnologia social: um novo horizonte para a comunicação	Zambon, Pedro Santoro; Carvalho, Juliano Maurício de	2019		
Dissertação	Dois cisnes à procura de um personagem: uma leitura pirandelliana do filme Cisne Negro	Santos, Carlos Felipe da Silva dos	2014	Betella, Gabriela Kvacek	Letras - FCLAS
Dissertação	O Brasil que não é bem assim: representações do Brasil na cobertura da Copa do Mundo 2014 pelo jornal The Guardian	Vieira, Maria Carolina Silva Rocha	2016	Vicente, Maximiliano Martin	Comunicação - FAAC
Dissertação	Materialidades na dramaturgia contemporânea: o Prêmio Shell em São Paulo (2005 - 2015)	Gomes, Marcos Nogueira	2017	Lázaro de Ortecho Ramírez, José Manuel	Artes - IA
Dissertação	Crítica e autocrítica da modernidade: crise civilizatória e utopia anticapitalista em Michael Löwy	Querido, Fabio Mascaro	2011	Pinassi, Maria Orlanda	Ciências Sociais - FCLAR
Dissertação	O fazer intelectual brasileiro (1930-1946): Rachel de Queiroz e o Congresso de 1946	Alves, Plauto Daniel Santos	2015	Pinheiro, Marcos Sorrilha	História - FCHS
Dissertação	Arthur Poerner entre estudantes e intelectuais (1965-1968): representações intelectuais no jornal Folha da Semana e no livro O Poder Jovem	Castro, Thiago Bicudo	2016	Czajka, Rodrigo	Ciências Sociais - FFC
Dissertação	O naturalismo como técnica de representação realista: uma proposta teórico-crítica para BaléRalé, de Marcelino Freire	Silva, Paulo Ricardo Moura da	2016	Scheel, Márcio	Letras - IBILCE

Dissertação	"É tudo baiano, mas é misturado": dinâmica migratória em Américo Brasiliense, aspectos de um problema nacional	Almeida, Iara Lalesca Calazans de	2020	Paoliello, Renata Medeiros	Ciências Sociais - FCLAR
Dissertação	Palmeira do mangue não vive na areia de Copacabana: o samba do Estácio e a formação de uma esfera pública popular em fins dos anos 1920	Paiva, Carlos Eduardo Amaral de	2009	Souza, Eliana Maria de Melo	Ciências Sociais - FCLAR
Dissertação	"Enquanto governa a maldade, a gente canta a liberdade": Coletivo de Cultura do MST: caminhos para a criação de uma cultura contra-hegemônica	Brennand, Evelaine Martines	2017	Castro, Bernadete Aparecida Caprioglio de	Desenvolvimento territorial na América Latina e Caribe - IPPRI
Dissertação	Manifestações do herói trágico em O tempo e o vento	Borgato, Raphael	2011	Maas, Wila Patrícia Marzari Dinardo	Estudos Literários - FCLAR
Dissertação	A linguagem da violência nos contos de Famílias terrivelmente felizes de Marçal Aquino	Mendes, Fábio Marques	2014	Scheel, Márcio	Letras - IBILCE
Dissertação	'Procura-se Mecenas': música independente e indústria fonográfica na trajetória artística do Grupo Um (1976 -1984)	Ruiz, Renan Branco	2017	Fenerick, José Adriano	História - FCHS
Dissertação	A gastronomia como bem simbólico e fator de distinção: uma análise do caderno Paladar, do jornal O Estado de São Paulo	Brait, Paula Malatian	2010	Ventura, Mauro de Souza	Comunicação - FAAC
Dissertação	Do Cinema Novo à Política Nacional de Cultura: a representação dos nordestinos do Brasil sob o olhar de Nelson Pereira dos Santos (1960-1980)	Medeiros, Carlos Gabriel Sardinha de	2020	Silva, Marcia Pereira da	História - FCHS
Dissertação	Operários e camponeses: a repercussão da Revolução Mexicana na imprensa operária brasileira (1910-1920)	Sousa, Fábio da Silva	2010	Barbosa, Carlos Alberto Sampaio	História - FCLAS
Dissertação	Narrativa bíblica no audiovisual: uma análise da tradução intersemiótica na telenovela Os Dez Mandamentos	Souza, Thiago José de	2017	Médola, Ana Silvia Lopes Davi	Comunicação - FAAC
Dissertação	O projeto Machadianas: Machado de Assis, o Ágora Teatro e a narrativa em cena	Frin, Luiz Eduardo	2012	Mate, Alexandre Luiz	Artes - IA
Dissertação	A crítica da elite letrada à incorporação do homem-massa na Argentina na década de 1940: a Revista Sur em confronto com o Peronismo	Tedesco, Alexandra Dias Ferraz	2012	Ággio, Alberto	História - FCHS

Dissertação	A utilização da internet nos espaços de acesso livre sob a perspectiva dos estudos culturais latinos-americanos	Brumatti, Vitor Pachioni	2012	Vicente, Maximiliano Martin	Comunicação - FAAC
Dissertação	O som livre na TV Cultura: o programa A Fábrica do Som na difusão da música jovem, 1983-1984	Alves, Rafael Paiva	2017	Busetto, Áureo	História - FCLAS
Dissertação	As místicas do MST: aspectos formais, políticos e organizativos da construção estética do território	Barbosa, Luciano Carvalho	2019	Villas Bôas, Rafael Litvin	Desenvolvimento territorial na América Latina e Caribe - IPPRI
Dissertação	Tempo quente: produção e recepção da violência	Polesel, Célia Regina	2008	Bertolli Filho, Cláudio	Comunicação - FAAC
Dissertação	Uma leitura geográfica da educação no campo: o caso da Escola Municipal Agrícola de Rio Claro - SP	Melo, Silas Nogueira de	2012	Ferreira, Darlene Aparecida de Oliveira	Geografia - IGCE
Dissertação	A canção oculta: um estudo sobre a Vanguarda Paulista	Santos, Anája Souza	2015	Fenerick, José Adriano	História - FCHS
Dissertação	Arquitetura de palavras: espaço e espacialidade em A Capital! de Eça de Queiroz	Barbieri, Cláudia	2008	Barbosa, Sidney	Estudos Literários - FCLAR
Dissertação	Deslocamento, interculturalidade e transitividade migratória em filmes dirigidos por Karim Aïnouz	Medeiros, André Aparecido	2018	Cabral, Raquel	Comunicação - FAAC
Dissertação	As estratégias discursivas da comunicação dirigida em pontos de venda do HSBC	Ceschin, Michelle Beatriz Godoy Santos	2016	Médola, Ana Sílvia Lopes Davi	Comunicação - FAAC
Dissertação	A Discoteca Pública Municipal de São Paulo: um projeto modernista para a música nacional	Moya, Fernanda Nunes	2010	Machado, Carlos Eduardo Jordão	História - FCLAS
Dissertação	Alma do espetáculo ou público pagante?: uma análise culturoológica sobre as representações do torcedor de futebol na mídia esportiva impressa	Cintra Sobrinho, David	2005	Bertolli Filho, Cláudio	Comunicação - FAAC
Dissertação	O pós-moderno e a relação entre literatura e história em Running dog, de Don DeLillo	Ribeiro, Rejane de Almeida	2006	Fernandes, Giséle Manganelli	Letras - IBILCE
Dissertação	As políticas de fomento à cultura no município de Franca: uma análise das políticas de fomento à cultura no município de Franca/SP pós-redemocratização do Brasil	Mamedio, João Batista	2018	Mendes, Alexandre Marques	Planejamento e Análise de Políticas Públicas - FCHS

Dissertação	Comunicação intercultural em empresas de treinamento de profissionais em processo de internacionalização	Gomes, Alana Carolina	2019	Cabral, Raquel	Comunicação - FAAC
Dissertação	Companhia Estável de Teatro: a práxis como processo de criação	Szot, Daniela Gianpietro	2016	Mate, Alexandre Luiz	Artes - IA
Dissertação	O teatro político de rua praticado pelos coletivos ALMA e Dolores: estéticas de combate e semeadura	Araújo, Alexandre Falcão de	2013	Mate, Alexandre Luiz	Artes - IA
Dissertação	Educação e trabalho em movimentos sociais: princípios educativos transcendentais e comuns ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), aos socialistas utópicos owenistas e aos cartistas britânicos	Silva, Cláudio Rodrigues da	2014	Ri, Neusa Maria Dal	Educação - FFC
Dissertação	Cia. Arthúmus de Teatro: as raízes sociais e poéticas da fertilidade artística	Guimarães, Natália	2016	Romano, Lúcia Regina Vieira	Artes - IA
Dissertação	A cultura participativa no YouTube: relação entre ídolos-fãs em canais brasileiros	Souza, Caroline Mazzer de	2020	Gobbi, Maria Cristina	Comunicação - FAAC
Dissertação	Mediação da leitura em bibliotecas públicas	Rasteli, Alessandro	2013	Cavalcante, Lídia Eugênia	Ciência da Informação - FFC
Dissertação	Documentários e redes sociais na televisão digital	Ricciardi, Marina Stempniewski	2011	Médola, Ana Sílvia Lopes Davi	Televisão Digital: Informação e Conhecimento - FAAC
Dissertação	História da construção do conceito de evolução biológica: possibilidades de uma percepção dinâmica da ciência pelos professores de biologia	Meglhioratti, Fernanda Aparecida	2004	Bortolozzi, Jehud; Caldeira, Ana Maria de Andrade	Educação para a Ciência - FC
Dissertação	De coadjuvante a protagonista? Os desafios da diversidade cultural, da produção audiovisual independente e regional na TV Paga	Pessotto, Ana Heloiza Vita	2016	Kerbauy, Maria Teresa Miceli	Comunicação - FAAC
Dissertação	Assombros e escombros da modernidade no teatro de Hilda Hilst	Zago, Carlos Eduardo dos Santos	2012	Martins, Gilberto Figueiredo	Letras - FCLAS
Dissertação	Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia	Chã, Ana Manuela de Jesus	2016	Villas Bôas, Rafael Litvin	Desenvolvimento Territorial na

					América Latina e Caribe - IPPRI
Dissertação	Febre na selva: a Amazônia na interpretação de Euclides da Cunha	Ribeiro, Fabrício Leonardo	2007	Naxara, Márcia Regina Capelari	História - FCHS
Dissertação	Linguagens urbanas e modernidade na Babel amalucada: cartas caipiras em periódicos paulistanos (1900-1926)	Rodrigues, Beatriz	2015	Naxara, Márcia Regina Capelari	História - FCHS
Dissertação	O galope nordestino diante do parque industrial: o projeto estético do Quinteto Armorial no Brasil moderno	Santos, Nívea Lins	2015	Fenerick, José Adriano	História - FCHS
Dissertação	Entre o mito e a técnica: representações de natureza em fontes fotográficas (Londrina, 1934-1944)	André, Richard Gonçalves	2006	Camargo, Célia Reis	História - FCLAS
Dissertação	A linguagem da violência nos contos de Famílias terrivelmente felizes de Marçal Aquino	Mendes, Fábio Marques	2014	Scheel, Márcio	Letras - IBILCE
Dissertação	Relações de Trabalho no Assentamento Contestado (PR): Contradições de Classe e Desafios analíticos	Orzekovski, Nei	2014	Thomaz Júnior, Antonio	Geografia - FCT
Dissertação	Da enciclopédia à Wikipédia: o conhecimento em circulação	Cezario, Natalia Trevisan	2011	Valdemarin, Vera Teresa	Educação Escolar - FCLAR
Dissertação	Práticas de leitura de estudantes do curso de pedagogia: entre apropriações e formalidades	Silva, Aline Ramiro da	2015	Valdemarin, Vera Teresa	Educação - IBRC
Dissertação	Ensino primário tipicamente rural no Estado de São Paulo: um estudo sobre as Granjas Escolares, os Grupos Escolares Rurais e as Escolas Típicas Rurais (1933-1968)	Moraes, Agnes Iara Domingos	2014	Souza, Rosa Fátima de	Educação - FFC
Dissertação	O livro didático e o ensino de História em uma escola pública situada no interior paulista	Zacheu, Aline Aparecida Pereira	2015	Celeste Filho, Macioniro	Docência para a Educação Básica - FC
Dissertação	Narrativas negadas: estratégias de resistência à discriminação planejada	Brito, Marlene Oliveira	2017	Machado, Vitor	Docência para a Educação Básica - FC
Dissertação	A Educação do Campo e Pedagogia da Alternância no Centro Familiar de Formação por Alternância de Pinheiros-ES: Possibilidades	Oliveira, Gutemberg Gomes de	2016	Vieira, Noemia Ramos	Desenvolvimento Territorial na

	pedagógicas de superação da fragmentação campo/cidade				América Latina e Caribe - IPPRI
Dissertação	Televisão digital: interação e usabilidade	Teixeira, Lauro Henrique de Paiva	2008	Médola, Ana Sílvia Lopes Davi	Comunicação - FAAC
Dissertação	Deslocamento, interculturalidade e transitividade migratória em filmes dirigidos por Karim Aïnouz	Medeiros, André Aparecido	2018	Cabral, Raquel	Comunicação - FAAC
Dissertação	Do palco à mídia: análise estética dos discursos jornalísticos sobre dança	Lovato, Gabriela Alvarenga	2020	Barros, Laan Mendes de	Comunicação - FAAC
Dissertação	A tradição legitimada: um estudo sobre o suplemento literário sabático, do jornal O Estado de S. Paulo	Souza, Karla Beraldo de	2012	Ventura, Mauro de Souza	Comunicação - FAAC
Dissertação	Cultura e violência: autores, polêmicas e contribuições da literatura marginal	Silva, Rogério de Souza	2006	Lahuerta, Milton	Ciências Sociais - FCLAR
Dissertação	O teatro político de rua praticado pelos coletivos ALMA e Dolores: estéticas de combate e sementeira	Araújo, Alexandre Falcão de	2013	Mate, Alexandre Luiz	Artes - IA
TCC	A programação em tempos de ubiquidade televisiva: um estudo direcionado ao plano de distribuição de conteúdos da TV UNESP	Velloso, Fernando Araújo	2017	Médola, Ana Sílvia Lopes Davi	FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
TCC	A implantação da televisão digital terrestre na Espanha	Nascimento, Raphael Rodrigues	2012	Carvalho, Juliano Maurício de	Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação.
TESE	Tensões e ajustes entre tradição e modernidade nas definições de padrões da música sertaneja entre os anos 50 e 70	Araújo, Lucas Antonio de	2014	Garcia, Tania da Costa	História - FCHS
Tese	Telejornalismo e sites de redes sociais: um estudo sobre as mudanças recentes no modo de endereçamento do Jornal Nacional	Bevilaqua, Leire Mara	2019	Ventura, Mauro de Souza	Comunicação - FAAC
Tese	Uma estrutura de sentimento em tempos autoritários: o romantismo no cancionário de Zé Rodrix (1967-1979)	Sousa, Rainer Gonçalves	2020	Pinheiro, Marcos Sorrilha	História - FCHS

Tese	Leituras do trágico sob a perspectiva do romance realista: um estudo sobre Madame Bovary e Anna Kariênina	Borgato, Rafael	2019	Maas, Wila Patrícia Marzari Dinardo	Estudos Literários - FCLAR
Tese	Realismo e intimismo no romance brasileiro: o conceito de técnica introdiccionista a partir da perspectiva do discurso interior	Silva, Paulo Ricardo Moura da	2020	Scheel, Márcio	Letras - IBILCE
Tese	O uso dos dispositivos móveis e da internet como parte da cultura escolar de estudantes universitários	Lopes, Eduarda Escila Ferreira	2018	Valdemarin, Vera Teresa	Educação - IBRC
Tese	Mark Twain: um patriota antiimperialista e seu relato de viagem em The innocents abroad or the new pilgrim's progress	Doca, Heloisa Helou	2006	Cairo, Luiz Roberto Velloso	Letras - IBILCE
Tese	Representação do trabalho e trabalho de representação em narrativas seriadas televisivas norte-americanas	Carvalho, André Ferreira Gomes de	2018	Fernandes, Giséle Manganelli	Letras - IBILCE
Tese	Visões de ruralidades: personagens, paisagens e contextos em obras literárias	Kim, Hyung Mi	2013	Oliveira, Bernadete Aparecida C. Castro	Geografia - IGCE
Tese	Black Paul: a soul music no Brasil nos anos 1970	Paiva, Carlos Eduardo Amaral de	2015	Souza, Eliana Maria de Melo	Ciências Sociais - FCLAR
Tese	Vozes de trabalhadores na ditadura civil-militar: ensaios sobre literatura, memória e testemunho	Medina, Ettore Dias	2014	Souza, Eliana Maria de Melo	Ciências Sociais - FCLAR
Tese	Nacionalismo musical e brasilidade: uma revisão	Frungillo, Mário D	2014	Kerr, Dorotéa Machado	Música - IA
Tese	Nostalgia, fuga, prisão: campo e cidade em três romances brasileiros do século XX	Ignácio, Ewerton de Freitas	2008	Junior, Arnaldo Franco	Letras - IBILCE
Tese	A prosa literária de Bruno de Menezes em perspectiva dialógica	Aquino, Ana Cleide Guimbal de	2014	Marchezan, Renata Coelho; Soares, Henrique Silvestre Filho, Odil José de Oliveira	Linguística e Língua Portuguesa - FCLAR
Tese	Elementos do trágico em Eça de Queirós: A tragédia da Rua das Flores e Os Maias	Leal, Luciana Ferreira	2006	Fernandes, Giséle Manganelli	Letras - FCLAS
Tese	Produção Cultural em Rondônia: a significação do cotidiano pelo viés literário	Klein, Geane Valesca da Cunha	2016	Naxara, Márcia Regina Capelari	Letras - IBILCE
Tese	A fabricação do urbano: civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha-MG (1888-1929)	Dantas, Sandra Mara	2009	Tosi, Pedro Geraldo Saadi	História - FCHS
Tese	Da fotografia na cidade a cidade na fotografia: Ribeirão Preto 1891-1923	Marques, Higina Teixeira	2015		História - FCHS

Tese	Épica, em perspectiva, miscigenada e malandra: mergulhos em processos criativos da Cia. Livre e da Cia. Teatro Balagan trazem à tona forma de produção do sujeito teatro de grupo paulistano	Frin, Luiz Eduardo	2017	Mate, Alexandre	Artes - IA
Tese	O paraíso atrasado: a construção do rural no Brasil através do imaginário geográfico	Maia, Adriano Corrêa	2015	Ferreira, Darlene Aparecida de Oliveira	Geografia - IGCE
Tese	Entre a sacristia e o laboratório: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942)	Lima, Éber Ferreira Silveira	2008	Ferreira, Antonio Celso	História - FCLAS
Tese	“Tchau, querida”: os enquadramentos do Jornal Nacional no processo de impeachment	Castanheira, Karol Natasha Lourenço	2018	Bertolli Filho, Cláudio	Comunicação - FAAC
Tese	Aspectos do interesse pela leitura literária: uma análise documental e ficcional dos escritos de Machado de Assis para O Cruzeiro (1878)	Teixeira Júnior, Nelson de Jesus	2019	Granja, Lucia	Letras - IBILCE
Tese	As associações de alunos das escolas normais do Brasil e de Portugal: apropriação e representação (1906-1927)	Serra, Áurea Esteves	2010	Nery, Ana Clara Bortoleto	Educação - IBRC
Tese	Além do rural: os vínculos topo-biofílicos na interação visitantes e paisagem rural em Itu - SP	Santos, Vera Lúcia dos	2005	Machado, Lucy Marion Calderini Philadelpho	Geografia - IGCE
Tese	A natureza no discurso fotográfico da revista O Cruzeiro: paisagens e imaginários no Brasil desenvolvimentista 1954-1961	Romanello, Jorge Luiz	2006	Camargo, Célia Reis	História - FCLAS
Tese	O Fio de Ariadne e o labirinto da internet: geografia e tecnologia: a dialética virtual x real, as redes e as ruas: o ciberespaço como dimensão socioespacial	Figueiredo, Wellington dos Santos	2020	Magnoni, Maria da Graça Mello	Mídia e Tecnologia (doutorado) - FAAC
Tese	Arte sem fronteiras. Londres, Berlim, São Paulo e Rio de Janeiro: olhares estéticos e capitalistas sobre as células do poder lícito e ilícito (séculos XVIII e XX)	Rocha, Denise	2004	Azevedo, Silvia Maria	Letras - FCLAS
Tese	Os processos formativos de estudantes universitários paranaenses e suas relações com os artefatos digitais: uma proposta de mediação didática colaborativa baseada na cognição distribuída	Moraes, Dirce Aparecida Foletto de	2017	Lima, Claudia Maria de	Educação - FCT

Tese	Entre Verdugos e Sedutores: Modernidade e (Des) Mascaramento na Prosa de Hilda Hilst	Zago, Carlos Eduardo dos Santos	2018	Martins, Gilberto Figueiredo	Letras - FCLAS
Tese	A circulação das ideias do movimento pela ruralização do ensino no Brasil (1930-1950)	Moraes, Agnes Iara Domingos	2019	Souza, Rosa Fátima	Educação - FFC
Tese	Educação em movimentos sociais: princípios educativos comuns ao movimento zapatista e ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)	Silva, Cláudio Rodrigues da	2019	Dal Ri, Neusa Maria	Educação - FFC
Tese	Itinerários, estruturas de sociabilidades e ação política: intelectuais de São Paulo na crise do Império (1875-1889)	Correa, Rubens Arantes	2014	Malatian, Teresa Maria	História - FCHS
Tese	A etnografia literária de Guimarães Rosa	Mendonça, Elizabeth da Silva	2018	Falleiros, Flávia Nascimento	Letras - IBILCE
Tese	Representação do trabalho e trabalho de representação em narrativas seriadas televisivas norte-americanas	Carvalho, André Ferreira Gomes de	2018	Fernandes, Giséle Manganelli	Letras - IBILCE
Tese	As festas na constituição do sentido de lugar nos bairros rurais dos municípios paulistas de Cordeirópolis e Piracicaba	Oliveira, Cibele Marto de	2017	Ferreira, Darlene Aparecida de Oliveira	Geografia - IGCE
Tese	Estética romântica germânica e a paisagem em Humboldt: percurso da geografia	Barbosa, Túlio	2011	Nunes, João Osvaldo Rodrigues	Geografia - FCT
Tese	A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudoeste goiano	Mendonça, Marcelo Rodrigues	2004	Júnior, Antonio Thomaz	Geografia - FCT
Tese	Telejornalismo e sites de redes sociais: um estudo sobre as mudanças recentes no modo de endereçamento do Jornal Nacional	Bevilaqua, Leire Mara	2019	Ventura, Mauro de Souza	Comunicação - FAAC
Tese	Natureza, tempo livre e administração social: uma análise das práticas de lazer em Carrancas/MG	Farias, Márcio Norberto	2008	Franco, Renato Bueno	Ciências Sociais - FCLAR